



INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS
LATINO-AMERICANOS (PPG IELA)

QUEM ACALANTA ESTA TERRA?
Cantigas de Ninar para A - COR - DAR

ISABEL MATTOS SCHMIDT

Foz do Iguaçu
2023

INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS
LATINO-AMERICANOS (PPG IELA)

QUEM ACALANTA ESTA TERRA?
Cantigas de Ninar para A - COR - DAR

ISABEL MATTOS SCHMIDT

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Estudos Latino-Americanos.

Orientador: Prof. Dr^a Cristiane Checchia
Coorientador: Prof. Dr. Mario René Rodríguez Torres

Foz do Iguaçu
2023

ISABEL MATTOS SCHMIDT

QUEM ACALANTA ESTA TERRA?
Cantigas de Ninar para A-COR-DAR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Estudos Latino-Americanos.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof. Dr^a Cristiane Checchia
UNILA

Coorientador: Prof. Dr. Mario René Rodriguez Torres
UNILA

Prof. Dr. Felix Ceneviva Eid
UNILA

Prof. Dr. Gerson Ledezma Meneses
UNILA

Foz do Iguaçu, ____ de _____ de _____.

Catálogo elaborado pelo Setor de Tratamento da Informação
Catálogo de Publicação na Fonte. UNILA - BIBLIOTECA LATINO-AMERICANA - PTI

S349

Schmidt, Isabel Mattos.

Quem acalanta esta terra? Cantigas de Ninar para A - COR - DAR / Isabel Mattos Schmidt. - Foz do Iguaçu - PR, 2023.

176 f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos.

Orientadora: Cristiane Checchia.

Coorientador: Mario René Rodríguez Tor.

1. Cantigas de ninar. 2. Marcadores de opressão. 3. Pedagogia Gríó. 4. Decolonialidade. I. Checchia, Cristiane. II. Tor, Mario René Rodríguez. III. Título.

CDU 784.4(8)

*Dedico a quem com coragem
escuta e
segue a
voz do
coração
criança*

PEÇO A BENÇÃO

Às crianças que em roda ainda sentam, escutam, contam, olham, provam, dançam, tocam, cantam, encantam. Sentem.

Aos que vieram antes, aos que virão depois e aos por aqui de passagem. Invisíveis sopradores, seres encantados. Entes.

À natureza, céu e terra, fogo e ar, água, universo animal, vegetal, mineral, elementos.

Aos que seguram os céus, cuidam das matas, florestas, montanhas, rios e mares, aos que conversam com os universos. Sábios.

Aos muitos *Nós* que estão em mim:

As minhas mais velhas, mais velhos, na figura ancestral das bisas, avós, avôs, tias, tios; e aos mais novos, primos, irmãos, parentes. Meu pai. Minha mãe.

Ao meu companheiro de vida, filho, nora, neta. Laços.

Aos educadores, educadoras, desde a infância, orientadores dos passos nas escolas formais e informais por onde andei, sentei, escutei; aos de agora por onde hoje caminho em uma troca constante de saber. Instigadores.

A bondade amorosa das que se fizeram amigas e amigos e das dores e alegrias partilharam e seguem na troca. Afeto.

A você que agora nesta “roda” entra e junto se põe a girar.

Ao sagrado em nós, ao encantamento, à resistência, à existência de quem permanece acreditando que a utopia é o sonho possível; aos que embalam a mãe - Terra.

*De todos os hinos
entoados em louvor as revoluções
nos campos de batalhas,
nenhum, por mais belo que seja,
tem a força das canções de ninar
cantada no colo das mães*

Sérgio Vaz

RESUMO

Entender as canções de ninar, os acalantos com seu ritmo, seu embalar, como uma harmonia de cura, um canto que em seu soar traga paz e sintonia entre os seres humanos e a natureza, um entoar que toque na ferida colonial e busque sons ancestrais, um cantar para desoprimir, *almar* a Terra. O que direciona a pesquisa através desta linguagem de escuta, de contato, de afeto; leva a um tempo não linear e a pensar o acalanto em sua subjetividade que agora junto com as leituras decoloniais, musicais, educacionais, que me atravessam, constroem a ideia de: Quem acalanta esta Terra?

A estrutura do trabalho é feita em rodas que seguem a curva da vivência da Pedagogia Griô, idealizada por Lillian Pacheco, que nos leva a buscar a afirmação da expressão identitária e o vínculo com a ancestralidade usando o caminho das músicas e dos saberes da tradição oral pensados para cada etapa vivencial, colocando no centro da roda a diversidade que nos constitui, a consciência comunitária.

Palavras-chave: cantigas de ninar; marcadores de opressão; decolonialidade; pedagogia Griô; saberes ancestrais.

RESUMEN

Entender las canciones de cuna con su ritmo mecedor, como una armonía de cura, un canto que en su melodía traiga paz y sintonía entre los seres humanos y la naturaleza, en un entonar que toque la herida colonial y busque sonidos ancestrales, un canto para liberar y enternecer a la Tierra. Lo que direcciona la investigación a través de este lenguaje de escucha, de contacto, de afecto, lleva a un tiempo no lineal y a pensar el canto de cuna en su subjetividad que ahora, junto con las lecturas decoloniales, musicales, educativas, que me atraviesan, construyen a la idea de: Quien acuna esa/esta Tierra?

La estructura del trabajo es realizada en rondas que siguen la curva de la vivencia de la Pedagogía Griô, ideada por Lillian Pacheco, que nos lleva a buscar la afirmación de la expresión identitaria y el vínculo con la ancestralidad, empleando el camino de la música y de los saberes de tradición oral, pensados para cada etapa vivencial, colocando en el centro de la ronda la diversidad que nos constituye, la conciencia comunitaria.

Palabras claves: verso de cuna; marcadores de opresión; decolonización; pedagogía Griô; saberes ancestrales.

ÑEMOMBYKY

Purahéi mita ra'y oke hagua, ojaho'iva, omo kunu'uva ha ipu pora asyva, purahéi ojehe'ava tekoha ha yvypora rehe ojepuraheiro ombotava tembyasy colonial - rehe ha ohekava tyapu tamoikuera. Petei purahéi ombojehe'ava ñe'a ha yvy. Ko'aa ha'e omoguatava ko tembiapo, ñe'erupive, ñehendurupive ha purahéi rupive, oguerehava ára ha arandu purahéi mita ra'ype guara reheve porandu he'ive peicha: Mávapa opurahéi ñande yvy ?¹

Ñe'e akyta: Purahéi mita ra'ype guara/ karai reko/ tete-kuña, mita ñemokakuaa/ jejopy haiha/Yvy-ñangareko/ tekoha ñangareko/ñe'e /ñe'a.

¹ Escute aqui o resumo em Guarani: https://youtu.be/6M9tE6lKVmg?si=iVbiefsHOFv_p6pe
Tradução para o Guarani realizada pela amiga Leidy Janina Recalde Godoy
<https://www.escavador.com/sobre/498527/leidy-janina-recalde-godoy>

CURVA DA VIVÊNCIA - Sumário

INTRODUÇÃO - Trilha p.12

TRILHA - Introdução p.18

1. ENCANTAMENTO (p.26)

CHEGANÇA p.29

Acalantos em Roda..... p.30

2. VIVÊNCIA (p.33)

ABERTURA p.35

RODA 1: A ORIGEM da música: MITOS ou VERDADES p.36

Acalantos e o Horror - O Silêncio e o Medo p.40

INTEGRAÇÃO p.48

RODA 2: DIVERSITAS p.49

Boi: Qual é a tua cor?... p.53

ATIVACÃO p.66

RODA 3: MÃOS QUE EMBALAM - Mecen p.67

Quero colo: mi (a) mar, so (m) ar p.72

IDENTIDADE p.83

RODA 4: ALTER-NATIVAS p.84

En-Canto p.92

HARMONIZAÇÃO..... p.106

RODA 5: GIRA - VIRA - VOLTA p.107

Entre-Laços p.110

EMBALO p.118

RODA 6: Uma Roda Só - VÊ (n) TRE p.119

3. RITUAIS DIALÓGICOS (p.124)

A TROCA na RODA p.127

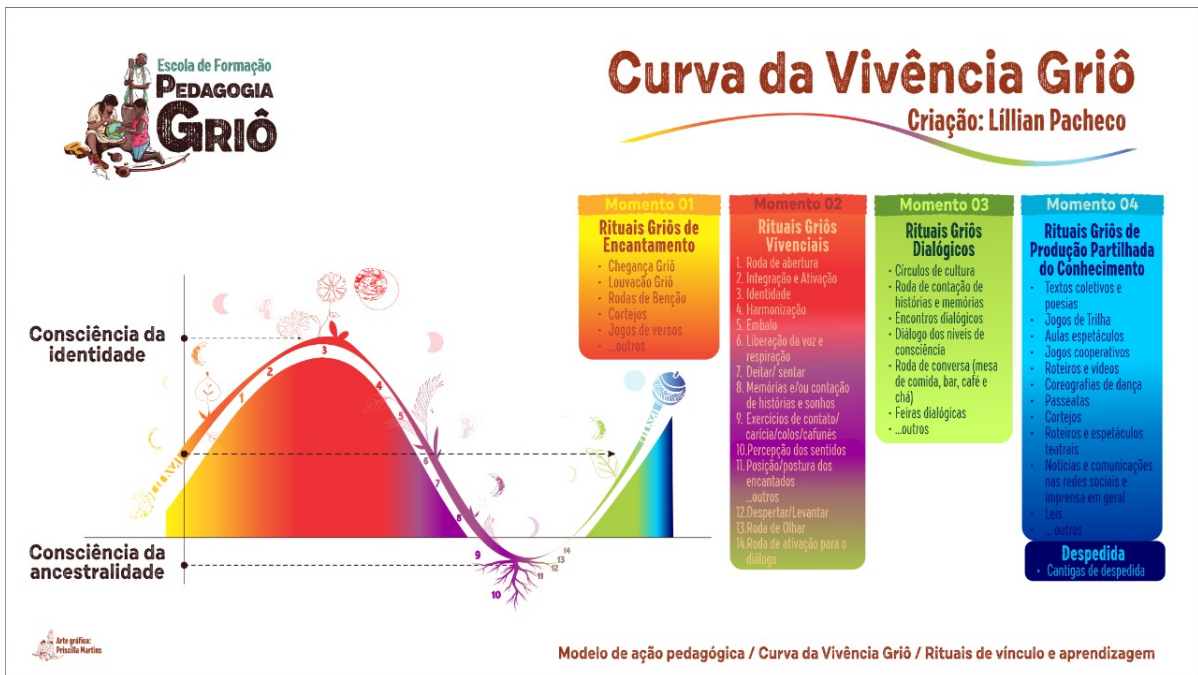
Roda Pequena - Tentilhão é Acalanto p.131

4. PRODUÇÃO PARTILHADA (p.141)

PASSOS para (In)CONCLUSÃO - 6 passos p.143

PARTILHA - Referências p.161

O gráfico da curva da Vivência² foi idealizado por Lillian Pacheco e aqui nesta pesquisa possibilita uma visualização do caminho por onde as rodas irão transitar, espero com a imagem facilitar a leitura do texto para quem seguir essa trilha.



Abaixo uma visão simplificada³ de como utilizar a curva da vivência para orientação da leitura



² PACHECO, Lillian. Curva da Vivência. In: _____. Pedagogia Griô. Lençóis: Escola de Formação em Pedagogia Griô, 2021. No prelo.

³ Curva desenhada pela autora da tese para delinear a perspectiva da curva por ela utilizada.

INTRODUÇÃO - TRILHA

"Então quando eu falo de mudança de hábito, e que isso dói como trocar de pele, eu digo que já passou da hora da gente começar a ter coragem de realmente fazer um equilíbrio – eu chamo isso até de um certo pacto – que seria você conseguir equilibrar o sopro de amor que sai da nossa boca quando a gente fala – as nossas ideias, as nossas inquietações, os nossos sonhos – equilibrar esse sopro de palavra com o compasso dos nossos pés, da nossa caminhada na Terra. Porque não adianta minha boca ir para lá e meu pé vir para cá. Esse equilíbrio entre o que a gente fala e para onde a gente anda é o que precisa nortear essa nossa coragem e compromisso ético com a gente mesmo, com os nossos filhos e com todos os outros seres."⁴

(Cristine Takuá, filósofa, educadora e artesã indígena)

Muitas vezes me sinto assim como se vento fosse.

Tem os dias do vento suave, brisa leve, em que solto palavras em linha.

Mas em outros o vento teima e venta redemoinho e me saem palavras tortas, enrodilhadas, circulares, como aqueles ventos que levantam poeira dos descampados, das estradas de chão, tufão.

Em outros ainda é vento tempestade que sem rumo vai levando o que encontra pela frente.

Assim que preparem-se, tentei de verdade só soltar brisa leve como a que sentimos em frente ao mar, na rede, deitados na relva, fim de tarde, totalmente compreensível, sem grandes esforços vamos assim embalados, como as cantigas essas, de ninar.

Porém esta não seria eu, a que apesar de bem vivida, vive cheia de crianças por dentro, que não me deixam ser a que não pergunta; a curiosidade me incita a trilhar mil caminhos, desvendar, descobrir, realizar movimentos como aqueles de levantar a pedra e observar o “*pequeno inseto*” que embaixo dela vive, ação que equiparo ao buscar algo novo, diferente, para se encantar com o mundo outra vez; este vasto mundo da leitura, da pesquisa.

Portanto, apesar de detestar coisas fragmentadas, me vejo aqui na escrita cheia de pedaços inconclusos, ideias iniciadas e não totalmente desenvolvidas, as quais deixo para alguma outra “criança” curiosa terminar ou reiniciar a escrita. Muitas também serão as perguntas, perguntadas e não respondidas.

⁴ SERES CRIATIVOS DA FLORESTA Cristine Takuá Disponível em https://selvagemiclo.com.br/wp-content/uploads/2020/11/CADERNO_4_TAKUA.pdf acesso em 25 de agosto de 2023.

Entenda este momento como tempo do vendaval, do vento forte que passa soprando. Talvez gelado como aquele dos pampas de onde vim, o Minuano, ou quente como esse que por estas terras sopra, anunciando a chuva que está chegando.

Mas ...como toda história, e pesquisa é uma, necessita um começo, mesmo que fim não tenha, vou iniciar com um vento leve e bem linear.

Pesquisas e a prática de acalantar realizada desde séculos comprovam e trazem, o ninar, embalar e cantar para acalmar e fazer dormir aos bebês, a música e o canto como importantes na formação das crianças, que desde o ventre têm a capacidade de perceber, sentir, escutar o que é para elas cantado.

Este estudo tem o intuito de desvendar, discutir, analisar se estas canções de cuna, de embalar, trazem implicações futuras em relação ao que se está cantando, se as palavras murmuradas são percebidas cognitivamente, seriam importantes em tão tenra idade os dizeres que em muitas destas cantigas trazem o medo como o que irá fazer aquietar o bebê; o bicho papão, o murucututu, o diablo branco, a cuca, o tutu, que são em inúmeras canções encontrados e abarcam diferentes culturas e tempos, o medo causa um adormecer?

Outras tem como tema a religião, a Virgem, São José, os santos, e onde ficaram os cantos para Oxum, Iemanjá, Ogum? Os que falam do terreiro, dos filhos da umbanda, do candomblé, dos espíritos que vivem nas matas e rios, não cantam? Não adormecem suas crianças? Quais cantigas servem? Eruditos acalantos ou populares canções de ninar?

Enquanto escrevo lembro a canção aprendida ali na roda Griô, nestes tempos virtuais⁵, mas que mesmo assim me faz sentir em roda, com Lillian Pacheco, Márcio Caires e os que com eles caminham nesta reinvenção da roda; embalada internamente escuto “*Sou de Nanã, euá, euá, euá, é /Sou de Nanã, euá, euá, euá, é*”... *Cordeiro de Nanã*⁶. Mateus Aleluia canta neste link que disponibilizo na nota de

⁵ Iniciei o mestrado no ano que se fez pandêmico, o curso que seria presencial foi para o virtual, tanto o da Pedagogia Griô, quanto o mestrado do IELA, assim que “muitas águas rolaram”, e escrevo agora em 2023 esta nota.

⁶Nanã é um importante orixá feminino relacionado com a origem do homem na Terra. O seu domínio se relaciona com as águas paradas, os pântanos e a terra úmida. Do ponto de vista divino, sua relação com o barro, mistura de água e terra, coloca essa divindade nos domínios existentes entre a vida e a morte. Nanã é considerada a mãe de todos orixás, por ser a mais antiga entre eles.

rodapé⁷ mas as vozes que escuto são de Carol, Heráclito, Gabi, mestre Dilermando, e a minha junto a eles e elas.


Busco também por outros cantares e melodias que tragam um ritmo sonoro distinto do considerado culto, hegemônico, no caso, ocidental.


Desenvolvimento sonoro e cerebral estão de alguma forma interligados? Como o cérebro recebe e processa formas diferentes, diversas da sua cultura e padrão sonoro? Existe uma memória musical? Pode o ato de acalantar ser um silenciador de vidas, uma forma de subjugar mulheres, mulheres negras, indígenas, pobres, homens indígenas, negros, crianças, corpos? Quem não ocupa esta grande roda? Quem pertence ao pequeno círculo do privilégio?

Há Feto
Política dos Afetos

Há feto
que nasce assim
humilhado
Nesta nação colonial,
Ser cor, é raça
Se negra, é menos
Ser sexo, é genero
Se mulher, é menos
Ser classe?
Se pobre, favelado, pior
Será por
AFETO
sua busca neste mundo
que não aceita estes fetos.

Tenho a estranha mania de escrever ao ler ou escutar alguém a falar, é quase involuntário, este escrito acima encontrei em um caderno de cursos virtuais realizados em 2022, uma diversidade entre literatura e teatro infantil com Sinara Rúbia, colorismo com Sulamita, literatura afro com Niní Kemba, escolas como

⁷ CORDEIRO de NANÃ - Disponível em <https://youtu.be/IEFTNbJBVow> acesso em 20 de setembro 2021.  Mateus Aleluia canta Cordeiro de Nanã | Artista homenageado no 18º Festival Educadora

 Cordeiro de Nanã - Mateus Aleluia Disponível em <https://youtu.be/yFtEibMC6wA> acesso em 22 de agosto de 2023.

Cordeiro de Nanã é uma das músicas mais conhecidas de Mateus Aleluia. Já foi gravada por João Gilberto e, mais recentemente, por Thalma de Freitas. Os cantos derivados do candomblé foram uma das principais marcas do trio Os Tingoãs.

Pequenices de Porto Alegre e a Maria Felipa em Salvador, de Bárbara Carine, estratégias decoloniais da UNESP; tudo contido em um caderno de rascunho, uma mistura de saberes que me atravessam e que acabam desaguando nos pensamentos aqui escritos, e para que emaranhado não se fizessem os fios puxados, segui um, o das canções de ninar permeado pelos muitos coloridos outros que com este se entrelaçam. Desta forma fui construindo a pesquisa que irei apresentar; e que para uma direção de tempo estabelecer, deste caminho nada linear, emprestado tomei da Pedagogia Griô sua Curva da Vivência, ela irá dar uma direção, a escolha por ela se deu por trazer as canções de embalar como uma sutil maneira de se levar o corpo a acessar sua essência, adentrar o espírito, conversar com seu próprio ser, nela se farão muitos movimentos corporais, danças de roda, toré, jongo, samba de coco, umbigada, cirandas e brincadeiras de ativação que facilitem vínculos de aprendizagem e fortaleçam a identidade; práticas de encantamento que celebram e conectam com a vida, com os saberes da tradição oral, com as mestras e mestres detentores da memória coletiva do lugar, que farão esta ligação cultural, ancestral. Trazendo cantos, mitos, rezos, histórias de vida, contos, saberes vivenciados e passados através da oralidade, do aqui e agora, do ontem e do hoje, partilha e diálogo. Inicia-se a vivência com um acordar o corpo, hoje tão acostumado a sentar e calar nas escolas, institucionalizado, e vai dessa forma chamando para o centro da roda, para a troca no grupo, potencializando sentimentos identitários e a valorização da diversidade. A partir desta ascensão da curva, da chegada ao topo, do reconhecimento identitário; começa a harmonização, o acalmar o corpo para a escuta de si e do outro, para a partilha e aprendizado de temas geradores, este movimento de descida na curva da vivência é realizado com toré, com embalo, com ritmo mais lento e cuidadoso, atento, vivencial, um ritual de vínculo e acolhimento que finaliza com a escuta de mitos, histórias de vida, relatos e uma produção partilhada, dialógica, comunitária. Troca de saberes, aprendizagem corporificada, corpo e mente em harmonia; uma ligação umbilical, como aquela que temos ainda no útero, ao realizar os primeiros movimentos corporais, ao escutar os sons que penetram através das membranas e se transformam em dança da vida, de vida, cíclico ritual, vínculo de aprendizagem. Sopro de vida. Por isso a escolha, é pedagogia, isso me move. É griô, é oralidade, corpo movente, comunitário, sem

distinção de cor, gênero, classe, idade, é diversidade. É guiança!


Assim que a curva da vivência aqui será utilizada como caminho para ler a escrita que fragmentei em rodas, sem que se faça necessário a seguir, pode-se também ler aleatoriamente sem direção ou criar outros trilhares.

Bebi das águas da Pedagogia Griô que me levaram aos riachos do programa Diversitas da USP e que me conduziram aos rios dos pensamentos dos povos da natureza, que estão na floresta, que estão nas cidades, Krenak, Kaká Werá, Timóteo Werá, Kopenawa, Marcia Mura, Linda Tuhiwai Smith, Cristine Takuá, Carlos Papa, Aline Kayapó, Márcia Kambemba, Eliane Potiguara, com o projeto de documentários Mimus pelas águas do rio Negro, Alto Solimões, Brasil profundo, naveguei juntamente com os dizeres de Conceição Evaristo, Cida Bento, Leda Maria Martins, Muniz Sodré, Luana Tolentino, Luciana Soares da Silva, Nathalia Grilo, Vanda Machado, e fui pelas águas dos quilombos e veredas com Antônio Bispo dos Santos, Ana Mumbuca, Erê Camará⁸ formação com Vanessa Rosa, Gil Amâncio, Makota Valdina, Bárbara Carine, Waldete Tristão; e entre muitas outras águas de sabedoria naveguei, algumas serão claramente reconhecidas, transparentes se farão na escrita, outras mais turvas e algumas tão profundas que será preciso mergulhar nas palavras para encontrar; se mesclaram como as águas que confluem, como o rio que chega ao mar, ainda outras encanadas, soterradas, desviadas que foram no entanto seguindo o curso, mesmo que gota solitária se faça, se fez dis-ser-ta ção.

Mateus Aleluia ⁹pergunta: *Se não houvesse o SOM como haveria a palavra?* E divagando vai compondo a ideia de que o princípio não foi o Verbo, mas a música, primeiro se fez a escuta dos sons dos ventos, dos mares, das chuvas, e inebriados com o que ouviam e desejosos de contar ao outro, então se fez o verbo. Por aí vou...

A música, o som, faz parte de tantos momentos em nossas existências que

⁸ Disponível em <https://www.youtube.com/@capoeiraeaartedobrinca> acesso em 25 de agosto de 2023.

⁹  Mateus Aleluia é um milagre Disponível em <https://youtu.be/lq9RagVaocA?si=bFNNK5LFTSvtrqZP> acesso em 27 de agosto de 2023.

sem querer o corpo responde ao que escuta, e naturalmente reage quando toca a música favorita, uma canção cantarolada por alguém que desperta lembranças, um toar que leva ao tempo outro do embalo, ato imperceptível de balançar o corpo e murmurar sons onomatopaicos, para o bebê que está no colo, para o nosso internalizado, movimento aquele que faz a criança ao ninar-se ou a embalar por imitação seus "bebês"; um desenvolvimento musical que se dá de maneira informal em locais familiares, formais ou totalmente aleatórios; sem idade para acontecer, sem tempo determinado ou espaço localizado. É manifestação da vida interior, é um eu atravessado de muitos símbolos que vem exteriorizar o subjetivo, buscar as memórias internas mais profundas, esta será tema de um dos capítulos desta pesquisa que tem como linha de referência formas de ensinar e aprender que libertem o corpo sentado em fila e o espírito aprisionado em saberes únicos; que almeja encontrar em outras formas de ver e estar no mundo também cantares e fazeres outros que possam somar a mudanças que façam a escola, a academia, este ser institucional engessado, sair de seus muros, cercas, fronteiras e olhar para o além muro, vir ser parte integrante deste outro habitar que foi alojado na periferia, nas bordas, nas beiras do mundo. Somar e fazer parte da grande roda da diversidade, integrar centro e periferia, rico e pobre, homem e mulher, preto e branco, civilizado e selvagem, colonizado e colonizador, culto e exótico, privado e comunitário, e trazer para junto todas essas diferenças, diversidades construídas e edificadas por trás de grandes muros, que linhas divisórias se transformem em círculos concêntricos, que busquem um bem comum: o bem da Terra, da pachamama, *abya yala*¹⁰... Esperançar, dizia o mestre? Ancestralizar? Desterritorializar? Desemparedar? CriançAR, ar, ar , ar mais ar por favor chega de Su-Fo-cAR; é tempo de inspirar, ro-DAR. Ninar para acordar, sonhar.

¹⁰ ABYA YALA, na língua do povo Kuna, significa Terra madura, Terra Viva ou Terra em florescimento e é sinônimo de América. O povo Kuna é originário da Serra Nevada, no norte da Colômbia, tendo habitado a região do Golfo de Urabá e das montanhas de Darien e vive atualmente na costa caribenha do Panamá na Comarca de Kuna Yala (San Blas). *Abya Yala* vem sendo usado como uma autodesignação dos povos originários do continente como contraponto a América.

Entre América e Abya Yala tensões de territorialidade - Carlos Walter Porto-Gonçalves. Disponível em <https://www.ufrgs.br/estudoslatinoamericanos/wp-content/uploads/2019/04/ELA8%C2%BA-Texto9-1.pdf> acesso em 13 set. 2021.

TRILHA - INTRODUÇÃO

Para o estágio necessário no programa da pós graduação utilizei a trilha realizada no mesmo período como parte da formação na pedagogia Griô, uma produção partilhada que fizemos em grupo sobre a mestra Sirley Amaro¹¹, da cidade de Pelotas e que hoje consta na biblioteca¹² que leva seu nome lá na cidade onde viveu, são para isso destacados pontos e memórias que farão parte desta trilha, um jogo sempre em construção onde quem participa aprende e ensina.

Uso agora esta trilha, seu corpo, manualidades, e nela faço uma resenha, apresentando uma possível leitura; um apanhado, uma introdução, talvez; em uma mescla entre a curva da vivência e a trilha griô.



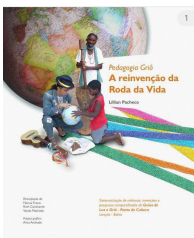
Trilha Mestre Sirley Amaro na cidade de Pelotas/RS-foto arquivo Isabel Schmidt (2021)

¹¹ Deixo aqui uma tese que retrata um pouquinho sobre a mestra Sirley Amaro <https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/9501> acesso em 31 de outubro de 2023. Muito mais informações se encontram disponíveis na rede.

¹² A biblioteca <https://diariodamanhapelotas.com.br/site/biblioteca-sirley-amaro-no-loteamento-dunas/> de Pelotas.

Por ser esta uma vivência será também na trilha o momento que irei destacar da curva, o primeiro momento a benção está acima como agradecimento, já o encantamento, a chegada, que é quando o soar nos convida para fazer a roda, entrar, sentar e se acomodar estão descritos nas páginas iniciais, após estas introduções-trilhas; assim que aqui destaco os seis momentos em que no subir e no descer da curva é denominado de vivência e que traz a escrita das rodas pensadas para cada etapa desta caminhada, levada pelo fio condutor das cantigas de ninar.

Aqui na trilha apresentarei algumas leituras¹³ que construíram a caminhada e a escrita das rodas.



Era neste mundo que sonhei me incluir?

Pergunta Lillian Pacheco em seu livro : A Reinvenção da Roda da Vida (2006)

Abertura - 🎵 *Flôr minha flôr, flôr vem cá/ Flôr minha flôr, láláláialálálá* 🎵

E assim chamando ou apresentando-se quem na roda chegou, vamos abrindo o momento de conhecer quem nela está, na curva é o primeiro passo no tempo da vivência. Começamos a subida da curva.

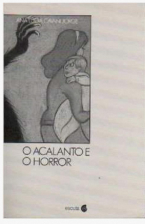


"La canción acompaña nuestras vidas de la cuna a la sepultura."

Anna Poncela - Canción Infantil. Discurso y mensajes. (2005).

Por este livro iniciei minha pesquisa bibliográfica, Anna foi a primeira que li sobre a preocupação e influência das palavras contidas nas canções para infância. Este livro é especial pois recebi como presente e incentivo de minha afilhada Luiza.

¹³ As capas dos livros são em sua maioria fotografias realizadas pela autora dos livros adquiridos para leitura e escrita da tese, apenas os disponibilizados somente online são de sites indicados ao longo da escrita e nas referências.



O Acalanto não parece um problema?

Livro: O Acalanto e o Horror (1988). Assim como Ana Lucia Jorge me fiz muitas vezes esta pergunta. Singelezas!!!

Na Abertura escrevi a roda sobre a origem da música e sobre o silêncio e o medo, primeira roda. Conhecer.

Na curva da vivência passamos para a integração, segundo passo neste subir, interagindo e ativando a identidade; as cantigas envolvem o grupo como um todo, o movimenta com a brincadeira da umbigada. Integração - 🎵 *Maria Roxinha meu bem* 🎵



Bárbaros quem? Boi qual é a tua cor?

O Boi Multicor, livro do educador Jorge Conceição, ressignifica a canção: "Boi, boi, boi, renove a humanidade, criança sofre muito pois só quer felicidade."



"O racismo brasileiro é epidérmico." Escreve Muniz Sodré em seu livro :

O Facismo da Cor, uma radiografia do racismo nacional. (2023)

É o momento da integração, estamos interagindo com os demais membros da roda, trazendo pensamentos que se chocam, que se tocam, como na umbigada; aqui trouxe a escrita da segunda roda, Diversitas e Boi: qual é a tua cor? Para além da questão racial, a qual situo no Brasil, penso sobre a cantiga do boi, aquele da cara preta.

A curva da vivência tem justamente esta intenção de ao subir ir acionando a identidade, neste instante é ocupando em pequenos grupos o centro da roda que

estaremos preparando o coletivo para aceitação e acolhimento de cada participante.

Ativação - 🎵 Lá no mar tem sereia, areia/ Quando eu pensava que era um, era um babado só 🎵

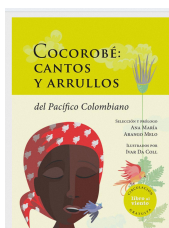


Há apenas 500 anos se faz a distinção entre quem apresenta música e quem a escuta... por séculos fazer música foi considerado um ato cotidiano, como caminhar...respirar...

Escreve Daniel Levitin no livro: A música no seu cérebro (2010)



"Experimente e você poderá se surpreender, escreve Nélio Spréa, a voz masculina acalanta, faz adormecer." Acalantos, Grupo Parabolé (2019)

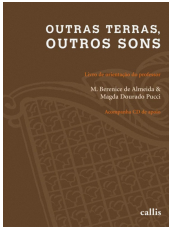


Cocorobé: cantos e arrullos del Pacífico Colombiano (2013)

Libre al viento, um fomento, canta o cotidiano, conta. Conecta vida. Um compilado de arrorros. *Duérmete niño, duérmete ya, que tu madre obrera quiere descansar...* Esta, a terceira roda, denominei mãos que embalam, mecen e quero colo, a escrita foi sobre questões de gênero, pinceladas, não me aprofundei muito no tema, apenas ativei ideias, muito ainda terá para ser pesquisado; trouxe também como fio condutor os arrorros, sua origem.

Na curva alcançamos o topo, é chegada a hora de expressar a identidade, vamos ocupar um a um o centro da roda, acolhidos pelo entorno e com segurança.

Identidade - 🎵 Galo canta, roda gira, no romper da madrugada. eu vim aqui prá ver se é bonita minha chegada 🎵

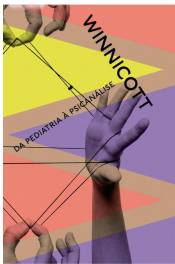


Outras Terras, outros sons. Magda Pucci e Berenice Almeida (2021)

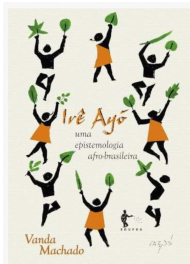
Entrelaçamento musical, fusão entre melodias brasileiras e africanas, grupo Mawaca. Cangoma, retorno às origens. Sansa Kroma, pássaro protetor das crianças vítimas de preconceito racial. Este livro foi um dos que fizeram parte da quarta roda que chamei Alter-Nativas. Seguida pela roda En-canto.

As perguntas que trouxe para a roda foram: Como ser música? Música é movimento de vida? Que memória estamos construindo para nossas pequenas crianças?

"Assim as mães apresentam o mundo aos bebês que se tornam moradores do mundo" (WINNICOTT, 1945, p. 218-232)



Winnicott: Da pediatria à psicanálise (1945)



Vanda Machado. Irê Ayó, uma epistemologia afro-brasileira. (2019)

"O silêncio é o portal da tradição oral; é preciso olhar e escutar o silêncio antes da escrita." (MACHADO, 2019, p.4)

Porque teimamos em conservar o mesmo ponto de vista que os portugueses tinham sobre a cultura indígena quando aportaram no litoral brasileiro? pergunta Kaká Werá.



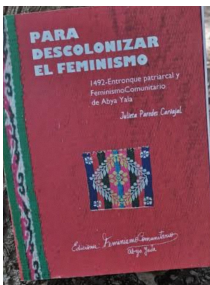
Kaká Werá Jacupé. A Terra dos mil povos. História indígena do

Brasil contada por um índio (2020)

Estas são apenas algumas das leituras realizadas para a roda quatro, a que trata de identidade, apresentando nela muito do que venho pensando nestes tempos em que ando a buscar outras formas de ver e estar no mundo.

Com isso iniciamos a descida na curva da vivência em busca de alcançar as subjetividades, acalmar para harmonizar, mente e espírito, corpo e alma.

Harmonização - 🎵🎵 *Pisa ligeiro, pisa ligeiro, quem tem medo de formiga, não atça o formigueiro* 🎵 Um toré que vai se fazendo lento à medida que giramos para os quatro cantos do mundo, batendo o pé firme no chão, na terra.



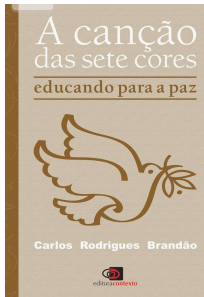
"Las mujeres somos la mitad de todo" - Julieta Paredes - Para Descolonizar el Feminismo (2020)



Dussel. 1492 - O Encobrimento do Outro. (1993)

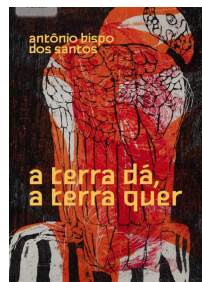
Ambos estão na roda Gira-Vira-Volta, roda 5. A que segue a esta é Entre-Laços.

Escrevi até a harmonização dois tempos para cada roda, pois esta vivência nos foi ensinado que pode ser realizada em um dia, em uma aula; porém também seu tempo pode ser contado de outras formas e seguir o ritmo de quem se faz pertencer a roda, assim pode levar dias, semanas, meses até que se alcance a experiência da corporalidade, aprender e ensinar, um só tempo, um tempo só.



Carlos Brandão. A canção das sete cores (2005)

"Nós não herdamos a Terra dos nossos antepassados. Nós apenas a tomamos emprestada aos nossos filhos." (BRANDÃO, 2005, p.33)



Desconectar do ser Natureza é o maior epistemicídio cometido pelo colonialismo, matam a séculos silenciosamente nossas crianças em prol de "estar a educar".

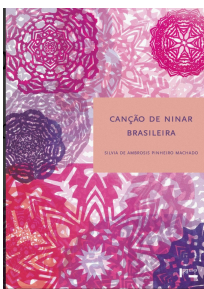
KRENAK, Ailton. A vida não é útil. 2020.

A fazer desenvolvimento, tirar do envolvimento comunitário.

BISPO, Antonio. A Terra dá, a Terra quer. 2023,

Escolas emparedadas, crianças como na ante-sala das fábricas.

TIRIBA, Lea. Desemparedar Infâncias.



Canções de Ninar Brasileira: Aproximações (2017)

Usei muitas referências deste estudo realizado por Silvia Ambrosio Pinheiro Machado. Aqui vou destacar uma análise comparativa que a autora faz entre berço e makuru e suas implicações para uma educação com movimentos livres ou contidos; berço sugere contenção, imobilidade, é fixo na terra. Makuru (espécie de rede) prevê embalo, movimento; dispõe a ação, ao sonho.

E assim descemos a curva e chegamos no último passo da vivência, o

embalo, aquele que nesta pesquisa é o motivo de vínculo com esta prática vivencial realizada na pedagogia Griô, idealizada por Lillian e por ela fixada no modelo acima apresentado. O embalo acessa o sutil, o subjetivo, o dentro, a memória, iluminando a ancestralidade através dos cantos, entre eles as canções de ninar que neste momento são especialmente utilizadas.

♪ Eu vim do ventre da minha mãe. Ela me deu sementes boas. Que se despertam. Se espalham bênçãos. Sou semeadora de sementes boas. ♪♪

Uma roda só - Vê(n)tre - Roda 6 - Cartas que escrevi no tempo do vírus, Corona. ♪♪ Embala eu mamãe, cuida de mim ♪

"Resgate desta tecnologia ancestral", as cantigas de ninar, o acalanto que nos foi roubado, escreve Nathalia Grilo em sua página no Instagram: @preta.velha



Fala de bicho, fala de gente. Cantigas de ninar do povo Juruna. Cristina Fargetti e Marluí Miranda. São estas algumas das leituras realizadas dentre muitas outras.

Finaliza-se a vivência com o embalo e se faz então a volta cuidadosa para o tempo dos rituais dialógicos; a troca na roda, que poderá ser realizada de diferentes maneiras, aqui faço a minha em forma de dissertação.

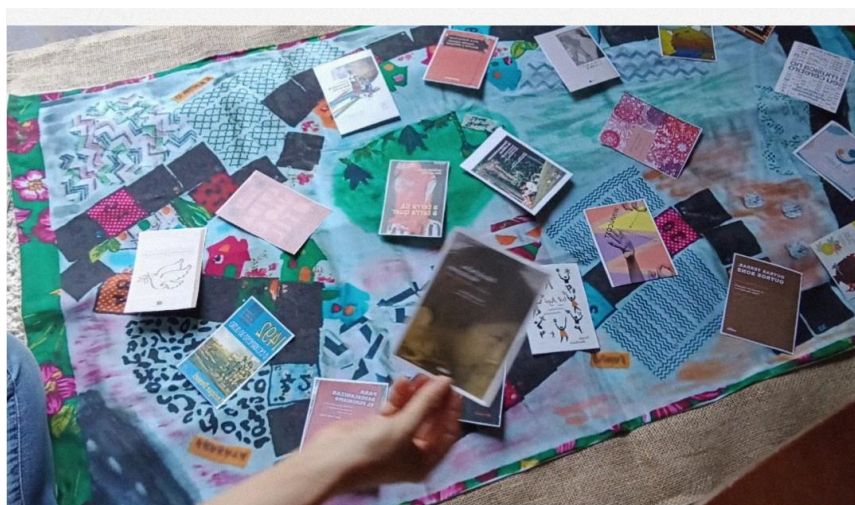


Foto arquivo Isabel Schmidt - defesa 27 de setembro de 2023.

1. ENCANTAMENTO

"Essa consciência de estar vivo deveria nos atravessar de uma maneira em que a vida não fosse alguma coisa fora de nós, em que a pessoa sentisse de verdade: a vida está em mim, não fora! Experimentar a vida em nós, a vida nos atravessando. Para além da ideia de "Eu sou a natureza", é sentir que essa experiência nos atravessa de uma maneira tão maravilhosa que o rio, a floresta, o vento, as nuvens, tudo o que podemos perceber como externalidade, tudo isso está em nós - é o nosso espelho na vida. Eu tenho uma alegria muito grande de experimentar essa sensação e fico às vezes tentando comunicá-la a outras pessoas." ¹⁴(Ailton Krenak)

¹⁴ Disponível em <https://olugar.org/vivos/> acesso em 30 de outubro de 2023.

ENCANTAMENTO

...el único arte que con su intensa emoción traspasa los límites de lo humano, el único que practican los ángeles y el único también que hace vibrar y que entienden los animales, el arte de las artes por excelencia que tanto hace llorar como reír, que tanto acaricia como hace vibrar. La canción popular es la obra maravillosa de todo el pueblo que la siente y que la canta: es de todos y no es de nadie, todo el mundo la hace suya y la altera y se la adapta a su gusto y entender; y la cambia y la matiza, porque todo el mundo es legítimo propietario y ninguno no se puede atribuir su patrimonio absoluto. (AMADES, 1951 apud PONCELA, 2005,p.7)¹⁵

Transito pela Pedagogia Griô faz pouco tempo, sou aprendiz, encantada com esta prática idealizada com muito fazer por Lillian Pacheco e Márcio Caires, em um caminhar de mais de vinte anos, uma educação que busca reafirmar o poder da tradição oral realizada através de vínculos de aprendizagem que vivenciados são corporificados através de cantos, danças, saberes, histórias de vida, mitos, brincadeiras; estes fazeres que encontramos nas comunidades de tradição oral. Geram encantamento.

Uma das práticas que, já um *tantinho*, incorporei, é a da curva da vivência, porém deixo claro que aqui não é ela que se apresenta mas apenas seu esquema, seu nomear, e algumas breves pinceladas do que significam cada uma destas vivências em roda realizadas, grandes ou pequenas, mas respeitando esse sentido dado pelo partilhar, comunitário, a roda.

Quando era criança costumávamos brincar de *passa anel*, um dos integrantes da roda tirava o anel, normalmente eles vinham em doces, eram de diferentes cores e encantavam, pelo doce, pelo colorido, pelo anel. Para iniciar um encantamento na prática Griô trazemos algum símbolo, uma semente, uma erva, um lencinho, algo que acesse as memórias a serem contadas; trarei aqui o anel como este que simboliza a roda pela qual penso formatar meu trabalho sobre acalantos, canções de ninar que nesta curva da vivência tem a importante tarefa de ao embalar chegar nestas subjetividades primeiras, não as profundas, mas estas que sem lembrarmos constituíram muito do que somos. Isto também acredito fazem as cantigas de ninar,

¹⁵ PONCELA, Anna M. Fernández. *Canción Infantil: Discurso y mensajes*. Rubí(Barcelona): Anthropos Editorial, 2005

permanecem ali, adormecidas e lembradas nos momentos em que precisamos nos sentir aconchegados, no colo, escutando o som do coração e a voz de quem um dia para nós cantou.

O primeiro momento deste ritual de vivência portanto é o encantamento, aqui se apresenta o tema, usando de uma linguagem afetiva - cultural que convida ao grupo para chegar para troca que será realizada respeitando as diferenças que compõe a roda que irá se formar; e que assim como uma as canções de ninar *não tem propriedade, é de todos e não é de ninguém*, falamos, reverenciamos, referenciamos quem um dia à nós passou o saber; esta cantiga aprendi com... e assim iniciamos, louvando, pedindo a benção, cantando, tocando tambores e pandeiros, chacoalhando maracás e pau de chuva, chamando a “povaria” como diz Lílian, e a vejo neste momento (agora virtualmente) chamando Márcio para abrir a roda:

Vamos Trabalhar

Vamos Trabalhar

Com a força de Tupã, Hei

Vamos trabalhar

Vamos trabalhar

Vamos trabalhar

Com a força de _____ (nome de alguém)

Hei, vamos trabalhar

A roda está formada...

“Os primeiros costumes do colibri”, há uma explicação do significado da expressão Ñande Ru Tenondé, muito presente no canto, que literalmente quer dizer “Nosso Pai Primeiro”, mas que, segundo Kaká (2001, p.33), “é um dos vários nomes que se atribuem à Suprema Consciência”. O autor ressalta, ainda, que Tupã Tenondé é uma expressão desdobrada das palavras tu (“som”), pan (sufixo indicador de totalidade), tenondé (“primeiro, início”), significando o “Grande Som Primeiro”, a “Eterna Música” geradora de vidas. (QUARESMA, LEAL, 2018)¹⁶

¹⁶ Quaresma, Carline Cunha Ramos and Izabela Guimarães Guerra Leal. “KAKÁ WERÁ JECUPÉ E A TRADUÇÃO DOS CANTOS SAGRADOS MBYÁ GUARANI.” (2018).

CHEGANÇA

É na Chegança que vamos olhar nos olhos e acolher a quem está na roda, nela se apresentam o símbolo, instrumento, louvação, benção, se faz uso da palavra e vai construindo-se vínculos com os que chegaram, com suas histórias e saberes, com o conteúdo que será trabalhado, pensado, partilhando.

Trago o anel para roda, como símbolo desse processo que é de construção coletiva, que não tem arestas e polos, onde o espelho do que é diferente pode ser olhado sem atravessamentos, eu vejo o que são, eu apresento o que sou, anel é símbolo de união, de relação que se deseja construir, de pacto, de desejo, guarda histórias, memórias, constrói vínculos.

O que nesta pesquisa penso construir é um simples lembrar-fazer; que o cantar e o dançar entrem pelas portas destes lugares chamados escolas, universidades, rememorando este tempo infância, inventando junto com tantas outras e outros fazeres que ocupem este lugar tão importante de formação de saberes, que o saber das cantigas de ninar, populares, estejam junto aos eruditos acalantos. E que nessa roda se façam voltas ao tempo onde a mãe primeira, que nos nutriu, cuidou, seja ela também reverenciada. Cantemos para ela a Terra, nossa primeira escola, a que se faz vida.

Peço a benção aos que vieram antes e aos que chegaram depois, peço a benção a ela pachamama, abya yala, pindorama...mãe terra.

BENÇÃO aos VENTOS que SOPRAM¹⁷

Na boca da mata

eu avistei

um pássaro cantando

avisando que cheguei.

Guardião de meus caminhos

me proteja dos espinhos

que trago no coração

ciência boa

¹⁷ Heider Barbosa - Música de @grupobongar - Escute aqui essa canção - Disponível em <https://fb.watch/84mh8WWfEV/> acesso em 13 de set. 2021.

ACALANTOS EM RODA

Esta pesquisa surge através de uma palavra geradora - ACALANTO - e de uma pergunta que chegou junto com ela enviada pelos ventos, pelo andar na terra, pela curiosidade criança, pelas águas do lugar onde vivo, dos rios Paraná e Iguaçu, Foz. Não sei dizer ao certo mas veio assim de mansinho como o próprio som do acalanto, lento, ritmado, sussurrado lá no início da minha caminhada por estas, para mim distantes ruas e vielas da academia; voltei a estudar neste tempo que dizem ser "melhor idade". Saí das "rodinhas" com as crianças pequenas lá da educação primeira, a infantil, lugares por onde andava de olhos fechados de tanto trilhar, e de olhos bem abertos em novas rodas sentei, a escutar, conversas que desconhecia, um mundo se abriu e por sorte ou destino em uma das primeiras rodas universitárias, não eram muitas, mas as que se fizeram todas trouxeram caminhos; escutei: *Quem acalanta esta Terra?* Acreditem, eu acreditei, era baixinho, mas escutei, vi nos olhos do professor, na fala que trazia esse encanto que mais adiante seguindo fui encontrando nos falares, dizeres, saberes daqueles, daquelas que neste círculo andavam; que ensinavam e aprendiam, que aprendiam e ensinavam; assim em rodas de conversa-aula; mirando-se nos olhos, trazendo e fazendo a ciência boa.

Fui despertando, desconstruindo velhos preceitos, histórias, derrubando "monumentos" internos e percebendo a cada tempo que era este estar em roda o lugar de aconchego, sem hierarquias, de respeito com o tempo de fala e escuta, de troca e partilha que acontece no olhar, no gesto, no movimento corporal, círculo em que o todo se faz presente, rodas onde se coloca a razão mas se traz junto a ela o sensível, as subjetividades, o sentir-pensar; não é fácil sentar-estar na roda.

Desta maneira explico porque pensei escrever esta dissertação sobre acalantos em forma de rodas, ou melhor, como se rodas fossem, mesmo que nelas às vezes me veja sozinha sentada, esperando quem vai se aventurar e chegar, sentar-ler. Enquanto escrevo imagino-me ali conversando com os livros e seus escritores, escritoras, com os vídeos, lives, apresentações de trabalho, seminários, aulas, pesquisas e falas realizadas por pessoas comuns, intelectuais, sábios acadêmicos, mestras da cultura popular, gente de todos os povos, de todas as

cores, qualquer lugar, lugar nenhum, que fui trazendo em pensamento para girar, rodar; na roda sentar, cantar, dançar, balançar, fazer ciência, provavelmente não é nada acadêmico, apesar de nela estarem cientistas, pesquisadores alguns de livros escritos outras, outros de pura conversa; assim passada na oralidade; que vem vindo como os acalantos, desde que o mundo é mundo. Não é científico, é vivência.

Portanto aos que lerem advirto, o que escrevo nem sempre tem nexos, anda por caminhos tortos, vou "jogando" na roda dizeres, que por aí li, escutei, aprendi, incorporei.

Em outras me ponho a lembrar da ordem e sento, concentro, em roda acadêmica, pontuo as frases, citações e trago além das referências e conteúdos análises um pouco mais concretas, corpo parado, mente a voar.

E tem ainda outras que são um verdadeiro piquenique em roda, tudo junto e misturado, criança e adulto, cachorro e gato, brinquedos e livros, cadeiras e redes, cada qual faz sua escolha a mesa estará servida, com o que cada um trouxe, no centro da roda variada, tem música e dança, história triste e alegre, cabem risos e choro, silêncios e escutas. É uma partilha. Sirvam-se, sintam-se à vontade.

Mas como não tem muita ordem, não tem índice, nem sumário, não tem cardápio, é isto, você escolhe onde sentar, ou sair, não tem fim, não tem começo; mas sim tem é muita leitura, pesquisa, pergunta, umas quantas perguntas e sim tem um tema que está sempre a permear, girar, rodar por dentro, por fora, mas nunca pelos cantos-arestas, pois redonda é a roda; e cantos que nela entram são estes de que falei, acalantos; que podem ser aqueles que dentro de você está e que talvez ao ler te faça recordar. Vem pra roda, vem!

Ah! Para quem gosta (eu) de um pouco mais de organização, uma trilha mais certa a seguir, vou fazer um caminho sugerido, como ando em roda com a Pedagogia Griô e as aulas vivenciais seguem uma curva; denominada justamente curva da Vivência, vou ajeitar as rodas seguindo este fazer, deixando claro que não é a aula como ela é elaborada para ser vivenciada, são apenas os primeiros momentos desta curva juntamente com os cantos para ela realizados, os quais seguem uma escolha muito pensada e estudada; que vou trazer para iluminar o caminho. Para isto peço licença a sua idealizadora mestre Lillian Pacheco a quem

irei referenciar aqui e dê onde vou me basear tanto na escrita como no seu saber oral, inicia-se assim as rodas acalanto, neste lugar de escrita.

"A Pedagogia Griô é uma reinvenção de métodos de educação, participação e encantamento do social que busca a valorização da palavra, dos afetos, das memórias e dos rituais da tradição oral." (PACHECO,2006)

O local onde nasce esta pedagogia é Lençóis na Bahia, virou livro, foi para escrita, se movimenta através das redes sociais virtuais, mas é a prática do contato direto, da corporalidade que dá a esta pedagogia o poder da *"Reinvenção da roda da vida"*. Pergunta Lillian Pacheco a idealizadora desta prática educativa:

Era neste mundo que sonhei me incluir?

2. VIVÊNCIA

"Vovó, como se lida com a dor?
Com as mãos, querida.
Se você fizer isso com a mente, a dor, em vez de diminuir, endurece ainda mais.
Com as mãos, avó?
Sim. Nossas mãos são as antenas de nossa alma.
Se você as faz se mover costurando, cozinhando, pintando, tocando ou afundando-as na terra, envia sinais de cuidado à parte mais profunda de você e sua alma se acalma porque você está prestando atenção nela.
Dessa forma, ela não precisa mais enviar dor para mostrar isso.
As mãos são realmente tão importantes?
Sim, minha menina.
Pense nos bebês: eles começam a conhecer o mundo graças ao toque de suas mãozinhas.
Se você olhar para as mãos dos idosos, elas contam mais sobre suas vidas do que qualquer outra parte do corpo.
Tudo feito à mão se diz que é feito com o coração, porque realmente é assim: as mãos e o coração estão conectados.
Os massagistas sabem disso: quando tocam o corpo de outra pessoa com as mãos, eles criam uma conexão profunda.
E desta conexão vem a cura.
Pense nos amantes: quando suas mãos se tocam, fazem amor da maneira mais sublime .
Minhas mãos, avó... quanto tempo não as uso assim!
Mova-as minha menina, comece a criar com elas e tudo dentro de você se moverá.
A dor não passará. Mas se tornará a melhor obra-prima. E não vai doer mais. Porque você conseguiu bordar sua essência."

Elena Barnabé¹⁸

¹⁸ Disponível em <http://www.theresacatharinacampos.com/comp9169.htm> acesso em 31 de outubro de 2023.

VIVÊNCIA

Na vivência acontece a facilitação dos rituais de vínculo aprendizagem. Rituais que através da abertura, integração, ativação seguem um movimento ascendente na curva, fortalecendo a identidade, reorganizando ciclos internos com externos; vai assim guiado pelas cantigas, danças, brincadeiras, exercícios e jogos; cirandas, umbigadas, cocos, jogo de palmas, encontrando o momento propício para ocupar o centro da roda, no alto da curva da vivência, fazendo nascer palavras, colocando seu ser na roda, abrindo caminho para expressão da identidade, iluminando a ancestralidade, para então harmonizar e embalar, descendo esta curva e acessando uma conexão que leve a consciência, ao interno, e prepare para a escuta atenta.

Este é o momento de cuidado, afeto, um ninar a si mesmo, ao mesmo tempo que acolhe a quem na roda se encontra, pelo olhar, sendo levado no embalo, pode-se deitar, relaxar e chegar nas memórias suas, escutar histórias outras, é tempo de troca, de construção, de intimidade compartilhada e transito entre o consciente e o inconsciente, tempo de conexão entre mundos diversos. O poder da canção de embalar, ninar, acunar.

Volto a lembrar, aqui trago "pinceladas" para que entendam o porquê de ter eleito, dentre tantas pedagogias realizadas também com músicas e danças, com brincadeiras e jogos, fora e dentro de instituições, entre as muitas grandes, médias e pequenas ações por este mundo espalhadas, apelidadas como *alternativas*, por na maioria das vezes não pertencerem à esfera do institucionalizado, escolhi esta, a pedagogia Griô. Duas são as razões principais: porque estou nela envolvida, encantada como já mencionei, e por trazer ela as canções de ninar que são objeto de minha pesquisa acadêmica; melhor seria dizer, o fio condutor, o fio primeiro que puxei, e com ele vieram estes tantos outros emaranhados; que agora no momento da escrita vejo e encontro o motivo pelo qual neles me agarrei; sigo sendo a criança curiosa, nunca saí da rodinha da educação infantil, onde a pergunta não tem sempre resposta, onde a resposta pode mudar o rumo deste conversar, tem o tema mas se vagueia em pensamentos leves que sopram como o vento que as sementes leva.

ABERTURA

Flor, minha flor

Flor vem cá

Flor, minha flor

Laia laia laia

Eu vou chamar _____(nome)

Para se apresentar

Flor vem cá

Você vai encontrar esta ciranda no livro *Acalantos*¹⁹, de Nélio Spréa e Liane Guariente (2019, p.79), com o nome Flor de Maravilha. Aqui está apenas um pedacinho da cantiga; esta fica para mim memorizada com a voz de Vânia Machado e Priscila Martins, facilitadoras e educadoras griô, assim que minha referência vai para elas.

Na roda de abertura são feitas as cirandas para esquentar o corpo que irá começar a subir a curva e fazer um reconhecimento inicial de quem está nesta roda.

Assim que a primeira roda-pesquisa que trago é esta sobre a origem da música e claro que falarei nela sobre de onde vem esta prática de acalantar.

¹⁹ SPRÉA, Nélio; GUARIENTE, Liane. *Acalantos, a arte de acolher*. Curitiba:PR , Ed. Parabolé, 2019. 96p.

RODA 1 - A ORIGEM DA MÚSICA - MITOS OU VERDADES

De forma quase mágica, a música traz este sentimento de reunir, de estar mesmo se só; acompanhado por nossas memórias, é esse cantar para si ou escutar lembranças; quando em grupo ela agrega corpos, reúne seres que se sentem levados pelo som.

Embalados por um fervor quase religioso, como um transe, se deixam conduzir pelos sons de instrumentos, vozes sonoras que agitam, que acalmam, fazem gritar, cantar, chorar, pular, dançar, causam euforia, emoção, chegam nas canções próprias do ninar que seguem o ritmo das batidas do coração; uma cadência que acessa os subterfúgios da subjetividade de cada ser.

Dizem que desde que o mundo é mundo ela, a música, já por ele andava, habitava.

Nesta pesquisa de canções de embalar, de ninar, inicio a roda primeira; falam que em roda podemos olhar para aqueles os que a compõem, sem distinção de classe, gênero, cor, é inclusiva por si só, a roda; sem arestas, sem pólos. Quem nela se senta ou entra passa a ter o benefício de a ela pertencer, a fazer parte da roda, com direito a falar ou calar, pensar, estar, brincar, cantar, duvidar, aprender, ensinar, ser diferente na totalidade, ou seja apenas SER. Assim que abro a roda com perguntas que poderão ter respostas múltiplas ou nenhuma, questionamentos meus que podem ou não ser também de alguém mais; jogo na e para a roda: De onde vêm a música? Quando surgiu? E as canções de ninar? Você sabe? Você já ouviu falar?

O que consegui encontrar em leituras realizadas, a primeira, a mãe das perguntas foi Anna Poncela (2005), antropóloga mexicana, quem trouxe "*la canción acompaña nuestras vidas de la cuna a la sepultura*", seguida de Silvia Machado (2017), que apontou o cuidado com as palavras iniciantes, destacando a canção de ninar como um dos primeiros objetos culturais, seu livro *Aproximações* é um estudo com viés psicológico sobre canções brasileiras de ninar. Após estes encontrei Cristina Fargetti (2017), linguista, que juntamente com Marlui Miranda (2017), musicista, fazem um resgate das canções de ninar do povo Juruna, yudjá, cantadas por mães e avós, apresentam à cosmologia ancestral, os bichos-gente presentes

nestes saberes. Mais recentemente a leitura de *O Acalanto e o horror*, de Ana Lúcia Jorge (1988) que questiona: "Porque fazer adormecer se o sono é uma necessidade natural?" e por aí fui seguindo, descobrindo que o surgimento da música se dá por diferentes fatores e que não há uma explicação única.

Alguns relatam que aconteceu quando a humanidade se coloca bípede e que para abafar os ruídos que faziam ao caminhar na floresta e para também poder escutar com precisão os demais ruídos, como a uma fonte de água, um predador que se aproximava; cria-se como proteção, um ritmo para o caminhar, que segue uma batida síncrona e possibilita assim distinguir os demais sons do ambiente. Nasceu com um sentido de sobrevivência nos tempos pré-históricos "*...ruídos ritmicamente bien organizados... estabelecidos como uma medida de seguridad contra los grandes depredadores terrestres de la sabana africana*", esta é a hipótese levantada por Joseph Jordania²⁰. (POBLETE, 2021, p.2)

Outra hipótese foi definida por "los científicos de la Universidad de Harvard Samuel Mehr y Max Krasnow, desarrollan la hipótesis de que la música nació como una técnica usada por las madres para calmar a sus crías." (POBLETE, 2021, p.2)

A música causa um efeito visceral, que é mais forte que o racional, é aquele não se sabe o que, uma sensação que nos atravessa; e que as crianças que escutam a canção de ninar traduzem como um sentimento de segurança; de presença atenta e concentrada realizada por quem para ela canta, como se falassem ao bebê que acalenta "tenho toda minha atenção posta em ti, eu estou aqui"; cantar é o método mais eficiente para acalmar.

Assim, proteção por um lado e segurança por outro são apontados como causas que levam ao desenvolvimento deste cantar, tanto para afastar medos e predadores quanto para acalmar ao indefeso bebê, amamentado, nutrido e protegido, pequeno ser, imerso naquele ambiente no qual se disputava nos

²⁰ Joseph Jordania é um etnomusicólogo australiano-georgiano, musicólogo evolutivo e professor. Ele é membro honorário do Conservatório de Música de Melbourne da Universidade de Melbourne e foi um dos fundadores do Centro Internacional de Pesquisa para Polifonia Tradicional na Geórgia. Os interesses acadêmicos de Jordania incluem o estudo da distribuição mundial de tradições polifônicas corais, origens do canto coral, origens do ritmo, origens da morfologia e comportamento humanos, prevalência transcultural da gagueira, dislexia e aquisição do sistema fonológico em crianças, estudo do limiar cognitivo entre as habilidades cognitivas animais e humanas.

Livro: *Por que as pessoas cantam? A Música na Evolução Humana* (Logos, 2011)

primórdios a sobrevivência da espécie. Segundo Jordania (2011), as canções dirigidas aos bebês têm um caráter de universalidade, seu ritmo e pulsação, lento, cadenciado, orgânico; promovem um efeito de transe eficaz para acalmar os temores vivenciais existentes nas mais variadas culturas. Seriam as canções de ninar a chama primeira que dá início a outras formas mais complexas de música. Esse ato de emitir sons corporais sincronizados em forma cooperativa faz supor que o toar vocal chega antes do instrumental pensado para imitar os sons da natureza e os sons da voz humana.

A música em geral e o acalanto em particular através de seu ritmo, melodia e harmonia faz esta ligação; promove este vínculo de união entre a mãe e o ser gerado, entre corpo e alma, entre a origem, o universo cósmico e comunidade amorosa; intimidade que transcende a percepção meramente cognitiva, uma linguagem que chega ao coração e desperta sentimentos, emoções, instintos; acorda o que se encontra muitas vezes escondido, o subjetivo do ser ao qual a consciência não tem acesso livre.

Para Rolando Toro²¹, a consciência de ser parte integrante de um universo musical aparece já na origem da história humana, nas lendas antigas e nos mitos arcaicos. Vem, portanto, de tempos muito antigos a percepção do ser humano de que o Universo era regido por pautas rítmicas, por acontecimentos que se repetem ciclicamente, por fenômenos de pulsação e vibração, com tudo se ordenando dentro de um plano harmonioso, tal qual uma sinfonia cósmica. Basta olhar atentamente para a natureza para perceber que tudo é ritmo, assim como no nosso corpo: os batimentos cardíacos, a respiração, a circulação sanguínea e o pensamento constituindo um harmonioso e complexo sistema interno...

A música é uma forma de energia capaz de estimular e despertar potenciais biológicos e emocionais bem como de induzir certos estados que despertam emoções e sentimentos escondidos. Existe uma unidade perfeita entre música e expressão, já percebida desde a antiguidade. (CAVALCANTE, 2006, p.19-20)

É a escuta-ativa do outro, na figura daquele que canta para si enquanto adormece a criança, que se escuta e é por ela escutado; que constrói conhecimentos, vínculos, mexe com as estruturas cognitivas e sensíveis, traz realidades; vivências que cantam sobre tristezas e alegrias, dores, medos,

²¹ Rolando Toro (Chile,1924-2010) criador da abordagem Biodanza. Iniciou seu trabalho como professor docente do Centro de Estudos de Antropologia Médica, da Escola de Medicina da Universidade de Santiago do Chile. Foi presidente da IBF-International Biocentric Foundation (Fundação Biocêntrica Internacional). Viveu no Chile, Argentina, Brasil e Itália.

ressentimentos, esperanças, prazeres, saudades. Integram, ensinam a essência do existir, do ser e estar, presentificam o passado no momento mesmo em que a palavra proferida pelo canto lembra que já foi um dia cantada.

A música possui o poder do encantamento *“y sin darnos cuenta, comenzando antes incluso de haber aprendido a leer y escribir, nos habremos nutrido culturalmente con esa riqueza literaria que es el folclore infantil oral.”* (PONCELA, 2005, p.13)

Portanto a ação de cantar traz consigo recordações, memórias, sugere lembranças. As que aqui vou tratar são popularmente conhecidas como canções de ninar, nanas, arroros e no meio cultural acadêmico, musical ou culto tratado por acalantos; Silvia de Ambrosis Machado em sua obra *Canções de ninar brasileiras: Aproximações* faz referência a esta diferenciação feita por Oneyda Alvarenga que define *“acalanto como palavra erudita que designa o ato de acalantar e cantigas de ninar como forma popular pela qual o acalanto é chamado.”* (MACHADO, 2017, p.20)

Se trata de viejas costumbres—hay quien opina que son la primera manifestación musical de la historia de la humanidad – que las madres utilizaban con el objetivo de espantar a los demonios y a los malos espíritus, como se dijo. “Estas cancioncillas tenían, entonces, un valor práctico y utilitario de sentido netamente mágico y conjura del mal. Cantadas para tratar de hacer dormir a los hijitos, adoptaron el ritmo del movimiento del cuerpo de la madre al balancearse ella o del objeto empleado como cama del infante al ser balanceado y columpiado” (Amades, 1951:1). Así, los pequeños pegados al corazón materno estaban como en el vientre de su progenitora, escuchando el latido, toda vez que eran abrazados y podían sentirse cómodos y protegidos. (PONCELA, 2005, p.191)

O ninar é milenar, inicia em tempos tão remotos que deste embalar se tem notícia desde que no mundo se faz música ou a música se faz mundo. É cósmico, faz parte dos mitos de criação, faz parte da história da humanidade.

“La canción popular es la obra maravillosa de todo el pueblo que la siente y que la canta: es de todos y no es de nadie.”(AMADES, 1951, p.19 apud PONCELA, 2005, p.7)

ACALANTOS E O HORROR

O SILÊNCIO E O MEDO

“Como um povo que dorme em rede pode ameaçar alguém?”

Krenak

Nestes tempos²² em que o medo assola nossas portas, que os meios de comunicação não param de alertar sobre um “terrível vírus” que mata, que é invisível, que pega através do toque, abraço, contato; contar histórias politicamente corretas é o certo? Cantar canções sem trazer o medo do bicho papão, da cuca, do boi da cara preta... é correto?

Como fazer nossas crianças extravasarem seus receios, seus medos? Nossa criança interior cresce com este medo arraigado?

Minha pesquisa versa sobre canções de ninar, essas simples e não tão singelas canções que sim, além do medo, trazem muitos destes valores que invisíveis assim como o vírus Corona vão devastando a alma, colocando normas tão sólidas que acabamos sem saber mais nem porque, apenas permanecemos obedientes.

Assim impregnados de questões raciais, sexistas, morais, seguimos regras já então cantadas nos doces embalos para adormecer.

Agora já não mais tão certos, muitos estudos vão revelando o até então escondido por palavras contidas nas letras disciplinarmente cantadas, passadas de geração à geração, sem que se saiba como, quando ou onde surgiu; não necessariamente nesta ordem ou contendo todos esses não saberes.

Desvelados, desvendadas caem por terra certas imposições e se passa a ver o que nelas está contido; ou se imagina ter, isso busco, se são racistas, sexistas, heteronormativas, patriarcais, e por aí caminha esta dita humanidade da qual muita coisa está imposta e portanto se diz ser a correta, a certa, e isso vem de tão longa

²² Ano 2020/2021-Pandemia do vírus Corona

data que se naturalizou; abrir o olhar, o escutar, e a boca; falar sobre estas questões é imprescindível, para que as mudanças sociais aconteçam, para que se contem, cantem palavras outras, e que longe fique o tempo onde a cor da pele, o modo de ser, o gênero a que se pertence, seja o que determine quem terá o poder de ser superior; "*que se respeite a diversidade e a natureza da criação que nos faz do pó e ao pó nos devolve, em eterna mutação cósmica.*" (KRENAK - O sol a flor²³)

Pergunto: Quantas são as travessias que nos atravessam enquanto corpos colonizados, corpos negros, indígenas, quilombolas, ciganos? Intoxicados de racismo, machismo, sexismo; quem vai ajudar a desvelar; tirar os véus ocidentais dos olhos das crianças? Quem vai desinventar esta forma única de ver, escutar e estar no mundo?

Atenção, senhoras e senhores, temos aqui uma notícia. Vem chegando o *acalanto*, fruto de um momento da história da relação mãe-filho. Ocorre através de uma prática complexa onde se destacam um embalo ritmado, lento; afagos; uma melodia simples repetitiva, tida como muito agradável, cantada em tom delicado, até sussurrante; finalmente, um texto pelo qual se faz a exaltação narcísica da criança, representação para o afastamento da mãe por trabalho ou passeio ou *outro*, alusão a proteção divina ou familiar frente a perigos indeterminados, muitas vezes míticos, outras sequer nomeados. Tem sido usado para exorcizar os "maus-espíritos" que rondam mãe e filho para separá-los. Também acaba servindo para ajudar mãe e criança a aceitar a solidão humana. (JORGE, 1988, p.20)

A autora faz alusão aos "fantasmas" existentes no estudo do tema *acalanto*, ao qual é dado menor importância por parte dos eruditos, sendo seus seres amedrontadores analisados "às pressas", evitados de tal forma que se pergunta: *O acalanto não parece um problema?* (JORGE, 1988, p.19) E assim como ela siga com mais perguntas do que respostas, adentrando a escuridão em busca dos monstros que ainda fazem parte das canções para adormecer, que constroem no inconsciente este eterno retorno da incompreensão sobre o nascer e o morrer, um limiar que atravessamos sós, sem saber o ponto de partida ou de chegada, mistérios.

Magalhães (2013) nos lembra que "O ser humano não nasce pronto para a vida. Diferentemente de outros animais, necessita não só nove meses de

²³ FLECHA 2 - O SOL E A FLOR - Disponível em https://youtu.be/_jVxOs70hpQ acesso em 28 de julho de 2021.

desenvolvimento intra uterino como também de longos anos de desenvolvimento psíquico e corporal." Portanto, para um saudável desenvolvimento se faz necessário cuidador(es) a quem a criança terá como referente significativo nesta fase de seu crescimento.

Sendo este evento fundante, o momento do nascimento, considerado pelo viés psicológico, como uma ruptura traumática a ser elaborada em um processo contínuo que se reatualiza ao longo da vida (Freud apud Magalhães, 2013, p.11); uma vez que a criança ao sair do útero recebe uma série de novos estímulos seu desejo é um voltar ao ambiente seguro de aconchego.

Ao sair do útero e passar a receber uma infinidade de estímulos novos e diferentes, a criança busca um retorno ao ambiente seguro, em que estava antes do nascimento. Assim, a voz materna, o afago, o embalo rítmico (no momento intrauterino experienciado pelo ritmo cardíaco) são elementos que propiciam o bebê rememorar o estágio de gozo intrauterino e, assim, auxiliam-no a tecer, gradualmente, a elaboração de sua perda. Desses elementos vê-se a voz com grande importância nesse processo, uma vez que representa o sentido da audição, um dos primeiros a se desenvolver e possibilitar experiências de troca com o mundo. O evento é traumático para a mãe também. Ao deparar-se com a experiência do filho, vê se frente a frente com seus limites e reatualiza seu trauma,(re) circunscrevendo seu vazio. Ao responder ao grito/choro do filho, atende ao pedido que também é seu. (MAGALHÃES, 2013, p.06)

É o sentido da audição, da escuta, que irá levar a este tempo intrauterino, a voz da mãe que acalanta, as vozes que estavam neste entorno do antes do nascer, sendo comprovado cientificamente ser este o primeiro dos sentidos a se desenvolver ao gestar, o ouvir. Memórias embaladas ao ritmo cardíaco fazem amenizar este trauma da separação e criam consciência corpórea, existencial. Aí se encontra o poder da palavra formadora.

Anna Poncela (2005, p.19-22) considera que a música tem o tempo da humanidade, é antiga. Que mais que uma forma determinante tem uma função social, uma funcionalidade social, para além do estético ou lúdico. Possui, segundo a autora, uma função didático moral que se faz presente nas mensagens das letras e ideias que são difundidas pelos que as criam, são portanto atravessadas por um discurso cultural hegemônico da sociedade da qual derivam, trazem arquétipos e comportamentos idealizados e assumidos, códigos sociais.

Para Anna Poncela as canções de ninar, os arrorros foram as primeiras melodias criadas pelas mães para seus filhos com a função de consolá-los, conduzi-los ao sono, dar segurança e afugentar os maus espíritos que rondam os sonhos; *“su función: arrullarlos y acunarlos, consolarlos e invitarlos eficazmente al sueño, y ahuyentar a los malos espíritus...la canción tenía, ayer como hoy, una función, además de la forma.”* (PONCELA, 2005, p.19)

Adormecer... fazer adormecer... Por que fazer adormecer se o sono é uma necessidade natural, psico-fisiológica, de frequência individual? (...) por que não adormecer simplesmente; não aceitar o sono, repudiá-lo, precedê-lo de infinitos rituais postergadores, como ocorre às crianças? Por que a angústia no adormecimento, mesmo em bebês?” (Cavani-Jorge, 1988, p.13).

Ruptura, angústia, medo. Aflição, desconexão, esperança. Energética sonora.

Para Joseph Campbell a cultura é o segundo útero. Para Antônio Bispo educação é ato colonial, e inspiração é ato de vida. Para Celso Sisto uma bênção recai sobre aquele que empresta seus ouvidos.

Palavras lidas, recortes, fora do contexto? Palavras tecem pensamentos, entoá-las ao ninar criam subjetividades, assim me pergunto: A qual segundo útero estamos sendo direcionados? O que inspira, o que educa? Ao emprestar ouvidos quais as bênçãos que recebemos? Escolhas ou imposição? Múltiplas humanidades...

Sempre mais perguntas que respostas.

Tendenciosa? Quais os monstros que se quer afugentar? Identitária? Um cantar que diferencia a uns e reafirma a outros? Traz a onipresença de uma religião?

Muitos são os questionamentos que se fazem os que pesquisam sobre as “singelas” canções de fazer a-dor-mecer; Ana Jorge pergunta: *Acalmá-la com o terror? Por que a angústia no adormecimento, mesmo em bebês?* (1988, p.13)

O sono teimoso, a contradição, a completariedade, a separação, o desejo de união permanente, a proteção, a segurança, a não onipotência, os limites, a magia, o sobrenatural, os mitos; canções de ninar e histórias para dormir trazem ambas este apelo ao terrível, as bruxas, os lobos, as cucas, os papões, os seres assustadores que encantam, no caso dos povos originários a cobra, os pássaros...nas leituras e na escuta realizada através de um curso no Sesc, de

outros no *Diversitas* e de muitas falas que fui encontrando durante o tempo de confinamento involuntário constatei que este modo de fazer adormecer perpassa fronteiras e modos de pensar, está em muitas culturas mundo afora e em diversas etnias, não tenho aqui como abarcar o tanto que fui sendo levada por mil caminhos que estão também nestes livros referenciados, as pesquisas das Anas, Poncela e Jorge, bem como Magalhães; assim que vou focar nestes e apenas citar os demais para quem quiser se aprofundar. Recortes...

As vezes sinto como se estivesse tecendo fios de uma teia que ao iniciar o processo tinha como meta enredar esses que se fazem marcadores das entranhas, esses que invisibilizam ao diferente dele, que se fazem espelho para todos demais; mas o vento iniciou com brisa leve e foi trazendo pequenas singelezas e levantes que foram somando vozes outras que agora alteram e fortalecem os fios, mudando a constituição desta teia. Iniciei a escrita no tempo que se fez a pandemia, que agora já foi, e o tempo se faz outro, porém seguem as perguntas soltas, assim que vou tentar conectar e dar forma ao aqui exposto...ou engolir tudo como fazem as aranhas²⁴ e partir para um fazer de outra forma, a teia.

Como cantar envolve o escutar vou puxar este fio trazendo com ele as palavras útero, inspiração e benção, colocadas acima junto aos nomes de Campbell, Bispo e Sisto. O primeiro pensador se fez conhecido por sua trajetória dedicada ao estudo dos mitos nas mais diferentes culturas, buscava o universal dentro do particular, assim como os monstros que estão nas cantigas para adormecer e se fazem presentes nas mais diversas formas, diferentes nomeações, que tem por função amedrontar; como os heróis dos mitos por Campbell destrinchados tem de vencer os medos; fazem ambos parte dos saberes culturais, são gerados neste que o escritor, professor, denomina segundo útero, que dá vida a esta presença do não dito, luz ao inconsciente, e se faz revelar através dos mitos e ritos que buscam entender os mistérios da existência, da vida. Uma viagem ao interior, ao mundo alcançado pelo poder dos sonhos. A essência que independe da fé, não linear, circular. O mesmo fio da circularidade que segura o quilombola Nêgo Bispo, pura

²⁴ **Você sabia que a aranha recicla a teia?** É isso mesmo: ela destrói partes danificadas da teia, alimenta-se dela e faz os reparos. Em outras palavras, a aranha utiliza uma fonte de matéria prima renovável! Disponível em https://www2.ibb.unesp.br/Museu_Escola/2_qualidade_vida_humana/Animais_domesticos_sinatropicos/aranha/construcao_teias.htm acesso em 19 de junho de 2023.

inspiração, traz como discurso o contra colonial, a recusa de um povo à colonização, prática secular dos movimentos de origem africana, quilombola e indígena. Antônio Bispo dos Santos (2023) veio da oralidade e nela se constituiu, sua veia pertence aos modos de ver, sentir e fazer as coisas, a arte alimentada pelos modos de vida, é conversa das almas, é partilha; é este aprender que nasce da inspiração. Já a cultura²⁵ é o contrário dos modos de vida, é padronizada, mercantilizada; é produto pertencente à arte escriturada, usa a linguagem culta, submete-se a regras, é ensinada, é colonizada. Penso que este útero ao qual se referia Campbell, seria algo mais próximo do que acredita Bispo; esta cultura viva, brincante, comunitária, que renasce e se transforma seguindo movimentos de confluência, inspiração. Orgânica. Este *viver outramente*.

Mergulhos no inconsciente como os que alcançamos quando realizamos esta escuta atenta, este “emprestar os ouvidos” de que fala Celso Sisto e este direcionamento que cria Lillan Pacheco e Márcio Caires com a curva da vivência aqui referenciada, que leva pela prática de cosmopercepções, do uso do corpo e todos seus sentidos interligados a natureza, sem fragmentações ou hierarquias, a um todo que se faz em benção; acessando pelos cantos, movimentos corporais e saberes partilhados a consciência oculta, o que vem de longe, ancestral. É individual, é coletivo. É oralidade, é escrita. É saber dos mestres e mestras das comunidades dos povos originários, quilombolas, ciganos, diaspóricos e é saber das letras, das pesquisas, das academias; é semente que nasce e germina neste solo onde o povo da resistência segue abençoado entre monstros e mil deuses, acreditando no poder do germinar da Terra, a mãe. Redonda e circular como o planeta, a roda gira.

Empresto meus ouvidos e leio um ensaio escrito por Celso Sisto Silva em 2008 *Em que terra estão pelados os meninos quando o herói está desnudo?!²⁶* que traz a obra “Terra dos meninos pelados” de Graciliano Ramos na qual o

²⁵ Aqui me coloco pensando a importância dada às palavras fortes que acabam determinando seu uso por um fazer hegemônico, por acaso não é cultura os saberes do povo das florestas, quilombos, periféricos, os da oralidade, os que não estão na academia, nas escolas, nos livros?

²⁶ Disponível em <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/4272/3555> acesso em 22 de junho de 2023.

protagonista, uma criança, no processo da jornada do herói, típica dos contos infantis, apresenta a emergência do ser social, em uma aventura de transformação que passa pela autoconsciência do ser diferente e do fazer coletivo.

“ Abre-te! Abre-te, ouvido, para os sons do mundo, abre-te ouvido, para os sons existentes, desaparecidos, imaginados, pensados, sonhados, fruídos! Abre-te para os sons originais, da criação do mundo, do início de todas as eras...

Para os sons rituais, para os sons místicos, mágicos. Encantados...

Para os sons do hoje e de amanhã.

Para os sons da terra, do ar e da água...Para os sons cósmicos, micro cósmicos, macro cósmicos... Mas abre-te também para os sons de aqui e de agora, para os sons do cotidiano, da cidade, dos campos, das máquinas, dos animais, do corpo, da voz...

Abre-te, ouvido, para os sons da vida!!! Ephtah !!! (FONTERRADA apud SCHAFFER, 1991, p.10-11)

Antônio Bispo em seu observar da natureza traz uma analogia que penso aqui faça sentido para entender sobre o escutar em diferentes culturas e modos de vida, o nomeado erudito e popular, diz ele: “os pássaros não precisam pagar para outro pássaro cantar, eles cantam para ele e para os outros”. E assim neste abrir de sentidos que usam por vezes o sentar e apenas escutar da toada feita para apreciar e a música que tocada faz o corpo inteiro dançar, entre flautas e tambores, violinos e berimbaus, foram ao colonizar separando e projetando no mundo um só tipo de herói, atacado por monstros vindos das entranhas da terra, que salva princesas e crianças; em um mundo onde nem todas serão princesas e as crianças tem cor, alvas. Cultura colonizada, inspirada em um mundo onde nasce um herói, cria hegemonia, que silencia outras vozes, outros sons. O que nos fala Campbell, Bispo e Sisto é sobre outra forma de ocupar, outro nascer, o contra colonial, a escuta corporal do que os ventos sopram.

Aqui escrevo, escutando e conversando com minha alma, para alguns será a arte do modo de viver, para outros só tonterias.

Deixo em palavra escrita o que pensei e com isto também imagino que devo fazer parte destes da categoria teimosa que não consegue separar seu ser das naturezas outras, que se sente com e como a natureza, ainda criança neste útero mãe, que gera e sustenta a cada dia seres que nela habitam, vivos e não vivos., de todas as formas e cores, nada sintética.

Podemos ser a aranha que tece a teia ou o inseto nela preso. Aprender com a aranha a tecer teias, apanhar /juntar nela os insetos estes e prender o grito, soltar a voz. Usando a ferramenta de quem escraviza e oprime, fazer libertação. Não desejo ser a aranha, uso, porém de seu saber para tecer outras teias possíveis. Dizem que se engrossar este fio de seda pela aranha tecido ele sustenta o mundo, seria interessante tentar, por enquanto vamos cantar forte chamando o povo natureza para ajudar no tecer da teia, fortalecer.

“Nosso **canto** não é só de horror. Não **cantamos** porque enfrentamos a morte segura na teia de aranha, mas porque sonhamos em nos libertar (...) Nosso **canto** é uma recusa à aceitação. É uma recusa a aceitar que a aranha nos comerá (...) Uma recusa a aceitar a inevitabilidade da desigualdade, da miséria, da exploração e da violência crescentes (...) Nosso **canto** é uma recusa a sermos vítimas da opressão, a submergirmo-nos numa ‘melancolia de esquerda’, algo tão característico do pensamento de oposição (...) Nosso **canto** é um **canto** que quebra vidraças, é uma recusa a sermos contidos, é um transbordamento, um ir além da margem, além dos limites da sociedade cortês. (HOLLOWAY, 2003, p.16-17 apud PADILHA , 2007, p.31, um exercício de escrita onde Paulo Padilha troca a palavra grito do texto original pela palavra canto por ele grifado)

Somos começo meio começo, diz Nêgo Bispo; e é sempre um recomeçar; nascer, viver, nascer outra vez. As canções migram e se adaptam ao novo lugar, à cultura, ao modo de vida, para continuar, para permanecer; vivas. “Vivas, vivas, todas as formas de vida são necessárias” .

INTEGRAÇÃO

O objetivo aqui é trazer para roda a espontaneidade, criar relações de contato afetivo-corporal, preparar para ativação e identidade, é uma brincadeira que se faz junto, em grupo, é movimento, não é sentado, mesmo nestes tempos virtuais, levantamos da cadeira e colocamos o corpo a rodar. Gosto particularmente da brincadeira de umbigada que conheci no primeiro encontro realizado em Porto Alegre em 2019, presencial, foi o único; mas é tão integradora esta pedagogia que os vínculos ali iniciados foram se fortalecendo, mesmo virtualmente, e parece que somos todes já de longa data colegas, como os de infância; não sei explicar como isto acontece, é mágica, bruxaria, mito, realidade, não sei, apenas sigo o coração que nesta roda pulsa.

Maria Roxinha, meu bem

Oh, desse lado

Oh, deste outro

Umbigada no meio

Que mal tem

Esta cantiga aprendi com Gabriela Nobre Bins, que em sua tese de doutorado defendida na UFRGS teve a pedagogia griô realizada na prática da educação física, fala de corpo e ancestralidade. Ela é professora, e levou para Porto Alegre o curso no qual foi a facilitadora da primeira aula que vivenciei transitando pela curva que aqui apresento. E como as demais canções, esta escuto na voz de Gabi cantando e se movimentando; estamos subindo esta curva.

A roda a seguir é denominada Diversitas, cheguei a este programa da USP através da pedagogia Griô que tem ali seu vínculo, a certificação do curso tem a chancela do Diversitas da USP. É acalanto! É canção de ninar.

RODA 2 - DIVERSITAS

Busco por outras cosmovisões, sei que o tempo e a roda da vida não andam para trás, mas penso podermos reverenciar formas de vida que foram ao longo dos anos apagadas, invisibilizadas, vistas e contidas como não próprias para o desenvolvimento e progresso (necessários) para seguir o projeto civilizatório que deixava para trás “Nuestra America”, Abya Yala. Pindorama.

Penso: E se Colombo aqui não tivesse chegado?

Seríamos atrasados e sem educação, sem regras ou leis, sem juízo ou religião?

Bárbaros, nada modernos, atrasados, selvagens; será?

Reflito: Palavras de vidro? São transparentes, frágeis? Refletem.

Barbaridade pode ser algo incrivelmente bom em um contexto e terrivelmente mau em outro. Pode ser muito bem visto em um e mal visto em outro. Está bom barbaridade! Frase que escutava referente a um doce, uma comida, um momento especial; expressão comum quando era criança lá nos pampas.

Mas barbaridade pode ser um ato violento cometido por alguém, bárbaro, que neste caso é dito: que barbaridade! Uma acusação, uma barbaridade; é um bárbaro.

Por ejemplo, para acabar con “la barbarie” y asegurar el avance de “la civilización”, sucesivos gobiernos (administraciones de esos estados) continuaron el avance sobre los territorios de pueblos indígenas, distribuyeron sus tierras entre los grupos de poder político y económico de los que formaban parte, y encargaron a la Iglesia Católica la “salvación de las almas” de los sobrevivientes de esos pueblos despojados de territorios; a los que también se les prohibió hablar sus lenguas, practicar sus formas de espiritualidad y sostener sus sistema de alimentación y salud. (MATO, Daniel, 2020)²⁷

Bárbaros quem?

Bárbaro seria que aquilo que nos diz Daniel Mato (2020) sobre quebra das estruturas se transformasse em “palavras floresta”, que vingasse a semente do anti-racismo e deixassem de ser apenas frágeis ideias nos currículos; não basta que

²⁷ Daniel Mato es investigador principal del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas – CONICET y director de la Cátedra UNESCO Educación Superior y Pueblos Indígenas y Afrodescendientes en América Latina, Universidad Nacional de Tres de Febrero – UNTREF, Buenos Aires, Argentina.

povos indígenas e negros sejam lembrados e estudados apenas nos dias a eles dedicados, dia do índio, dia da consciência negra...

Boi, boi, boi

Boi da cara preta

Pega essa menina que tem medo de careta...

Bicho papão, Cuca, Boi da cara preta, bárbaros que estão nas cantigas que embalam as crianças... que crescem e descobrem que sim eles existem na vida real; estão por toda parte se manifestando através de práticas nem sempre explícitas, nos “ismos” sociais, nas formas de escravidão moderna, na falta de respeito aos direitos humanos, em tantas mazelas que assolam a vida moderna ...que afrontam o próprio tempo da infância. Acabam assim por desvendar o mistério e desvelar a cara destes “bichos-monstros” das cantigas ...

Y si negro no se duerme

Viene diablo blanco

Y sale comen la patita

Yakapumba Yakapumba

Apumba Yakapumba Yakapumba Yakapumba

Parece mais fácil acreditar em bicho papão do que na escravidão. Hoje em pleno séc. XXI presenciamos o comércio e tráfico de pessoas, exploração sexual, cafetinagem, pedofilia, pobreza, miséria, fome, feminicídios, matança por terras e corpos, devastação da natureza, tragédias ambientais, intolerância. A naturalização de uma realidade que não é vista, melhor encontrar o alento no que não é óbvio e que apesar de sabermos não existir, assusta mais que a incontestável e absurda cena diária que nos é apresentada pela mídia, som e imagem que apesar de estar ali, já não comove, virou trivial, normal; estamos “adormecidos” como quando para nós cantarolavam: Bicho papão, sai de cima do telhado... Quem são os monstros de hoje?

Desde la Antigüedad, el monstruo es un ser que forma parte de la naturaleza con el mismo derecho que cualquier otro, si bien contradice el orden habitual, llama la atención sobre su propia forma o función para cumplir un mandato divino. La palabra monstruo procede del verbo latino moneo, -ere, que significa 'avisar', 'mostrar', 'hacer pensar'. Para eso precisamente existen los monstruos, se creía hasta bien entrada la Edad Moderna. (CRIADO, 2019, p.5)

Bárbaro seria ver as transformações da universidade em busca de um currículo novo, enegrecido, indianizado, comunitário, subalterno, ladino, latino... de fazer prático, de pesquisa que traga resultados não de mais pontos no Lattes mas mudança nos pontos violados das comunidades, pessoas, natureza; que levem a um ponto de equilíbrio, equidade, igualdade; barbaridade!

Ele (Daniel Mato) fala de mudança universitária eu (Isabel Mattos) penso transformação na base, lá no jardim de infância; os extremos, os telhados de vidro; frágeis, professores(as), educadores(as) aqueles que quando usam do discurso transparente tornam as palavras um reflexo; iluminam.

Vai-te papão

Vai-te embora do telhado

Deixa o menino

Dormir sossegado

É tempo de acordar a criança, é tempo de levantar , é tempo de voltar o olhar para a escuta atenta, pensar quem são estes que ficam "em cima" dos telhados, desfazer medos, enfrentar subjetividades, acelerar as mudanças nestas estruturas que já não comportam os muitos que estão saindo desse tempo adormecido. É tempo de outros cantares, tempo de cura, de acalanto; chega deste pranto, em tempo; somos diversos, pluridiversos, pluriculturais, somos movimento, corpos que bailam ao som dos tambores, ao som da batida do pé no chão, somos roda, rizomáticos, o que faço atinge ao outro, e ao outro... rede de conexões, uma só comunidade: pertencemos a esta TERRA, a mãe-natureza. Gaia! Pachamama! Em um UNI -VERSO, sem fim!!!

SEM FIM... E como diz Nego Bispo²⁸ é : *começo, meio, começo.*

Sigo perguntando: Quem acalanta essa Terra?

E você, qual acalanto cantaria para tua Terra-mãe?

²⁸ Antônio Bispo dos Santos nasceu em 1959 no Vale do rio Berlingas, Piauí. Lavrador, formou-se com os saberes de mestres e mestras do Quilombo Saco Curtume, no município de São João do Piauí, e foi o primeiro de sua família a ser alfabetizado, desenvolveu a habilidade de traduzir para a escrita a sabedoria de seu povo. É professor convidado do Encontro de Saberes da UNB/INCTI e da Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG.

BOI : Qual é a tua cor?

“O essencial é saber ver, saber sem estar a pensar. Mas isso exige uma aprendizagem de desaprender.” (triste de nós que trazemos a alma vestida) - O guardador de rebanhos - Fernando Pessoa e Alberto Caeiro apud Muniz Sodré 2023, p. 43

Deve-se deixar de cantar Boi da cara preta?

O boi colorido chama para uma política da igualdade social, onde todas, todos, todes têm os mesmos direitos de se manifestar e estar na sociedade.

O boi em suas individualidades, cada qual de uma cor é o reconhecimento da diferença do saber de cada um.

Aqui apresento um ressignificar do boi preto que em seu cantar é racializado e reconhecido em um lugar daquele que deve ser expurgado, afastado para longe, não social.

Jorge Conceição²⁹, um educador de mil cores, traz o boi em suas múltiplas e variadas cores difundindo entre adultos e crianças, através do teatro e da música, mensagens de reconhecimento das diferenças constitutivas de cada qual. Coloca o boi preto em um lugar social de acolhimento e dá a ele um novo significado, tornando a canção popular uma força que poderá inclusive recontar a história do boi da cara preta, humanizar ao boi.

...“as pressões e as temperaturas-máximas” nas famílias, comunidades mais amplas e escolas, só podem ser reduzidas com o exercício de uma “Nova Ordem Cultural”; o corpo humano (da infância à fase adulta) terá que experimentar com urgência o modo de vida do “Novo Ser”; de uma humanidade “Nova Era”; “Boi, Boi, Boi, renove a humanidade, criança sofre muito, pois só quer a felicidade; Boi, Boi, Boi, querendo a nova era, amar é muito leve, é o coração que tanto espera”³⁰

²⁹ Jorge Conceição lecionou durante 13 anos na Universidade Católica da Bahia, no curso de Geografia, além de prestar assessoria e consultoria a ONGs e Universidades Nacionais, através de oficinas, cursos e palestras, abordando conteúdos pluriétnicos (Geo-Históricos) e relacionados a Estudos Africanos. Disponível em <https://www.obrasileirinho.com.br/escritor-jorge-conceicao-conta-a-historia-das-lendas-brasileiras-sob-um-novo-olhar/> acesso em 21 de fevereiro de 2023.

³⁰ Disponível em <http://boimulticor.blogspot.com/2010/04/o-nosso-projeto.html?m=1> acesso em 21 de fevereiro de 2023.


Jorge Conceição, geógrafo, foi militante histórico do Movimento Negro e fundador do CEN - Coletivo de Entidades Negras, faleceu aos 66 anos em Alagoinhas, Bahia em setembro de 2017³¹. Conceição escritor, re-contador, deixa entre os vários livros infantis e adultos de sua autoria o legado aqui destacado "O Boi Multicor"³², esta proposta de resgate identitário dos que sofrem por terem associado o seu tom de pele a tudo que é negativo, a cor preta do boi se faz cantada por ele como apenas mais uma dentre tantas outras, veste um olhar diverso e cria a possibilidade de combater estereótipos através da ressignificação da cantiga de ninar, desperta para "nova era".

“O boi multicor não causa um efeito imediato de desconstruir o que a criança traz desde a infância até a fase adulta. É evidente que com ela fica mais fácil de trabalhar ludicamente, e que pode haver uma transformação de certos comportamentos, pois muitas aprendem com os adultos. Ela não tem tempo de construir essa mentalidade. Então, quando emitimos mensagens através da música e do teatro, desconstruímos certos recálques, assim as crianças começam a considerar o boi preto ou de qualquer outra cor, bonito”³³ (Jorge Conceição, o Boi Multicor)

Ivan Luiz Chaves Feijó (2011) escreve um artigo nomeado “Boi da cara preta: transfiguração do escravo, humanização do boi”. Nele analisa a figura do boi preto como representante simbólico do negro escravizado; traz a literatura de cordel nordestino e seus cantadores, poetas na maioria das vezes negros que dão voz aos animais, valentes e aguerridos, entre elas contam sobre um boi preto mágico, livre e misterioso que quebra as amarras da submissão, da escravidão. Inicia o autor do artigo com essa citação de Guimarães Rosa, da primeira edição de 1946, *Conversas de Boi in Sagarana*:

³¹ Jorge fundou a Universidade de Reconstrução Ancestral Amorosa – UNIRAAN, foi re-contador de histórias para crianças e adultos, autor de vários livros infantis e adultos, onde destaca-se o Boi Multicor, que trata das diversidades existentes no mundo, além de educador e animador de teatro experimental de rua. Disponível em <https://www.geledes.org.br/morre-o-professor-jorge-conceicao-militante-historico-do-movimento-negro/> acesso em 21 de fevereiro de 2023.

³² Disponível em <https://www.facebook.com/nte20vitoriadaconquista/posts/2968623510025087/> acesso em 21 de fevereiro de 2023.

 Boi Multicor - Contaçon de História

³³ Disponível em <http://www.fpc.ba.gov.br/2017/09/20/jorge-conceicao-um-educador-de-mil-cores/> acesso em 21 de fevereiro de 2023.

Que já houve um tempo em que eles conversavam, entre si e com os homens, é certo e indiscutível, pois que bem comprovado nos livros das fadas carochas. Mas, hoje em dia, agora, agorinha mesmo, aqui, ali, e em toda parte, poderão os bichos falar e serem entendidos, por você, por mim, por todo mundo, por qualquer um filho de Deus?! (FEIJÓ, Ivan, 2011, p.136)

O mais antigo e famoso diz ser o cordel do Boi Surubim o qual consta como sendo de 1773 e que inclusive se tornou um dito popular “*aqui não passa nem o Boi Surubim*”. Mas é a “História Boi Mandigueiro e o Cavalo Misterioso” que o autor traz como exemplo ilustrativo das origens, conexões e presença do africano na literatura do cordel de bois; sendo segundo ele mandiga associado ao verbo mandigar, enfeitiçar e os “Mandingas, raça de negros miscigenada com elementos berberes e etíopes e que sofreram influência maometana...considerados grandes mágicos e feiticeiros” (FEIJÓ, 2011, p.141-142)

Conta a história que este boi mandigueiro era preto como a noite e que lutava pela liberdade, nascido de Endiabrada, uma vaca já velha e esquecida, arisca e indomável, que morre ao dar vida a Mandingueiro, que logo após o desmame foge; tornando-se um boi, grande, de chifres descomunais e aspecto carrancudo; nenhum vaqueiro o conseguia capturar, sua fama de amaldiçoado e demoníaco se espalhou por outros Estados e por ele o fazendeiro seu proprietário, inconformado, acaba oferecendo a filha loira, de olhos claros e jovem como recompensa a quem ao boi conseguir pegar. Entra em cena Genésio, e seu cavalo misterioso, preto da cor do carvão, nascido à meia noite de uma velha égua, com história parecida a do boi; e que depois de algumas aventuras, perseguição implacável e muita luta, no cordel relatado, acabam por conseguir a façanha. O cavalo preto vence o boi preto. Genésio casa com Leonor. Mas aí não termina o relato; fogem ambos, boi e cavalo, tendo o primeiro a alegria da liberdade e o segundo punido por ter traído ao irmão, é açoitado. “*Esta simbologia possui raízes profundas na África, nos sangrentos embates entre os negros na sustentação do tráfico de escravos.*”(FEIJÓ, 2011, p. 143-144)

*Boi, boi, boi, boi da cara preta,
pega esse menino que tem medo de careta.³⁴*

Ambos, Conceição e Feijó, trazem o boi, um em sua ressignificação do cantar e outro no cordel de bois, em um universo de nordeste do país, Bahia, Rio Grande do Norte, Piauí, Ceará; um Brasil também por anos narrado pelo sertão, pela miséria, pela pobreza, em contraponto ao sul, rico e próspero, dois Brasis, a colônia, da colônia, do um dia colonizado que oprime ao irmão, do mesmo povo e que escreve uma história do país esvaziada de protagonismo destes que ao sul não pertencem; este povo do lá, indolente e preguiçoso; cheio de mandingas. Este povo da cara preta.

São narrativas as quais contém uma infinidade de signos e simbologias que para serem acessados precisamos realizar estudos mais profundos, assim que vou desalinhando o pensamento e seguindo intuições, sopros que como o fazer do boi e do cavalo voam mais rápidos que o vento, não sei bem onde irá alcançar, mas apenas “vento”.

Acredito aqui se fazer necessário uma breve passagem no tempo para compreender a análise que procuro fazer desta canção de ninar especificamente e localizar este argumento no Brasil, o país que se diz miscigenado e não racista, o que hoje, (ou há tempos) já se sabe é muito controverso.

A libertação dos escravos no Brasil foi construída ao longo de décadas durante o II reinado (1840-1889), realizada em pequenas concessões de leis que se iniciam em 1850 com a proibição do tráfico transatlântico de escravos (Lei Eusébio de Queiroz), que proibiu atracar nos portos brasileiros navios vindos de África, negreiros-tumbeiros; 1871 lei do Ventre Livre, escravizadas dariam à luz a bebês agora livres, que na verdade ficariam no cativeiro até os 8 anos com as mães, o que se poderia estender até os 21, permanecendo na propriedade do senhor escravista caso desejasse, e como *troca* pela casa, comida, abrigo, sustento, para ele

³⁴ Cantiga popular anônima, atribuída à região do Maranhão, por volta do século XIX. Há controvérsias quanto a sua região de origem e época. (FEIJÓ, Ivan Luiz. 2011, p.147)

trabalharia, o estado não se preparou para receber as crianças libertas.³⁵ Em 1885 a lei dos sexagenários dava liberdade aos que completassem 60 anos que ainda assim teriam de permanecer mais três anos prestando serviços ao senhor para serem então libertos; ao que Angela Alonso denomina “leis para inglês ver”.³⁶

Muitas foram as propostas e discussões entre o partido liberal e o conservador, a causa abolicionista contava com apoiadores de diversos setores urbanos da sociedade da época, inclusive o da princesa Isabel de Orleans e Bragança, já entre os seus ferrenhos opositores encontravam-se parlamentares ligados ao agronegócio sustentados pela mão de obra escrava e temerosos com a possibilidade de ao se constituir a abolição serem expropriados de seus latifúndios através da temida reforma agrária.³⁷ Em 13 de maio de 1888 a lei Áurea aboliu o direito à propriedade de uma pessoa sobre a outra.

“...Propostas como as desses três pingavam intraelite, extraparlamento. Todos à cata de resposta à pergunta de Tavares Bastos: “Como se poderá chegar à abolição sem revolução?”. (ALONSO, Angela, 2015, p.32)

Muniz Sodré escreveu recentemente um livro ao qual nomeou: O facismo da cor: uma radiografia do racismo nacional (2023). Em suas ideias encontro base para tramar, de enlinhar, construir ligações para este pensar que anda me perturbando sobre este cantar o boi, o de dar a ele a cor da cara preta; o mais provável é que esteja aqui fazendo pontes que não levem a lugar algum, mas como pensar ainda não paga imposto, arrisco.

Destaco fragmentos do texto para construir a ligação, tijolos:

O racismo brasileiro é epidérmico. (p.39)...

Do horror à intrusão não estão ausentes circunstâncias sócio-históricas. Por exemplo, a existência de uma memória coletiva escravista, necessária à manutenção de uma hierarquia nas interações sociais, que não deixa de evocar um sistema inconfessável de classificação humana... Nela predomina um "sentimento inominável", mais forte do que palavras. (p.46)

³⁵ Disponível em <https://brasil.elpais.com/cultura/2021-09-28/temendo-rebeliao-de-escravos-fazendeiros-tentaram-barrar-a-lei-do-ventre-livre.html> acesso em 20 de março de 2023.

³⁶ Angela Alonso, socióloga, autora do livro *Flores, Votos e Balas - o movimento abolicionista brasileiro*.

³⁷ Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/15/politica/1573824412_841710.html acesso em 20 de março de 2023.

Os "materiais" do medo coletivo ao negro confundiam-se inicialmente com a insurgência, que foi permanente ao longo do processo escravista, seja sob a forma dos suicídios ou dos quilombos, que se espalhavam pelo território nacional...Desde o século XVI, foi contínuo o processo de luta pela libertação do negro nas Américas (Venezuela, Colômbia, República Dominicana, Haiti, Cuba, Jamaica)... Entre nós, ao longo do século XVII, o famoso Quilombo dos Palmares, estabelecido em Pernambuco, derrotou várias expedições de mercenários, suscitando o *temor da fixação de um "reino negro-brasileiro"*. Foi destruído, mas deixou o medo. (p.90-91)...No plano coletivo, o Estado escravagista, fundamentalmente terrorista, temia a latência das *insurreições*.³⁸ (MUNIZ, 2023, p.92)

Para o autor no Brasil a abolição ocorreu no plano jurídico-político mas não se aboliu a escravidão no que define como forma social, não houve uma abolição no espírito, que segue escravocata e dominador das entranhas, agindo nas sutilezas e assim mantendo os privilégios da cor, branca; repelindo os diferentes pois deles tem internalizada a imagem do ser a ele inferior, negando o sentimento racista, que não está explícito mas se mostra, na forma social, no medo de perder o lugar "conquistado por merecimento", portanto quando este outro ocupa um lugar na posição de igualdade é visto como "fora do lugar" e deve ...sair do telhado e deixar dormir sossegado ao menino tão bonitinho.

Não,não, não

Não coitadinho

Ele está chorando

Porém ele é bonitinho

Para Muniz Sodré (2023, p. 29) o racismo brasileiro é além de estrutural, institucional e intersubjetivo. Segundo ele, até a abolição era a sociedade dos protagonistas do descobrimento, após ela se tornou a sociedade do encobrimento, do apagamento. Sodré fala do fascismo da cor, Martín Baró³⁹ de fatalismo; ambos

³⁸ grifo meu

³⁹ Num de seus textos mais lidos e debatidos, que recebe o título irônico de *O latino indolente*, Martín-Baró aborda o que se vinha chamando de uma "atitude fatalista" dos povos latino-americanos, isto é, uma predisposição a aceitar as injustiças como parte de um destino trágico e inevitável determinado por alguma força superior e alheia – parte do curso natural da vida, a respeito do qual não se pode fazer nada. Ele desenvolve esse debate a partir de Paulo Freire, de quem sofreu muita influência, e que traçava uma ponte semelhante entre a opressão colonial e essa conformação a um destino fatal...Para ele, é impossível ler uma realidade psicossocial sem considerar as estruturas sociais profundas nas quais os indivíduos estão imersos. Ele sugere que o fatalismo não deve ser

falam do medo este arraigado, enraizado; de um passado estabelecido em um imaginário que retorna como “fantasma” do inconsciente (JORGE, 1988, p.18)

Anna Poncela (2005) dá como título a seu livro *canción infantil, discurso e mensajes*; pois de acordo com suas pesquisas as canções são um ato social, reproduzem comportamentos, narram discursos e afirmam pensamentos inscritos no modelo ao qual estão inseridas; assim servem a ideologias, constroem realidades.

“A través de las letras infantiles, niños y niñas, absorben el mundo que los envuelve” (PONCELA, 2006, p.3) Luzmila Peña(2017) em seu trabalho de doutorado investiga a dinâmica de interações que rondam as canções da infância no interior da sala de aula, e revela o impacto das mesmas na construção identitária das crianças.

Cabe destacar que el lenguaje y los discursos no solo operan a nivel lingüístico, su efecto alcanza los campos identitarios. De este modo, las identidades se van construyendo en las canciones que se cantan, las que promueven procesos identificatorios que se van dando en función de determinados autores, intérpretes y personajes reales o ficticios que conforman el imaginario colectivo. (PEÑA, 2017, p.96)

Poncela questiona e afirma estarem sendo inseridas desde a mais tenra idade mensagens formadoras que se alojam nas células cerebrais através das canções da infância, iniciadas com os arroros, os cantos de ninar, preocupa-se com repertórios que entoam estilos de vida, relações de poder, incluem e excluem vozes, em sua pesquisa tem interesse em desvelar o mundo oculto das canções infantis, prática cantada não só no aconchego dos lares, mas que seguem nas escolas e nas brincadeiras, partilhadas e perpetuadas de geração à geração. Pergunta-se Anna: “¿Qué mensajes sociales están contenidos en las melodías que se les enseña desde la cuna? ¿Qué significado poseen las letras de las canciones que entonan en la escuela, la casa o transitan en los medios de comunicación de ayer y de hoy?” (2006, p.2)

Silvia Machado fez uma longa pesquisa sobre a canção de ninar brasileira, em seu livro publicado em 2017 traz um capítulo sobre o boi nele retrata com belas

tratado simplesmente como uma “síndrome” pessoal, mas que, sobretudo, seria melhor pensá-lo como um correlato psíquico dessas estruturas. A construção de uma sociedade justa não é apenas um problema político, mas também um problema psicológico. Disponível em <https://www.esquerda.net/artigo/martin-baro-martir-da-psicologia-da-libertacao-latino-americana/78015> acesso em março de 2023.

palavras esta intersubjetividade de que fala Muniz Sodré; através da canção *Acalanto* escrita em 1940 por Caymmi, composta para sua primeira filha Dinahir, a pequena Nana, a partir da lembrança de ser embalado por dona Aurelina, sua mãe, com Boi da cara Preta, se apropria e estetiza a cantiga popular; gravada em 1960 cantada por ele e a filha Nana Caymmi, que estreava como cantora⁴⁰. Palavra que se faz presente na intimidade do lar, palavra viva, reavivada pelo poeta da oralidade, tradição transmitida pela voz materna agora reencantada no fazer adormecer da filha; ganha âmbito comunitário e se perde no meio do povo, se fez nova a canção de ninar, como desejou o autor de *Acalanto*. (MACHADO, 2017, p.80-84)

Também Silvia inicia o tema através de muitos questionamentos, destaco alguns: Por que o boi? Que características desse animal o teriam transportado para o interior de uma canção de ninar?... Sua lentidão...seu silêncio... Sua imprevisibilidade, característica também própria das crianças pequenas? E por que a cor preta? (Ibidem, p.35)

Inquietações, perguntas, que são muitas vezes colocadas, e não respondidas na sua inteireza, mas que servem para instigar e fazer mexer com estruturas sedimentadas às quais por vezes não percebidas, para isso servem as pesquisas, e as perguntas que assim como crianças curiosas buscam respostas; nem sempre encontram, então inventam...o que na idade adulta se torna um perigo, a descoberta destas terras foi invenção, por aqui ninguém esperava Colombo, nem Cabral; diz Marilena Chauí, foi invasão; o tráfico de escravos não foi manso como se quer fazer parecer, foi cruel. E por aí vai, irei centrar na questão da escravidão, *escravismo criminoso* como denomina Cunha Júnior que em seu texto vai narrar que a escravização dos africanos não foi nada fácil; envolveu muitas guerras e lutas:

Os quilombos existentes aos milhares na história do Brasil é a prova mais concreta das lutas contra o sistema. Diariamente existiam fugas nas cidades e nas plantações. Não tem sentido pensarmos que o escravismo criminoso poderia ter sido brando. Mas a construção de uma história mentirosa, ou de meias mentiras sobre o escravismo depende destas coisas expostas de forma incompleta ou distorcida. Denominamos aqui de história mentirosa ou de meias mentiras aquela que omite deliberadamente o protagonismo

⁴⁰Este tema será retomado mais à frente, na roda *Quero colo: mi-(a) mar, so-(m)ar*

histórico de africanos e afrodescendentes para construir uma narrativa histórica de aparente harmonia social entre escravizados e escravizadores. A narrativa da construção harmônica parte da suposição falha de que o africano já estava acostumando ao escravismo, portanto não teriam realizados grandes reações violentas contra o sistema, outra que este sistema seria ameno devido a formação religiosa dos portugueses e a aceitação que estes teriam dos africanos devido terem se mestiçados como eles. Então, escravizados e escravizadores teriam vivido em certa harmonia social. Esta é a síntese que se prega para justificar a sociedade brasileira como pacífica e de completa integração entre africanos e europeus, entre negros e brancos. (CUNHA JR. 2007, p.2)

Vou assim delineando pensamentos para compreender o porquê desta angústia que atravessa o cantar e dar cor ao boi, a melodia suave e ritmada usada por Caymmi é doce, mas as palavras que compõe a cantiga original incomodam, remetem a um medo que não é do boi mas sim ao que silenciado, calado, afastado, não pode o boi expressar; amaldiçoado se torna um eterno fugitivo de seu próprio ser, latente fica o ser ameaçador contido, fantasma de todo horror na pele e alma vivenciado. Não foi pacífico, nunca teve integração.

Me pergunto ou melhor penso; até onde é só uma questão do politicamente correto ou é algo tão enraizado que assim como a escravidão nos custa, aos que por ela não são afetados pelas palavras cantadas, alterar o monstro ou a sua cor?

Sabedora sou, da importância de bruxas, lobos, serpentes e monstros para o imaginário infantil, e que na maioria das culturas existem canções, bem como contos para infância que os trazem justamente para que crianças resolvam, identifiquem e vivenciem através destes personagens conflitos e emoções. Porém o que me afeta e faz trazer estas linhas emaranhadas de pensamento-conversa-questionamento; é não a melodia mas a palavra esta que compreendo não chega ao entendimento do bebê acalentado mas que com a criança cresce o murmúrio e se transformam as palavras como fez Caymmi em seu Acalanta, a cor como fez Conceição em seu Boi multicolor ou o protagonista como traz Feijó no cordel de bois, humanizando ao boi no artigo: "Boi da Cara Preta: Transfiguração do Escravo, Humanização do Boi".

Mostrar e apresentar a cantiga e as questões nela abordadas é dar condições do adulto ou da criança ter seu próprio juízo de valor? Desta maneira trazer a canção como usualmente cantada ao longo de muitos anos e o pensamento mais atual e ressignificações feitas a partir dela, ver outras formas de cantar, abrir novos horizontes e pensamentos, não ficar na posição de uma forma única de se fazer

uma canção que traz a baila questões raciais é apenas politicamente correto ou é tocar na estrutura social que se constrói pela palavra emanada. Raízes profundas fixadas, nada rizomático.

bell hooks (2019) em *Olhares Negros* escreve sobre estas questões de construção de imagem, de auto-ódio, de angústia e dor interior da qual urge se curar o povo negro; uma transformação da imagem se faz necessária, que venha perfurando as barreiras da negação e dominação, os olhares racializados que atingem o dentro, as identidades.

...Nós que militamos em favor da causa antirracista continuamos insistindo que a supremacia branca e o racismo não terão fim enquanto não houver uma mudança fundamental em todas as esferas da cultura, em especial no universo da criação de imagens. Ainda assim, quando imagens libertadoras são criadas e apresentadas no mercado cultural, é difícil disseminar novas ideias, novas visões. Ao mesmo tempo, trabalhar dentro das restrições de uma estética racista traz dinheiro, fama e atenção, sobretudo na cultura popular, enquanto é muito fácil que a ênfase em imagens libertadoras seja escanteada.

(hooks, 2019, p.22)

...Em *Olhares negros*, interrogo criticamente as velhas narrativas, sugerindo formas alternativas de contemplar a negritude, a subjetividade das pessoas negras e, por necessidade, a branquitude. (idem, p.33)

...Se nós, pessoas negras, aprendemos a apreciar imagens odiosas de nós mesmos, então que processo de olhar nos permitirá reagir à sedução das imagens que ameaçam desumanizar e colonizar? É evidente que esse é o jeito de ver que possibilita uma integridade existencial que consegue subverter o poder da imagem colonizadora. Apenas mudando coletivamente o modo como olhamos para nós mesmos e para o mundo é que podemos mudar como somos vistos. Neste processo, buscamos criar um mundo onde todos possam olhar para a negritude e para as pessoas negras com novos olhos. (idem, p.34)

Resolvi olhar através de uma perspectiva que mostre para além destas "*histórias pra boi dormir*" ⁴¹ olhar através deste boi forte que luta pela sua liberdade e sabe a força que tem, construir uma outra imagem, que tire da invisibilidade, do apagamento o povo negro e deles se contem outras histórias que tragam luz a sua cultura e identidade. Um dia ...

⁴¹ Milanez, Felipe Guerras da conquista: da invasão dos portugueses até os dias de hoje / Felipe Milanez, Fabricio Lyrio Santos. — Rio de Janeiro: HarperCollins, 2021. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6833860/mod_resource/content/2/Milanez%20e%20Santos%20C%202020.%20Guerras%20da%20Conquista.pdf acesso em 28 de março de 2023.

“... Da escravidão em diante, os supremacistas brancos reconheceram que controlar as imagens é central para a manutenção de qualquer sistema de dominação racial.” (hooks, 2029, p.30)

Lélia Gonzalez fala de consciência e memória, onde consciência seria este lugar do encobrimento, do esquecimento, da alienação e memória é aquele não saber que conhece, onde está guardada a história não escrita, mas que existe como verdade.

“A consciência faz tudo para nossa história ser esquecida”, escreve Lélia. (1984, p.226)

Por que será que tudo aquilo que incomoda é chamado de coisa de preto? Por que será que ao ler o Aurélio, no verbete “negro”, a gente encontra uma polissemia marcada pelo pejorativo e pelo negativo? Por que será que “seu” bispo fica tão apavorado com a ameaça da africanização do Brasil? Por que será que ele chama isso de regressão? Por que vivem dizendo pra gente se pôr no lugar da gente? Que lugar é esse? Por que será que o racismo brasileiro tem vergonha de si mesmo? Por que será que se tem “o preconceito de não ter preconceito” e ao mesmo tempo se acha natural que o lugar do negro seja nas favelas, cortiços e alagados? (GONZALEZ, 1984, p.238)

Resumindo. Penso que múltiplas seriam as razões para se deixar de cantar esta canção que já se faz ressignificada por alguns como Jorge Conceição que trago no texto e que me fez pensar na questão desta estrutura racial que temos especificamente aqui no Brasil, o país que se diz democrático quanto a questão da cor, onde todos somos iguais e temos as mesmas chances de alcançar o sucesso através do mérito e do esforço pessoal, mito.

Penso que esta estrutura anda sendo mexida por muitas e muitos que levam na pele a cor preta e sabem das dores ancestrais e atuais no corpo sofridas por serem vistos como negros, aqueles cuja história nas escolas que sobre seu povo se conta é única, a da escravidão. Aqueles lembrados em algumas datas especiais como gente e mantidos através de um "pacto narcísico da branquitude", como escreve Cida Bento (2022) à margem e na base de sustentação desta dita democracia racial, mito construído através de várias práticas e fundamentado na escrita de Gilberto Freyre, casa grande e senzala, harmonia?

A mesma harmonia suave que escutamos na cantiga de ninar cuja letra traz algo que incomoda a quem escuta, que vai muito além da questão do medo cantado em inúmeras culturas e diferentes povos ao redor do mundo, medo o qual sabemos ser formador necessário ao desenvolvimento da identidade e subjetivamente nos faz enfrentar "fantasmas", atravessar barreiras, ir adiante e derrubar muros, medo que move.

Não, este cantar apesar da música suave parece trazer algum incômodo, como aquele que viu Florestan Fernandes nesta harmonia das raças no Brasil. Entranhas.

No censo de 1976 foram coletadas 136 cores diferentes auto-declaradas pela população que perdida em sua identidade já não se sabe ser mulata, negra, parda, turva, araquaba roxo, mulato médio, preto, pelé, sarará...⁴² Perverso mito, este sim dá medo, paralisa.

O que faz Jorge Conceição é nomear e dar outro significado a canção, talvez um resgate desta identidade perdida, pois isso fazem as músicas de ninar, por meio delas alcançamos nossas subjetividades, um limiar entre o adormecido e o *a-cor-dado*.

Canta a mãe preta a criança, cantam as mães, avós, bisavós, mulheres de todas as cores neste Brasil miscigenado esta canção que parece surgiu no Maranhão segundo o que na busca virtual consegui apurar, sem data ali especificada mas se sabe estar no imaginário do povo de norte a sul, de leste a oeste, espalhada aos quatro ventos: o boi da cara preta.

Me pergunto: No Brasil o medo tem cor ?

Brasil, meu nego,/deixa eu te contar/
a história que a história não conta,/
o avesso do mesmo lugar [...] Desde
1500/ tem mais invasão do que descobrimento,
tem sangue retinto pisado/ atrás do herói emoldurado

⁴²  Ep 1 O Mito da Democracia Racial | Coleção Antirracista acesso em 13 de março de 2023.

Deivid Domênico, Tomaz Miranda, Mama, Marcio Bola, Ronie Oliveira e Danilo Firmino ⁴³ (BENTO, 2022, p.7)

Profundo Brasil, ...

⁴³ Trecho do samba-enredo *Histórias para Ninar Gente Grande*, Estação Primeira de Mangueira, 2019.

ATIVACÃO

Lillian sempre fala sobre a força das cantigas e da importância de as colocar cada uma no lugar certo, nada é aleatório, tem uma construção de muita prática, muito viver, a caminhada é longa e precisa ser incorporada para ser entendida, e como todo o bom mestre, mestra, a experimentação pensada pode ter de na hora da brincadeira ser mudada, assim que o repertório tem de estar ali, guardado no corpo para sentir no momento da aula qual pertence ao grupo que ali se faz presente, parece brincadeira de criança, é, pois quem foi e continua assim criança sabe o valor deste tempo que é a infância.

Neste momento estamos quase lá no alto da curva, quase chegando o momento de entrar no meio da roda, nosso corpo brincante está ativado.

*Lá no mar tem areia, sereia
Quando eu pensava que era um
Era um babado só
Quando eu pensava que era dois
Era um babado só...
Lá no mar tem areia, areia*

E em pequenos grupos vamos juntos nos mostrando para a roda, costurando os vínculos, e como diz a mestra “lendo as pessoas”, esta cantiga quem escuto cantar são vozes variadas que trazem a lembrança do riso solto daquela tarde em 2019, na aula vivencial de apresentação desta prática em que fui “lendo” e formando assim o grupo que construiu, pensou, apresentou uma aula vivencial como primeiro passo “avaliativo” nesta formação em educação, nela ao final serei mestra.

Na roda a seguir falarei sobre o acalanto e a quem pertence, quem canta, existe uma construção em torno deste fazer que se diz ser um ato da mulher, da mãe, da avó... assim como ser professora, cozinheira, lavadeira, enfermeira, estas ações de *cuidadeiras*; será? Mãos que embalam - Mecen.

RODA - MÃOS QUE EMBALAM - MECEN

La nana es una emoción cantada, una demostración de cariño y ternura. A través de ella se establece un vínculo muy importante entre la madre o el padre y el bebé; es una forma de lenguaje donde importan menos las palabras que la expresión de un sentimiento, la musicalidad y el ritmo.

Un ritmo basado en el corazón, que es el que ha marcado la vida del bebé en el útero materno, y que permite mecerlo con la cadencia de las olas.

La nana es un estímulo que aumenta las respuestas del niño hacia el mundo exterior, favoreciendo su sociabilidad y fomentando el aprendizaje temprano. En ella se encuentran todos los elementos que familiarizan al niño con la formación del lenguaje: las vocalizaciones... la repetición de sonidos... de palabras familiares o de frases... el interés por el tema... el ritmo unido al movimiento de mecer, la musicalidad, las frases breves, el uso de diminutivos

(Menéndez-Ponte y Serna, 1999:7 apud Poncela, 2005, p. 189)

Quem canta? Quem é o masculino nas canções de ninar? Existe um padrão contra hegemônico?

Anna Poncela escreveu em 2005, estamos em 2021, continuamos perpetuando isso; são inúmeras as canções que trazem este fazer da mulher que foi redobrado com a entrada no mercado de trabalho; agora carrega uma dupla jornada, cuidado do lar, afazeres domésticos, trabalho profissional e por vezes ainda terá de triplicar ao ter de estudar para melhor qualificar-se no mercado de trabalho, duermete niño é o melhor que pode acontecer para esta mãe exaurida, esta incansável mulher, *virtuosa e bela*⁴⁴!

Mas apesar de não se alterarem as cantigas, algumas pequenas mudanças podem ser observadas em alguns lares ...E mudar o ritmo da cantiga poderá trazer alterações para o fazer e ser da mulher ?

*"Así, desde que nacen niños y niñas escuchan sin entender la sobrecarga de trabajo que las mujeres tienen en su papel de esposa y madre, un "ser para los otros" (Basaglia, 1983). Los roles de género parecen claros desde la tierna infancia y la división del trabajo, también."*⁴⁵ (PONCELA, 2005, p.206-207)

⁴⁴ Contêm ironia.

⁴⁵ Esta citação comprova o imaginário de uma sociedade hegemônica, sua estrutura, o que a mantém desta maneira, penso eu, apesar de não contestar ou dissertar mais sobre o assunto, aqui serve para iluminar ideias.

Duérmete niño
 que tengo que hacer;
 lavar tus pañales,
 ponerme a coser
 una camisita
 que te has de poner
 el día de su santo,
 Señor San Rafael (canción de arrullo, México)

Duérmete niño
 que tengo que hacer:
 fregar y moler
 y ponerme a coser (canción de arrullo, México)

Duérmete niño que tengo que hacer
 lavar y barrer y sentarme a coser.
 Una camisita que te voy a hacer
 el día de su santo te la has de poner.

Señora Santa Ana, Señor San Joaquín,
 arrullen al niño que quiere dormir.
 Señora Santa Ana, ¿por qué llora el niño?
 por una manzana que se la ha perdido (canción de arrullo, México)

A canção e as vivências emocionais penetram pelos sentidos, produzindo uma experiência estética.

Como o movimento do vento, dos mares e dos rios, das águas doces e salgadas, das árvores e dos ciclos da natureza que embalam a Terra, a mãe embala seu filho. Mãos que embalam saberes.

Metáforas estéticas, que equiparam a natureza bela, não selvagem, com a beleza complacente da maternidade para qual o ser mulher é desde pequena preparada, a hábil e doce menina que tem por natureza a vocação e aspiração

maternal. E assim cantam as canções de embalo com temas que evocam o espiritual, o angelical, o religioso e o labor das tarefas domésticas, as quais cabem a virtuosa mulher; introjetada ideia desde antes do nascer que flui nas palavras cantadas para essa doce menina por essa mulher que a quer adormecida para seguir com sua lida, no trabalho que a ela cabe pois para ela também um dia cantaram. Palavras tem força, cantadas viram memórias, incorporadas.

Este “dever ser” que situa a mulher como puro afeto, afetada por esta condição culpa-se e aceita como natural as tarefas “afetuosas” que somente a ela cabem, as que irão lhe colocar neste lugar de estranha, um outro que não o masculino, que é forte e provedor; não sendo portanto incluída na categoria a ela superior, fará parte da mesma classe de “gente” criança porém se for branca terá esta uma condição superior à mulher indígena e negra que se encontram na base desta pirâmide classificatória de gênero, raça que conforma a sociedade ocidental.

Uma sociedade não igualitária, racista, machista, patriarcal pode ser (des)construída pela palavra? O que você canta, tem poder, a palavra importa, o preconceito pode ser desfeito com o mesmo “tijolo” (palavra) que o constrói, ser re-feito, e desta vez pensando em um lugar onde caiba a diversidade e que acolha o diferente; conscientização, respeito, união, mudança, oportunidade, equidade e por aí vamos, o que hoje você cantaria para adormecer a um bebê? O que você não cantaria? O que podemos apontar como um cantar racializado e qual necessita ser alterado ou colocado lá no lugar do invisível, não dizível; são sutilezas que entram através da palavra falada mas também da palavra cantada pois o cantar e o falar são linguagens que nascem juntas, sendo que o cantar permanece mesmo quando a fala emudece.

A música fala a linguagem das crianças.

A Música diferencia-se de todas as outras atividades humanas por sua simultânea ubiquidade e antiguidade. Não temos notícias de nenhuma cultura humana atual ou de qualquer outra época que desconhecesse totalmente a música. Entre os mais antigos artefatos encontrados em escavações há instrumentos musicais: flautas de osso e tambores feitos com peles de animais esticadas sobre tocos de árvores. Onde quer que os homens se juntem por algum motivo, lá estará a música: casamentos, enterros, formaturas, partidas para guerra, eventos esportivos em estádios, noitadas, orações, jantares românticos, mães ninando seus filhos, colegiais estudando. Ainda mais em culturas não industrializadas do que nas sociedades ocidentais modernas, a música é, como sempre foi, parte da

vida cotidiana. Apenas há relativamente pouco tempo, em nossa cultura, a cerca de quinhentos anos, veio a se manifestar uma distinção entre aqueles que fazem música e os que a ouvem. Em quase todo o mundo, e ao longo da maior parte da história humana, fazer música é uma atividade tão natural quanto respirar e caminhar, da qual todos participam. As salas de concerto dedicadas à performance musical surgiram apenas nos últimos séculos. (LEVITIN, 2010)

Musicar é (en)cantar, e nos seus primórdios não fazia distinção de gênero sexual, raça ou classe, pertencia à todos e todas que voz tivessem, comunitária era.

Nélio Spréa (2019) traz em seu livro *Acalantos* uma escrita sobre a prática de acalantar e a voz masculina, ato esse que nasce em um tempo que à noite se ilumina com a vela, com o fogo, com a lua, na escuridão aumentavam o medo e os perigos, haviam os predadores noturnos, que chegavam a suas presas pelo cheiro e pelo som que elas emitem; o bebê tinha de ser acalmado, silenciado em seu choro, que na noite ecoava para além das montanhas e florestas. Para que pudessem dormir sossegados alguém teria de velar seus sonhos, assim contam, nasce o acalanto, sons firmes e fortes tinham de ser cantarolados trazendo segurança aos que dormem e aos que velam cantando, esta vigilância noturna foi exercida majoritariamente por homens, tendo sua voz grave sido nestes tempos relacionada a proteção, atuando como construtora de tranquilidade e conforto, na escura noite desses idos tempos. Experimente e você poderá se surpreender escreve Nélio, a voz masculina acalanta, faz adormecer. (SPRÉA, 2019, p. 34-37)

Na escrita para o trabalho de conclusão⁴⁶ de curso trouxe a voz de Fernando Romero⁴⁷ que cantava cantigas inventadas para seu filho Newén, recém nascido, e que se tornou ao longo do tempo uma "canção história" deles, entre eles; cantava o pai para o filho, e para ele mesmo, pois também encontrava-se em lugares a ser desvendados, ser pai, e mudar-se para um novo território, país, vinha do sul da Argentina para estas terras do Iguaçu, Brasil, tudo era novo.(SCHMIDT, 2019, p.72-73)

Me pergunto: A quem pertence a palavra primeira?

Muitas são as formas que ao longo da vida irão classificar e nomear o outro, o

⁴⁶ Acalantar: uma prática para aquietar? Ação de adormecer ou a-que-ser a alma, acalma. Disponível em <http://dspace.unila.edu.br/123456789/5643> acesso em 17 de set.2021.

⁴⁷ Fernando Gabriel Romero Wimer, Doutor em História pela Universidad de Buenos Aires (UBA) e Professor de magistério superior da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. (UNILA).

diferente, menosprezando e assinalando o estranho, em um processo conhecido que impera aqui na América Latina desde seu “descobrir”, desde a ocupação do território e invasão, desterritorialização dos que aqui viviam, um olhar para estes racializado, que os então considerados selvagens, sem alma, arrancados de suas identidades, esconderam em suas subjetividades; a sua palavra formadora, e através da língua do colonizador constroem seu “novo”ser, espelhando-se nesse branco, homem, cristão; pai-criador criando assim para as mulheres um duplo jugo; e dando vazão para que ela mãe natureza ocupasse o lugar de não mais ser... sigo pensando...Quem acalanta esta Terra? Acalantar tem gênero?

Duérmete niño

estará a tu lado cantándote esta canción
haré un esfuerzo para no dormirme antes que vos
no sé si estoy soñando o estoy despierto
pero este momento es perfecto, es perfecto
Veo tu inocencia dormirse sin dejar alerta
no hay nada más importante
que mañana levantarse e ir a jugar
cuándo he perdido yo ese angelito
con alas que puedo ver en vos?
Duérmete niño, duérmete niño.

<https://www.letras.mus.br/intoxicados/322552/>

Duermete niño - Intoxicados

<https://youtu.be/lzKgRk8Yh74>

QUERO COLO: mi(a)mar, so(m)ar

Quem sou eu⁴⁸

Eu não sou a que
atravessou o Atlântico
mas escuto suas vozes


Eu não sou a que pintou
com tinta a cara em 87⁴⁹
mas escuto sua voz

Eu não sou a que
fugindo
nas matas
aquilombou
mas escuto suas vozes

Essa voz que por dentro teima
que começou com um sussurro,
um murmúrio
E hoje grita por dentro
Forte como um bater de tambores,
ecoa
Um chacoalhar de maracás,
Questiona
Quem Acalanta esta Terra
A mãe
Quem?

Muniz Sodré (2023, p.45) nos fala de ponto de vida, ponto de existência, resultante das reações emocionais enraizadas, de sentimentos vindos de um imaginário regressivo; nada racional. Seria como uma erupção de sensações soterradas pela repressão, pelo medo, pelo “poder-sobre”; de que nos fala Joanna Macy (2020, p.119) através do conto dos dois reis; o primeiro a ele todos obedeciam, tinha um poder sobre seus súditos, já o segundo tinha um poder-com, um fazer junto.

⁴⁸ Domingo, 29 de maio, dia quente, úmido, chuvoso; vem de dentro o gritar, um incômodo da alma. (2022)

⁴⁹  [ÍNDIO CIDADÃO? - Grito 3 Ailton Krenak](#)

Pois nestes tempos este *sobre* anda sendo eliminado pelas frestas, vazando em palavras, em ações as quais o temer já não contém, não mais se consegue enxugar o vazamento que se tornou fluído, corrente, enxurrada; reage e enfrenta o Coco, a Cuca, o Papão, o racismo, sexismo, classismo, e todos mais ismos, dá a eles corpo, tira do anonimato, salvando seu espírito, sua natureza própria, deixa de ser o Outro nomeado, se vê no espelho e enxerga os que por aqui seguem acreditando na força, na comunhão dos seres da natureza, sem forma humana, como o vento, a chuva, a água, a montanha, as florestas; com forma animal, com forma mineral, qualquer destes que se fazem espírito ou corpo e habitam a ela, a Terra, mãe.

Mas, como por aqui pensamos sobre nanas e canções de fazer adormecer, voltamos, vejamos... o que nos escreve Adriana Gomes Venâncio em sua tese de doutorado (2014)

...o sentimento de medo suscitado pelas letras de certos acalantos só poderá existir na medida em que elas se tornarem compreensíveis para quem as ouve. Entre o ato de acalantar e o ato de amedrontar existe um palco social (composto pelos atores representados pela criança e pelo adulto) que foi previamente construído pelas gerações anteriores, em tempos e espaços pretéritos. Na medida em que esses atores se apropriam dessas heranças culturais em suas vidas, as vão trazendo para o palco de sua existência. (p.45-46)

...Vejamos a seguir uma entrevista que Florestan Fernandes realizou com uma menininha de aproximadamente quatro anos de idade:

(F) - Você tem medo do bicho papão?

(M) – Tenho.

(F) – Ele fica no telhado?

(M) – Fica sim!

(F) – Como ele foge?

(M) – Quando a mamãe canta ele foge (05/10/1957, p.3 apud VENÂNCIO, 2014, p.48).

Florestan, também citado por Ana Lucia Jorge (1988, p.46-47) afirma que “...os temas apavorantes dos acalantos (ofereceriam), no fundo, mecanismos reguladores de disfarce e manipulação do medo real...” retrata o medo em sua função social disciplinadora assim ao mesmo tempo que traz o adulto que canta uma segurança, impõe um controle e cria dependência, obediência, uma repressão simbólica.

Porém “*essas letras só fazem dormir de medo as crianças capazes de ter medo*” (JORGE, 1988. p. 58).

Ainda antes da linguagem em si, o corpo registra experiências de aceitação ou rejeição, ameaça ou segurança; vínculo primal, escreve Evânia Reichert no livro: *Infância a idade Sagrada, anos sensíveis em que nascem as virtudes e os vícios humanos*. Os primeiros “registros celulares” (p.103), e isto não tem nada a ver com aquele artefato amplamente utilizado que tudo registra; mas sim com um primitivo vínculo realizado entre mãe e bebê que surge deste contato de conexão, aceitação e sobrevivência; que se faz presente através da pulsação próxima e harmônica, este sentimento “profundo e oceânico de unidade” (p.104) neste primeiro ambiente que todos habitamos: o útero. (REICHERT, 2016)

Parto; nascemos partidos, já fragmentados, neste tempo do agora, pedaços
Nascemos com um relógio que em seu tic-tac constante nos mostra um tempo, linear
Mecânicos, controlados, submissos
Parto; para busca do velho tempo circular, ancestral
onde a vida é passado, presente, futuro em um só tempo
sem controle da natureza, que sábia faz sua própria gestão
em um ritmo que segue as marés, a lua, os ventos, as chuvas
em uma constante transformação ditada pela confluência do uni-verso
Vivo, vida, parto...Parto.⁵⁰

O soar do coração da mãe é a primeira canção de ninar, mimar. El corazón de mamá nos ha ido acuñaando los nueve meses. Ao sair deste aconchego o que primeiro necessitamos: "es nuestro impulso primario, escuchar y sentir a mamá cerquita, es saber y sentir que no estamos abandonados." (CAMACHO, 2012, p.17)

...en un hospital, cuando sale el niño, cuando lo sacan mejor dicho, pinzan y cortan el cordón se lo lleva el pediatra, y este es nuestro primer gran abandono, es la primer gran desazón que tenemos de que se me ha abandonado. Estoy encima lloro y chillo de desesperación porque me duele que me abandonen así. Muchas criaturas dolidas y maltratadas se quedan con eso.

Saber primero que las criaturas humanas son criaturas sabias, son criaturas vivas, que sienten, que todo el tiempo están recibiendo los estímulos y al momento del nacimiento, esta primera gran impronta que se nos queda muchas veces, subconscientemente la guardamos muy profundo, ya va a ser parte de lo que vamos a demostrar en el mundo...se nos ha hecho nacer como en industria, hasta ahora se nos ha hecho nacer en los hospitales como si fueran una fábrica.

(CAMACHO, 2012, p.17-18)

⁵⁰ Escrevo, noite de outono, após ler artigos sobre o parto humanizado, 23 de maio de 2023.

Nestes anos que se passaram desde a exposição da médica boliviana Vivian Camacho se fez mais comum escutar sobre o parto humanizado, o parto em casa, na água, as doulas acompanhando o gestar e o parir, eu mesma pude aprender mais sobre todo este processo com amigas muito próximas e vivenciar através da convivência com as crianças que chegaram “pisando suavemente a terra”, nascendo como foram geradas, o envolvimento que tem com ambos os pais, sutilezas que as palavras não cabem explicar, é da ordem do sensível. Sensível como o relato que faz Dorival sobre o esperar nascer sua filha Nana, cantando para acalmar a menina e fazer dormir a mãe e que Bruno transcreve em sua dissertação..

Caymmi “é o poeta do sensível na vida...E seu objetivo é o encantamento sensorial”. (RISÈRIO, 1993, p.101 apud MACHADO, 2017, p.83)

Bruno Pompeu Marques Filho (2009)⁵¹ em sua tese de mestrado faz uma análise semiótica das capas dos discos de Dorival Caymmi⁵²

Do disco *Eu não tenho onde morar*, destacava-se a canção “Acalanto”, por trazer, pela primeira vez em gravação a voz de Nana Caymmi, em dueto afetivo com o pai. Sobre aquilo que teria inspirado sua composição, Dorival relata:

Foi um momento muito duro para mim, ver a Stella sofrendo as dores do parto. A Nana nasceu em casa. Assisti aquele movimento. Desde a primeira dor, foram três dias seguidos, um cansaço horrível. Eu tinha um grande desejo que minha mulher descansasse, que conseguisse dormir. Então, sob a ação desse desejo, fiz o “acalanto”. Eu estava ninando a menina, quando me ocorreu fazer uma canção para que ela ficasse quieta e a mãe pudesse dormir. Não foi propriamente uma canção feita para Nana, mas para Stella. (p.103)

Zelo, cuidado, afeto, perpassam por aquele que acalanta e que através do som de sua voz se faz presença, inventa e cria palavras capazes de afugentar a dor e o medo, ao desconhecido lança a linguagem que lhe é tão comum, íntima, que salta dos primórdios, das sonoridades trazidas das suas próprias lembranças, a voz

⁵¹ Bruno Pompeu é publicitário, formado em 2004 pela Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo (ECA-USP). É mestre (2009) e doutor (2013) em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (PPGCOM-USP), tendo se dedicado desde então aos estudos do consumo, da linguagem e da comunicação, tendo por base teórico-metodológica a semiótica. É professor da Universidade de São Paulo no curso de Publicidade e Propaganda da Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP).

⁵² A gravação desta canção está em Dorival Caymmi, “Acalanto”, *Eu Não Tenho Onde Morar*, 1960, lado A, faixa 4. Disponível em <https://www.jobim.org/caymmi/handle/2010.1/11057> acesso em 25 de maio de 2023.

da mãe se recria frente a necessidade de ser ele, o filho, que no presente necessita acalmar o novo ser gerado, a filha, e dessa forma fazer adormecer a mãe, de sua filha, serenando a neta de sua mãe. Tempo circular, próprio e inerente às canções de ninar, as da origem, as do princípio, as que perpassam de geração em geração, tradição, as de vida. Oralidade.

Corpo, som, movimento; este embalar vai também a mim trazendo memórias e longe no tempo escuto minha tia Marlú, professora como eu um dia também viria a ser, a cantar para minhas primas bem mais novas do que eu, porém não sei bem agora se é memória minha ou a que a pouco me trouxe em conversas Vannina, que bem antes do que eu se tornou avó, e ao saber de minha pesquisa pergunta sobre a origem do arorro, este que cantava para ela sua mãe Marlú e que hoje canta ela para netinha, a última que a pouco chegou, Catarina. Vou atrás...

Não são assim tão fáceis de encontrar os fios da história de cantos de *mimar*, os que assim denomino estes que me parecem como o parto humanizado, conectados à natureza, às tradições de povos milenares.

Desde que los bebés están en su vientre, las madres del Pacífico colombiano entonan cantos para ellos. Se trata de arrullos o suaves murmullos que tienen el sello de cada mamá. Ninguna de estas tonadas se repite; pueden ser variaciones de un mismo tema pero cada interpretación es única. Así, al nacer, los bebés son recibidos con versiones inéditas de cantos y vocalizaciones. Es el regalo que cada mamá o cada abuelita tiene para su pequeño; y, con estos cantos, acompañados de movimientos y palmas, se inicia el descubrimiento del mundo. (MELO, 2013, p.8)

Arrurú

Arrurú mi niño,

Arrurú mi amor,

Duérmete pedazo, de mi corazón,

Duérmete pedazo de mi corazón, mmm... mmm

Este niño quiere, que lo arrulle yo,

Lo arrulla su madre que pasó dolor,

Lo arrulla su madre, que pasó dolor mmm... mmm... (Ibiden, p.23)

Este niño

Este niño quiere de comer badea Que

se trepe al palo y tumbe la que quiera

Este niño quiere que lo arrulle yo Que

lo arrulle su madre la que lo parió

Urrurrú mi niño, urrurrú mi Dios

Urrurrú mi niño, urrurrú mi amor

Este niño quiere que lo arrulle yo,
 Duérmete mi niño, duérmete riendo
 Que es la tierra buena que te está
 meciendo Que es la tierra buena que te
 está meciendo. (Ibiden, p.25)

Cocorobé: *cantos y arrullos del Pacífico colombiano* é um livro que encontrei em distribuição gratuita nas buscas da escrita para o trabalho de conclusão de curso e como alguns outros, passei os olhos mas não "deu liga" naquele momento, *libre al viento*, era a campanha de fomento. (MELO,2013) Agora atrás do arrorro me apareceu ele nos arquivos, bem-vindo. Traz em suas páginas iniciais diferentes arrurris (aqui trouxe apenas dois) que mais que cantar, contam; cantam contando o cotidiano, descrevem cenas que vão nos ligando, conectando com a vida e a mim traz também esta ideia da imagem e para além do que acima descrevi sobre a tese de Bruno Pompeu (2009)⁵³ me leva para um conceito que escutei da professora Francilene Brito da Silva (2021) sobre *Orallimagem* por ela pensado e em tese escrito, conheci e a conheci em um projeto denominado Roda Griô, lá do Piauí; e como meu pensamento venta fico aqui ventando, talvez o problema não esteja no hegemônico nortear, no novo sulear, mas nos polos que também são diversos, talvez lesteiar, nordestear, e são muito mais que estes quatro somente. Me puxo ao centro, a roda tem centro, eixo. Assim o que escreve Francilene sobre suas experiências com a imagem para seu doutoramento a mim remete a este avesso que é ao escutar criar imagens.

Para limpar a Estética (significado) das esteses (sensações) foi preciso um trabalho árduo da colonialidade estética. Mas, a existência dessa estética colonial não se faz possível sem as práticas/ gnosés/ hermenêuticas pluritópicas – que, são práticas cotidianas sentidas de dentro das nossas histórias locais marcadas por projetos globais, são conhecimentos e interpretações que tecemos nos nossos espaços-tempos dialógicos. Assim, mesmo que os discursos da colonialidade/modernidade (MIGNOLO, 2003) tentem positivar uma história única, negativando as esteses plurais, os encontros e as experiências estéticas cotidianas (estesiódicas) possibilitam que conheçamos nossas histórias e acionemos nossos saberes para resolver questões que a história oficializada não resolverá. (SILVA, 2021, p.102)

⁵³ Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-10112010-112004/pt-br.php> acesso em 26 de maio de 2023.

Francilene da Silva trabalha com imagens de mulheres e crianças afrodescendentes, cria assim narrativas pela imagem, eu penso nas narrativas criadas pela escuta e em suas imagens, espelhos. Táctil, sonoro. Olhar, audição. Corpos sensíveis. Arte. Griô!

Palavra-imagem, palavra soada, narrada, evocada, por todos os cantos do mundo levada, mas o mundo redondo não tem cantos, nem arestas, então é palavra girada, como a roda, envolve, gira, vira, revira, volta... Voltei. Vamos ao arrorró.

O que diz a Real Academia Española - RAE.es

arrorró⁵⁴

De *ro*¹; cf. *rorro* y *arrullar*.

1. m. Canción de cuna de origen canario.
2. interj. U. repetida como arrullo para acunar a los niños.

E a Wikipedia⁵⁵

Arrorró es una [canción de cuna canaria](#). Aunque tiene similitudes con nanas de otros lugares, presenta importantes elementos diferenciadores con respecto a ellas. Es un canto melodioso y lento que se caracteriza por su monotonía y que presenta variaciones dependiendo de cada isla. Incluso, estas variaciones, se pueden encontrar dentro de una misma isla.

La forma de arrorró más escuchada en la actualidad es la versionada por el compositor [tinerfeño Teobaldo Power](#), quien la adaptó a la música clásica, de modo que ha influido de manera determinante en el arrorró popular. Una de las interpretaciones más conocidas del arrorró es la realizada por la vocalista [Olga Ramos](#) (Canarias).

Las letras están compuestas por cuartetos octosílabos y se cantan sin repetir los versos. Otro tipo de arrorró de características herreño, de aspecto más arcaico y con una entonación que podría enlazarlo con cantos norteafricanos.

E assim navegando pelas águas que transfluem⁵⁶, movimentando-se na terra e no ar, levando junto os pensamentos, ideias, cheguei nas ilhas Canárias onde o investigador Francisco García-Talavera em uma entrevista conta sobre como o

⁵⁴ Disponível em <https://dle.rae.es/arrorr%25C3%25B3> acesso em 27 de maio de 2023.

⁵⁵ Disponível em [definición de arrorró y sinónimos de arrorró \(español\) /Arrorró - Wikipedia, la enciclopedia libre](#) acesso em 27 de maio de 2023.

⁵⁶ ...Pelos rios do céu. Então, se é possível que as águas doces que estão no Brasil cheguem à África pelo céu, também pelo céu a sabedoria do nosso povo pode chegar até nós no Brasil. Disponível em [SOMOS DA TERRA - Piseagrama](#) acesso em 12 de julho de 2023.

arrorró transpassou as fronteiras continentais africanas até as ilhas e de lá seguiu para Península Ibéria, México...O arrorró é uma canção antiquíssima, é uma original canção de ninar dos berberes⁵⁷, que por volta do século V a.c. chegam nas inabitadas ilhas, e ali se estabelecem, dando origem aos aborígenes canários, usualmente chamados “guanches”. No século VIII um numeroso contingente bereber invade a Península Ibérica, e assim alguns séculos depois o arrorró alcança ao “novo mundo”.

Entre éstos gura México, en donde se canta a los niños pequeños: "Arrorró mi niño, arrorró mi sol, arrorró pedazo de mi corazón. Este niño lindo ya quiere dormir, háganle la cama de rosa y jazmín. Esta leche linda que le traigo aquí, es para este niño que se va a dormir. Arrorró mi niño, arrorró." (GARCÍA-TALAVERA, 2015)

O pesquisador que foi diretor do Museu de Ciências Naturais de Tenerife comenta sobre a origem da palavra arrurru; aponta que na maioria dos dialetos berberes a criança pequenas denomina-se “arrau, arrew”, que com passar do tempo foi se transformando em “arru” e mais tarde em um repetitivo “arrurru”. Porém também assinala que:

Otros autores berberólogos, como J. Landry, asocian aruru con el verbo sururu, acunar, dormir al niño o niña, meciéndolo, cantándole y “dándole pequeños golpes en la espalda con la palma de la mano”, precisa García-Talavera. En cuanto a la palabra “ajó” o agó, sabemos que viene de “aho”(con hache aspirada), que es - según los cronistas, historiadores y lingüistas - como llamaban los guanches a la **leche** en casi todas las islas y que coincide, con ligeras variantes, con la denominación de tan básico alimento en diferentes dialectos bereberes: “agu” en tashelhit, “agi” en rifeño y “akn” en tuareg. (Ibiden)

Segundo suas pesquisas, ao incorporar “el ur” (não, em guanche) e “el rur” (chorar, em berber) ao arrurru se dará o significado de “niño, no llores”.

Sonoras e antigas palavras que unindo-se ao “aho,ajó” (la leche) agrega um significado profundo à relação mãe-bebê; dizendo deste carinho que transmitem as mães ao amamentar e embalar seus bebês nestes primeiros meses de sua existência, transcendental.

⁵⁷ Os **berberes** (que chamam a si próprios *Imazighen*, que significa "homens livres" ou "homens nobres"; singular *Amazigh*^[20]) referem-se ao conjunto de povos do Norte de África que falam línguas berberes, da família de línguas afro-asiáticas...Por volta do século V a.C., alguns povos berberes se fixam nas então inabitadas Ilhas Canárias, colonizando-as, assim dando origem aos aborígenes canários, comumente denominados “guanches”. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Berberes> acesso em 12 de julho de 2023.

Francisco Talavera (2015) destaca também que esta palavra, *arrorró*, elevou-se ao ponto de constituir o tema central do hino da Comunidade Autónoma de Canárias. *"El Arrorró". Todo un canto a la vida y al amor maternal"*, detalla Francisco García-Talavera en alusión a la adaptación de la versión realizada por el compositor Teobaldo Power. Recordando também a destacada versão que canta *Valentina la de Sabinosa*; esta doce e monótona canção de ninar que compõe as similaridades linguísticas e etnográficas entre os guanches do ontem e os canários do hoje. *"Un fino hilo conductor que nos conecta con nuestro ancestral, y poco conocido, pasado líbico-bereber norteafricano"*, puntualiza Francisco García-Talavera.

Mônica Raposo (2009) estuda sobre as canções de embalar dos cancioneros populares portugueses e sua aplicação didática no ensino pré-escolar. Para ela apesar deste mundo industrializado em que vivemos, das constantes inovações, existem comportamentos que resistem ao tempo e não se alteraram mesmo com a entrada das mulheres no mundo do trabalho e as mudanças dos papéis sociais acarretadas pela vida “moderna”, o ato de embalar um bebê é um deles; não se alterou, crianças seguem necessitando deste afeto.

Estas canções são particularmente distintas de todas as outras, pois a sua interpretação está geralmente associada à figura da mãe, da mulher que se dirige à criança, tratando-se talvez do primeiro “género musical” com que o ser humano contacta mais directamente... (RAPOSO, 2009, p.17)

“A mulher era educada para cuidar da casa e dos filhos. Apesar dos tempos terem mudado bastante como já foi referenciado anteriormente, este é ainda um papel que tem cabido, na sua maioria, às mulheres.” (RAPOSO, 2009,p.17-18)

Assim, apesar de ser referenciado *"que os tempos mudaram bastante"* as estruturas seguem marcadas por uma interseccionalidade em que gênero, raça e questões sociais parecem congeladas em um pensamento único, que vê a mulher como cuidadora por excelência, o homem como provedor e a união constituída por ambos como a representação de família idealizada.

Por conseguinte, faço eu a mesma pergunta que Sandro Baraldi (2022), doutor em filosofia: “Como foi inventada a Cultura Patriarcal que ainda hoje nos oprime?”

Maturana conta que a Cultura Matrística, anterior à Cultura Patriarcal, foi muito importante para a configuração da Cultura Patriarcal. Estudos de restos arqueológicos encontrados na área do Danúbio, nos Balcãs e no

Egeu, pela arqueóloga lituana Marija Gimbutas, sugerem que houve uma cultura que não valorizava a violência, a guerra, a superioridade e a distinção de gêneros, mas valorizava o cuidado, a cooperação e a igualdade. A mulher era mais valorizada por conta de seus óbvios poderes inerentes: à mulher é a geradora dos seres humanos, por isso os cultos religiosos dessa cultura de 12000 anos atrás tinham por centro uma deusa cuidadora e generosa. Animais de abate e pessoas comiam e dormiam juntos em suas habitações; tudo era distribuído entre todos. É por causa da existência dessa cultura que ainda mantemos no nosso imaginário esses valores colaborativos, senão nos limitaríamos a pensar apenas segundo os cânones patriarcais.

...A expansão do espaço psíquico do patriarcado começa com a submissão das mulheres matrísticas, líderes do sistema matrístico, aos homens patriarcais. Lembremos que a Cultura Patriarcal valoriza a dominação de quaisquer outras culturas e se estabelece silenciando-as. (BARALDI, 2022, p.103-105)

A cultura matrística, é diferente da matriarcal que para Maturana (2021) é semelhante a patriarcal, só que ela é gerida por uma mulher. Já na matrística os valores estão centrados na cooperação não hierárquica. Orgânica, visceral. Me leva a pensar nestes povos da resistência que vivem em aldeias, quilombos, aldeados, aquilombados; favelados? No imaginário de quem permanecem os valores colaborativos? Seria só no imaginário ou na prática do cotidiano destes que seguem buscando manter viva todas as formas de vida; “viva, viva, todas as vidas importam”, diz Nego Bispo ao final de sua fala em alguma das muitas escutas que dele procurei ouvir, oralidade que apenas aqui referencio. Um canto à vida e ao amor, um embalo; o arrorró, arrurru, como dizem os guanches... E por aqui termino como comecei, com mais esta canção de ninar que atravessou pelas águas e foi recolhida e compilada por Ana Maria Arango Melo em seu livro, Cocorobé: cantos y arrullos del Pacífico Colombiano:

Niñito chiquito

Niñito chiquito de tanto llorar
Niñito chiquito de tanto llorar
Tan sólo tu madre te podrá aguantar

Tan sólo tu madre te podrá aguantar Urrurrú mi niño ya no llores
más Urrurrú mi niño ya no llores más Tan sólo tu madre te podrá
aguantar Tan sólo tu madre te podrá aguantar

Duérmete niño
Duérmeme ya

Que tu madre obrera quiere descansar Que tu madre obrera quiere
descansar (MELO, 2013, p.26-27)

“Precisamos de paz sobre a Terra, paz que começa no ventre da mãe.” (REICHERT, 2016, p.82); no afeto, no embalo, no ninar, no soar, no mimar, no amar. Quero Colo!

Não o colo que ao estudar o sentido etimológico da palavra traz Alfredo Bosi e Silvia Ambrosio Machado referência em sua escrita, este colo como raiz de colônia, de tomar conta, mandar; mas sim o colo que também aponta Bosi, com seu sentido no particípio futuro, *culturus* - Cultura: comum ao cuidado da terra, agricultura e ao cuidado da criança, puericultura. (MACHADO, 2017, p.41)

Colo de mãe, os braços que sustentam, os seios que alimentam, as cordas vocais que vibram e a caixa torácica que ecoa os sons do acalanto. Sons calorosos: palavras carregadas de “práticas, técnicas, símbolos e valores”⁵⁸ ...carregadas de sentimentos, pressentimentos, desejos e receios maternos. O colo, então, é o espaço no corpo da mãe propício à cultura (do particípio futuro de colo, *culturus*) e ao culto (do particípio passado de colo, *cultus*). A mãe, assim, na perspectiva temporal - de geração em geração -, age como intermediadora de cultura. Ela transmite elementos não apenas do anterior para o posterior, do mundo preexiste ao filho, mas também no sentido inverso: do filho para o mundo. (MACHADO, 2017, , p.110)

Cultura-colo, Colo-cultura de uma educação renovadora que respeite toda a forma de ser e estar neste mundo que habitamos e ao qual chegamos através do ventre de nossas mães. *Quero colo!*

⁵⁸ Alfredo Bosi, “Colônia, Culto e Cultura”, 1992, p.16.

IDENTIDADE

Este é o momento que se alcançou o topo da curva, ao longo dela a preparação foi nos trazendo para este instante de ocupar o centro da roda e mostrar quem somos, rodeados por corpos que delimitam com afeto o território da diversidade, é um convite para liberação do movimento, da dança, da expressão de identidade que será valorizada e reconhecida por quem chegou junto neste caminhar, rodar.

É bonita a minha chegada
 É bonita a minha chegada
 Eu vim aqui pra ver
 Se é bonita a minha chegada

Esta cantiga aprendi com mestre Márcio e fez parte de alguns dos encontros virtuais nos longos fins de semana em que estávamos todos, todas, sem saber ainda quando sairíamos desta pandemia, naquele momento a vacina ainda não tinha nos alcançado; tempo de incerteza que ao afirmar nossa identidade dessa maneira em roda trazia alento, conforto, nas rodas de identidade são os sambas de roda, a dança de jongo, a rameia indígena que trazem para o centro; mas assim afastados foi essa chegada que adentrou as casas, os lares, dos que em roda virtual cantavam e dançavam, fortalecendo-se como povo uno.

Obs: Ao reler para a defesa parei na *rameia indígena* sem recordar como era, e logicamente fui buscar no buscador este que alguns de nós até chama de pai; não encontrei nada e me trazia ele imagens de meia com estampa indígena ou meia alguma coisa. Resolvi pedir ajuda então as mestras da oralidade, as sábias do fazer este movimento denominado pedagogia Griô, Priscila me abriu as portas e Lillian cantando foi apresentando a rameia e dizendo, Bel, não esqueça de fazer a referência: *Oh! Bel rameia,rameia, ramea, hui haue, hui, haua*. Esta cantiga Marcio Griô aprendeu na aldeia Tukum Tupinambá com o cacique Ramón Tupinambá e Nadia Akawã Tupinambá, ramear quase um abençoar, fortalecedor da identidade. No centro da roda você grita seu nome e então a roda toda canta para você a rameia com as mãos estendidas enviando energias e quem está dentro as recebe de mãos abertas; uma atitude de dar e receber, me diz Lillian, e eu recebo. Gratidão.

Alter-nativas é a roda que segue.

RODA - ALTER-NATIVAS

Há cantigas medíocres,
 Que nem animam a gente para cantá-las.
 Há silêncios necessários
 Há discursos impossíveis
 Há corpos que se desnudam contra princípios
 Há purezas que se maculam
 Há memórias olvidadas
 Há coisas que se dizem, mas não se fazem
 Há coisas que se fazem, mas não se dizem
 É preciso cantar cantigas de valor
 Diminuir a distância entre fazer e falar.
 Paulo Freire

A pergunta desta roda é: Como ser música? Música é movimento de vida?

Las reflexiones de Boaventura en ese capítulo nos llevan a indagar: ¿en medio de tanto sufrimiento humano causado inexcusablemente, es posible construir una educación que se muestre disconforme con toda suerte de desigualdad e injusticia? La respuesta del autor es radical: una educación para el inconformismo debe ser ella misma inconformista. Debe resultar en conocimientos y prácticas que se incomoden frente a ese mismo sufrimiento.

El criterio de buen y mal aprendizaje está, por lo tanto, en la capacidad de la educación de cumplir un proyecto educativo emancipatorio que haga emerger los modelos dominados y emergentes por medio de los cuales es posible aprender un nuevo tipo de relacionamiento más igualitario y justo entre saberes y, por ende, entre personas y grupos sociales. Un relacionamiento que nos haga aprender el mundo de forma edificante, emancipatoria y multicultural. (LINO, GOMES, Presentación In: SOUSA SANTOS, 2019, p.18)

É assustador como o que é supostamente corriqueiro é descomprometida - mente desconhecido, desvalorizado, ignorado em sua existência; seria intencional esse descaso?

O instante mesmo que habitamos quais os sons que têm vida livre? Qual a cor do som? Quais representam este mundo do dito não culto? Serão estes os sons do Outro? Livres ou aprisionados?

A música é seguramente uma ferramenta de valor coletivo que impregnada do saber de "si mesmo", cria sentido de pertencimento, é identitária; gera cumplicidade, proximidade, e faz a transcendência do específico para *um* universal⁵⁹; traz nela a

⁵⁹ Um universal e não o universal, uma vez que neste *um* está contida toda forma possível de se fazer cultura, arte, música, pluriversalmente, plurívoca. Enquanto neste *o* cabe apenas um único saber, hegemônico, unívoco; totalizante, ao invés de ser conexão entre singularidades e universalidades.

percepção das sutilezas da origem, pois é ao mesmo tempo atravessada por cruzamentos que se interligam unindo pontos e inventando modos de estar e permanecer, a música viaja por mundos e linguagens, conformando a identidade musical como um cruzamento de muitas culturas, nada pura.

O exemplo que trazem Almeida e Pucci (2002), no livro *Outras terras, Outros sons*, ilustra este entrelaçamento musical: Bartók teve seu trabalho de pesquisa interrompido e desprezado por intelectuais do meio musical de Budapeste por ter averiguado que as melodias rurais húngaras tinham suas variantes no deserto do Saara, portanto sofriam cruzamentos, o que o levou a acreditar em uma identidade musical não pura e em uma não superioridade da música húngara, de visão etnocêntrica e nacionalista por parte do governo, sofreu por isso cortes e problemas financeiros em sua pesquisa. (nota 6, p.162)

O desejo aqui é que música e educação aliadas na valorização dos sons livres, aquele dos outros mundos e vozes, se faça presente em salas de aula e apresentações escolares, se tornem "incomuns", trazendo à tona a vitalidade do ritual que deu origem a música; este vínculo intenso com os sons da Terra, nossos sons.

A fusão entre melodias brasileira e africana, uma união entre o grupo de percussão Meninos do Morumbi e vocal do grupo Mawaca; executadas pelo grupo então denominado Tambores de Mina; devido a ser São Jorge de Mina um forte português onde escravizados africanos chegavam para serem vendidos. Utilizam em suas canções a junção do Cangoma, canto de escravos africanos das etnias ioruba e banto, que representava um momento de retorno à origem, aos ritos de tradição, era o *momento cangoma*⁶⁰, libertação.

*Tava durumindo
Cangoma me chamou
Disse: "Levanta povo!
Cativeiro já acabou"*

Enquanto um universal é sensível às muitas formas de pensar, acolhe. Universaliza o outro.

⁶⁰Ngoma significa tambor em iorubá e Cangoma festa dos tambores, na língua banto (do Congo e da Angola) (ALMEIDA; PUCCI, 2002, p.105)

E o Sansa Kroma⁶¹, um simbolismo, pássaro que protege as crianças que perderam seus pais vítimas do preconceito racial, durante o apartheid, mas certamente em muitos momentos até hoje se chama ao Sansa Kroma para que carregue as crianças caso estejam correndo perigo.

Sansa Kroma

Nena yo ke ke

Kokomba

Sansa Kroma

Nena yo

Kokomba

"Sansa Kroma se sustenta naturalmente pela sequência rítmica afro-brasileira, Cangoma⁶² ganha uma nova versão que traduz musicalmente a troca cultural entre África e Brasil". (ALMEIDA; PUCCI, 2002, p.103-108)

Para ensinar algo a uma criança é necessário mais do que apresentar, mostrar, é preciso que ela vivencie a aprendizagem, de corpo e alma, com o corpo agindo em um movimento que a leve a incorporar o seu ato-aprendizagem.

A música e o ninar é um primeiro passo ação ato incorporativo, fica marcada no ser mesmo que não perceba, no instante próprio da ação; leva-se para a vida a lembrança corporal do movimento, do embalo, do sentimento ali nutrido e transmitido pela cadência e o ritmo do coração de quem acalanta para quem é assim adormecido, ninado.

Isto não inventei eu, foi observado por educadores como Paulo Freire; filósofos da educação como Rubem Alves, pensadores latinos, latinas, muitas e muitos práticos de novas epistemologias do ensinar e aprender; e pelos povos originários, afro diaspórico, quilombolas, ciganos, sobreviventes, os que vivem à margem e realizam esta passagem, trajetória, da cultura de seu povo pela ação, incorporação, envolvimento (Nego Bispo); que ensinam e aprendem com o corpo

⁶¹Contos Africanos - A lenda de Sansa Kroma https://youtu.be/4685_TSI3oA

⁶²Cangoma me chamou <https://youtu.be/fj2u64XLptw>

atuante, dançante, cantante, fazedor do ato comunitário, *com* junto. Nasce assim o aprender e ensinar; uma troca de corpos em movimento, que como as águas dos rios nunca será a mesma, pois os mesmos, as mesmas, também não serão os (as) que dançam e cantam, apesar de mesmas parecerem ser as melodias passadas, a vivência será sempre outra, a de seu tempo presente, marcado pelo passado e pensando no futuro-presente.

Circular como a Roda, gira, transcende.

Ailton Krenak em uma fala⁶³ virtual sobre a poética dos rios cria uma imagem que traz para ele este tempo ancestral; um grupo de meninos em uma canoa onde cabem seis ou oito meninos remam compassadamente, tocando com muita calma e harmonia a água do rio com o remo. Treinando a infância deles no que seu povo Yudiá chama "se aproximar da antiguidade", um deles o mais velho que estava verbalizando a experiência diz: nossos pais dizem que já estamos chegando próximos de como era antigamente. Valorizando assim o instante presente, algo que acontece neste lugar ancestral dos rios e das águas, anseiam por alguma coisa que seus antepassados ensinaram a eles, não é algo que irá a algum lugar além deste presente. Uma experiência que invoca o sensível.

Imagino a música e nesta pesquisa o acalantar como um movimento da vida, não podendo ser pensada fora dessa instância.

[...] algo que invade o lugar do brincar, de fabular, de namorar, de morar. A música não se cala, ela carrega uma resistência que não pode ser interrompida. Transborda. Ressoa. Assimetria inevitável e necessária que interliga e comunga ludicidade para afirmar que o princípio é a existência de sons (LINO, 2008, p. 24 Apud GUEDES, 2011, p.57).

No entanto, das grandes metrópoles as pequenas cidades o som do brincar se apagou. Não se brinca mais de roda, de jogos cantantes, brincantes. Mãe da rua morreu?

Os cantares que antigamente se escutavam ao cair da tarde, de crianças que nas ruas brincavam enquanto suas mães sentadas conversavam sobre os fazeres do dia, fofocavam, narravam fatos e causos, sabedoras da vida; foi silenciado com

⁶³ Diálogo de abertura | Políticas cósmicas Seres-Rios Festival. Disponível em <https://youtu.be/JPWjIZcOoe0> acesso em 13 de set. 2021.

as construções de prédios e dos moradores destes se tornando estranhos e cheios dos medos próprios das cidades, se fechando em suas casas/apartamentos passou a diversão a ser realizada em frente aos meios eletrônicos, as mídias que entretém de forma individualizada, família reunida em frente a tv e mais adiante nas telas individuais do computador ou celular onde cada qual assiste ou interage “com o mundo”. Que mundo? Enquanto escrevo lembro que tenho agora quase 63 anos, o mundo em que vivi já não mais existe, assim como aquele em que viveu minha mãe foi outro diferente do que quando nasci e antes dela o de minha avó se encontra ainda mais distante desse que aqui relato. Vim a conhecer na verdade este sentar na frente das casas, nesta cidade onde vivo ainda hoje, e que há 30 anos atrás quando aqui cheguei, era este cantinho onde moro, considerado um lugar do interior, bem diferente da grande cidade onde me criei, mas mesmo sem a presença das mães sentadas a olhar e mesmo sendo *piá de prédio* brincava na rua, de mãe da rua⁶⁴. Nada é estático e nem deve ser mas como diz Nego Bispo (2015), o desenvolvimento é palavra colonizada, tem o des na frente que significa tirar o envolvimento, e tirando o envolver sobra o ser só, individualista, que não se envolve; ser comunitário é ser envolvente, que vive o coletivo.

Lo que sí es verdad es que en nuestros días hay una multitud y diversificación enorme de actividades recreativas y entretenimientos de tipo más individual que hace que se vea más la televisión o utilicen videojuegos como distracción, que las tradiciones infantiles de antaño...(Barthes.1997:7 Apud PONCELA, 2005, p.27-28).

O ninar e o adormecer frente às telas, escutando o cantar junto a mil possibilidades de imagens, embalam hoje os bebês, modernidade! Ritmo maquínico⁶⁵ que cada vez mais afasta o ser do maternal, da natureza, do contato com o outro,

⁶⁴ Tire a sorte para saber quem será a mãe da rua e divida o pessoal em dois times. Cada um ficará numa “calçada” e a mãe da rua, no meio. Todos têm que atravessar de um lado para outro pulando em um pé só e fugindo. Quem for pego será a próxima mãe da rua. A brincadeira termina quando todos forem “presos”. Conheça mais brincadeiras como esta: <https://mapadobrinca.folha.com.br/brincadeiras/pegar/466-mamae-da-rua> acesso em 24 de agosto de 2023.

⁶⁵ Segundo Schafer (2001, p. 133-134 apud FERREIRA, 2008): No princípio todos os sons eram originais. Eles ocorriam em determinado tempo e lugar. [] Desde a invenção do equipamento eletroacústico para a transmissão e estocagem do som, [] separamos o som do produtor de som. Os sons saíram de suas fontes naturais e ganharam existência amplificada e independente. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832008000100008 acesso em 24 de agosto de 2021.

agora satisfeito apenas nos breves momentos do brincar, do recreio escolar nas séries iniciais ou nos pequenos lapsos de tempo em que se permite um retorno ao jardim da infância que tem no livre brincar sua fundamentação. Se encontram agora imersos em uma espécie de transe maquínico onde imagem e som em movimento ininterrupto, repetitivo, de pulso constante aciona o inconsciente; assim como fazem as canções de ninar, porém sem o contato do afeto corporal, substituído pela interação com a máquina, virtual.

De ahí que más allá del intercambio lingüístico, tiene una interacción social. Las canciones son un texto, son palabras y son un acto social. Sus mensajes son parte de la construcción del mundo y la construcción y autoconstrucción de sujetos sociales. Y es que el lenguaje produce relaciones intersubjetivas, siendo a la vez su producto, orienta, regula y transforma los modos de correspondencia entre los sujetos, objetiviza experiencias y crea mundos. (Berger y Luckmann, 1986, apud PONCELA, 2005, p.29)

Que memória estamos construindo para nossas pequenas crianças?

A "mãe da rua" está tão doente quanto a mãe natureza, mãe como aquela que tem capacidade de gerar vida, porque cuidadores somos todos, mas ainda parir é um ato do feminino; se foi mesmo para espantar os espíritos maus que as primeiras mães cantaram ao adormecer os filhos seus, estamos necessitando de que se cante alto, em forte e bom som; quem sabe consiga-se assim enviar para bem longe as mazelas que assolam os filhos da rua.

Davi, Alexandre, Ari Roberto, Paulo, Alex de Oliveira, Rodrigo, Fátima, Geraldo moradores de rua – Meninos, que não são filhos, alunos, infância, compradores, bonitos e brancos por que até mesmo aqueles que o são têm a pele encardida de sujeira. E apesar de não serem, dormem. Fazem-no dentro dos bueiros. Suas canções de ninar têm início com o som das águas escuras do encanamento - um ostinato líquido executado por um mezzo piano, só interrompido pelo fluxo inesperado de uma descarga de banheiro fazendo com que um trecho forte quebre a monotonia que, normalmente, os ostinatos possuem. Logo que a melodia aquática volta à sua normalidade, é possível perceber pontos rítmicos executados por ratos, aranhas, baratas, que por suas vozes ou percussões, executadas por seus corpos, compunham aquela pequena sinfonia com os ruídos que vinham da rua. É assim que esses meninos que não são dormem - essa é a sua música de ninar. (GUEDES, 2011, p. 51)

Tão diferente da canção que relatam os que vivem próximo à natureza, ou que podemos lembrar ao acionar a memória de lugares onde se pode escutar o

murmurar das ondas do mar, a chuva que cai serena ou fortemente na terra, o rio que corre e faz música com as pedras, esse ruído das águas profundas, subterrâneas...Tão distante dos que dormem em berço esplêndido, sem fome, sem frio, sem noção, não escutam a esses meninos e meninas que não brincam nas ruas, vivem nelas. E agora?

Vírus letal que nos coloca em um segundo ano de distanciamento social e nos tranca em nossas casas, permitindo aos que assim podem seguir vivendo virtualmente, e aos que não podem, isola, sem contato, sem comunicação, sem vida. Maus espíritos que rondam este século sem cantares. Me pergunto se voltarmos a cantar, a ninar, se acalentar a mãe Terra para que sinta neste cantar o amor à ela, e mais que adormecer acorde em nós os desejos de um retorno ao comunitário, ao dar as mãos em roda, ao movimento que no seu embalar vai reforçando a vontade de que utopias como um mundo diverso seja possível, em que todas, todes, todos possam ter seu canto na Terra para morar com dignidade, educação de qualidade e gratuita, onde acolher signifique compartilhar, partilha e doação de tempo, de histórias de vida, de fazeres, de saberes; uma terra sem fronteiras de território ou saberes, onde somos o todo, ligação, religação: regenerosidade para com o mundo este do aqui, do agora, do presente que se faz passado. Reconexão. Para que os *Davi, Alexandre, Ari Roberto, Paulo, Alex de Oliveira, Rodrigo, Fátima, Geraldo...* possam ser acalentados por uma sinfonia outra, de justiça e igualdade, ninados.

E foi assim neste pensar/cantar que fui sendo conduzida para uma educação vivencial. Na escrita da tese de conclusão de curso que tratei dos acalantos, não cheguei a conclusão, respostas, apenas apontei caminhos, a pedagogia Griô foi um deles, penso aqui descrever um tanto o que é esta prática mas sei que como ela muitas outras práxis estão fazendo a diferença e procurando caminhos que buscam usar o corpo, a música, a arte e os saberes tradicionais como conexão para criar outras formas de relação com a natureza, acredito ser ela constituinte e totalidade do ser, sem dualidades, sem exploração mas integração, humanização, pertencimento, envolvimento uterino, ligação umbilical.

A criança está doente. A mãe a leva para cama e se senta ao lado. E então começa a lhe contar histórias. Como se deve entender isso? Eu suspeitava das coisas até que N. me falou do poder de cura singular que

deveria existir nas mãos de sua mulher. (BENJAMIN, 1987, p.269 Apud DUTRA, 2015, p.28)

*O menino doente (Manuel Bandeira)*⁶⁶

*O menino dorme.
Para que o menino
Durma sossegado,
Sentada ao seu lado
A mãezinha canta:
— “Dodói, vai-te embora!
“Deixa o meu filhinho,
“Dorme . . . dorme . . . meu . . .”
Morta de fadiga,
Ela adormeceu.
Então, no ombro dela,
Um vulto de santa,
Na mesma cantiga,
Na mesma voz dela,
Se debruça e canta:
— “Dorme, meu amor.
“Dorme, meu benzinho . . .”
E o menino dorme.*

⁶⁶ Disponível em [O menino doente - nossacasa](#) acesso em maio de 2023.

EN - CANTO

Filhos, neta, e entre estes meios e começos sou agora a geração vó, o início que por aqui vagueia em pensamentos e lembranças do que um dia para mim cantaram, ancestrais passos desta canção de ninar que entoada em mim, me faz caminhar:.. *“nesta rua, nesta rua tem um bosque, que se chama, que se chama solidão. Dentro dele, dentro dele, mora um anjo, que roubou, que roubou, meu coração...”*

Pó Quântico⁶⁷

Dizem que somos pó e ao pó
retornaremos, ser
Dizem que viemos da poeira
da cósmica, pó
Agora digo aqui
entre tantos pó
dessa imensidão vermelha, Foz
Sonhei em ser pó
que voa levada
pelos ventos que sopram
Ir de oeste ao centro
e assim, em forma
de pó
afastar a tristeza
De tão longe de
ti estar
Pó de tristeza
Vento leva
E tranforma em
po (a) ção
Como a
Poaca
que gruda
nos vidros em terras do
Tocantins
Como o pó de
pirlimpimpim pim
Pó de fazer voar
Quântico
que ocupa o aqui e o lá
Soprando
Pó da imaginação
Voa coração.

⁶⁷ 18 de maio de 2023, pensando no Pedro, na Thais, na Marina...

E a pergunta dessa roda é: Quem acalanta quem?

O ninar é um ato universal, pluriversal, transversal, corporal. É o instante inconsciente que balançamos a criança tentando seu choro acalmar. É o momento consciente que cantamos para que durma.

É o tempo inconsciente que murmuramos para nós mesmos baixinho. É o fazer consciente de quem ao escutar a uma música de embalar vai sendo levado as memórias que vivem ali no limiar entre o subjetivo e o objetivo, o racional e o irracional, entre o fora e o dentro. Acredito nasce com o corpo, para despertar sentidos e não deixar que se apague esta relação entre o cá e o lá, estar vivo ou estar em adormecência, fronteiras que são atravessadas para iluminar as almas que essa terra vieram habitar e se situam entre o corpo vivo e o corpo espírito, talvez por isso se tenha tanto receio de adormecer e se cante com palavras de medo para não deixar fugir o corpo para o vazio da existência.⁶⁸

A chegada de um bebê ao mundo (o que todos nós fizemos um dia) pressupõe que ao sair do útero será aqui acolhido; o bebê nasce biologicamente neste momento mas é a presença do outro que trará ao bebê a experiência de estar vivo, ser gente; criar vínculos, se integrar ao seu dentro, consciência de ser e ao seu fora, existe o outro.

“Na vida normal do bebê ocorrem longos períodos de tempo nos quais o bebê não se importa em ser uma porção de pedacinhos ou um único ser, nem se ele vive no rosto da mãe ou em seu próprio corpo, desde que de tempos em tempos ele se torne uno e sinta alguma coisa. Igualmente importante, além da integração, é o desenvolvimento do sentimento de estar dentro do próprio corpo.” (WINNICOTT, 1945, p.224-225)

⁶⁸ José Leite de Vasconcellos, “Canções de Berço”, 1938, p.890 apud Machado, Silvia, 2017, p.123 ; recolheu em Portugal, 21 versões de canções onde aparece o Papão...o autor levanta a hipótese de que, assim como para muitos povos o sono não era entendido apenas como uma função fisiológica, mas sim como a saída temporária da alma do corpo...” talvez, originariamente se acreditasse entre nós que o sono da criança era causado pela vinda do Papão, que lhe levava a alma, isto é, que a *papava*, porque *papão* é substantivo verbal derivado de *papar*.”

Cristina Fargetti em seu livro *Fala de Bicho, Fala de gente* (2017) traz também a questão colocada por Vasconcellos que aqui complementa o acima colocado: “Assim o Papão desempenharia a princípio as funções de entidade *mythica* do sono, ou por outra, o Sono personificado, causador do sono dos homens[...].” Essa hipótese tem ressonância com relação entre o sono e a possibilidade de morte, crença partilhada por diversos povos, por exemplo, os juruna.(2017, p.96)

Winnicott (1945) no livro intitulado *Da pediatria à psicanálise* em um de seus artigos escreve sobre o Desenvolvimento emocional primitivo, iniciava-se naquele tempo as ideias e estudos sobre psicanálise infantil e discordando de Freud, concebe que a vida psíquica começa bem antes do agora muito conhecido complexo de Édipo; para ele é quando o bebê começa a se perceber como outro, um corpo distinto do da mãe, ainda na primeiríssima infância. Winnicott preocupou-se em refletir sobre o que é o humano, e como desenvolve sua psique observando a relação do bebê com o mundo e com a mãe, e escutando as crianças e seus pais; traz seu conhecimento da pediatria para a psicanálise.

O nascimento pressupõe o outro. O acolhimento; o vínculo estabelecido nesta relação de cuidados é a base da vida. Este segurar, amparar, sustentar (holding) é o suporte físico e psíquico que com a repetição na rotina diária da mãe com o bebê (ou da pessoa que cuida) fundamentam a capacidade da criança desenvolver os processos de maturação e de enfrentar o mundo. É este proteger, limpar, cuidar, alimentar; cantar, envolver, ninar junto ao corpo, esta junção de afetos que darão ao bebê a ideia de integração desenvolvida por Winnicott, este relacionar-se com a realidade externa. Assim as mães⁶⁹ apresentam o mundo aos bebês que se tornam: “moradores do mundo”. (WINNICOTT , 1945, p.218-232)

Penso: que mundo, podem as mães do agora, neste presente hoje, apresentar ao bebê que aqui veio habitar. Qual mundo irá narrar a mãe ao seu bebê? Cantar também envolve um contar, são deixadas nas cantigas de embalar sutilezas, singelezas, que ao serem emanadas dizem sobre singularidades do povo que a canta.

Lévi-Strauss nos diz que certas ideias só são reais na língua em que foi pensada, na língua materna, ao traduzi-las perdem o sentido. (2004, p.6). Muitos dos que pertencem aos povos originários também perderam o sentido ao não conseguirem mais expressar suas ideias, sua cultura, ao serem absorvidos pelo universal homogeneizante, a grande cobra comedora de gente.

⁶⁹ Mães aqui pode ser entendido como aqueles, aquelas que tomam conta, cuidam à criança, o bebê, tornando-se assim sua referência de vínculo com o mundo.

Neste estudo poderemos encontrar abordagens sobre a questão de gênero: BORTOLINI, Alexandre. *É pra falar de Gênero Sim: Fundamentos legais e científicos da abordagem de questões de gênero na educação*. [s.n.] Brasília, 2023. Disponível em <https://eprafalardegenero.wixsite.com/livro>

Quem são então os que têm direito de nascer e habitar este mundo? Dizem os direitos humanos, que seriam quem humano é; porém houve um tempo que a *alguns*, apontaram como sendo o selvagem, o não humano, igualando-os aos demais habitantes da Terra aos quais consideravam, estes que apontavam, serem também não constituídos de humanidade, sem alma. Selvagens seres; animais, plantas, montanhas, rios, florestas, a natureza, a Terra. Os não humanos.

Em 1492 *los nativos* descobriram que eram índios, descobriram que viviam na América, descobriram que estavam nus, descobriram que havia o pecado, descobriram que deviam obediência a um rei e uma rainha de outro mundo e a um Deus de outro céu, e que esse Deus havia inventado a culpa e o vestido, e havia mandado que fosse queimado vivo quem adorasse ao sol e a lua e a terra e a chuva que molha. (GALEANO, 2012, p.191)

E o tempo se fez outro, a Terra girou, o sol e a lua seguiram seu curso iluminando as estações e os ciclos, as chuvas aguaram, a vida se fez semente e estas, neste tempo em que escrevo, andam germinando ideias em um fazer coletivo que move este povo oprimido, sofrido, das florestas, das favelas, quilombos, ribeirinhos, das mais diferentes cores, coloridos, das mais diferentes crenças, sábios, pajés, xamãs, babalorixás, yalorixás, que ocupam sem invadir o mundo desse outro que o escravizou, colonizou, trazendo a força de sua ancestralidade, sua identidade, ensinam sobre acolhimento, vínculos e cuidados básicos com os seres que nesse mundo habitam e com a Terra, a quem acalantam. Gaia, Pachamama, Abya Yala...

A essência do ser é interna. A essência do ser é potência. Essa essência-potência não foi alojada no coração da existência material à toa! Ela deve ser cultivada. E uma vez cultivada, ela deve ser evocada como presença. Mais precisamente como *Sagrada Presença*.

Assim como a pequenina semente do jequitibá atravessa a dormência da terra, torna-se uma muda em busca do sol e rompe a sombra que lhe impõe as árvores maiores, do mesmo modo a essência do Ser é fortalecida pelas quatro energias: a água, a luz, o ar e a própria terra - e se ergue através delas! As dificuldades lhe dão uma personalidade própria, mas ela se ergue *pela silenciosa evocação de sua divina presença*.

Penetrar no silêncio⁷⁰ é um meio, mas não um fim em si, para evocar a

⁷⁰ “A tradição indígena, por exemplo, honra a dimensão da ancestralidade divina no seu silêncio, no espaço entre a fala e o canto, no espaço entre a respiração e o som das maracas, no interior de si mesmo. As terras que são importantes para o setor econômico têm silêncio e são vitais para nós porque é através da natureza que nós nos conectamos de uma maneira vibrante, de uma maneira pulsante com o sagrado mistério, com o sagrado silêncio. E isso é precioso para os guarani. O povo

Presença. Essa é a meta. As ações exteriores complementam o despertar e o arvorecer.

E, a partir da *presença*, precisamos pôr a palavra em movimento. Ou seja: precisamos nos manifestar através de um comportamento adequado a essa Presença Sagrada. (WERÁ, 2016, p.56-57)

Esta e outras ideias e formas de ver o mundo está em um livro de Kaká Werá denominado *o trovão e o vento* de 2016; atualmente podemos encontrar escritas realizadas por povos indígenas das mais diversas etnias, parentes, que com imensa sabedoria passam da oralidade que lhes é própria, a difundir seus pensamentos, mitos, relatos, cantos, modos de existência, na escrita de artigos, teses, dissertações, livros, que ampliam a estreita visão que nos traziam os escritos de “antigamente”, realizados por quem a estes povos não pertenciam. Outro Tempo, e tudo acontece a seu próprio tempo. Outro mundo?

Tempo da Integração, de juntar os pedaços e conectar-se com o corpo Uno.

Ecoar existência-resistência, evocar palavras no silêncio, emanar força de vida.

“O silêncio é o portal da tradição oral; é preciso olhar e escutar o silêncio antes da escrita.”(MACHADO, 2019, p. 4) Irê Ayó, uma epistemologia afro-brasileira “é invenção de uma mais velha que, ao longo dos anos, fia caminhos de alegria na educação”, escreve Ana Rita Ferraz na contracapa apresentando Vanda Machado e o seu livro, fruto de suas vivências cotidianas com crianças no terreiro Afonjá; escutando a voz dos orixás que sussurram recados para o agora, vai desenvolvendo entre narrativas e histórias, mitos e lutas, vai tecendo uma educação, um ato de criação que desconstrói regimes colocados como verdade absoluta e renova os currículos trazendo uma educação afrocentrada para fazer parte da roda. Mesmo mundo?

São conexões daquelas onde se diz: ninguém solta a mão de ninguém; resistência de vozes apagadas e silenciadas, que escutando ao silêncio se erguem, questionam no ontem e fazem acontecer no hoje, transformam e criam novas

guarani é o povo da contemplação, o povo do silêncio”, descreve Kaká, como um poeta. Disponível em <https://bodisatva.com.br/terra-e-de-nhanderu/> acesso em 18 de julho de 2023.

maneiras de se fazer este aprender e ensinar, ensinar e aprender, chamado educação.

Linda Tuhiwai Smith em seu livro *Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas* faz uma pergunta caminhante⁷¹: "Por que a revisão da história tem sido uma parte tão relevante da descolonização?" (2018, p.49)

Talvez Fernanda Thomaz (2023) em seu artigo: *As páginas arrancadas da Abolição* ilumine o caminho de Linda:

Quando afirmo sobre a necessidade de reescrever as páginas arrancadas de nossa história, também me refiro a uma atitude educacional que vai além do ensino formal. Trata-se de uma pedagogia dos saberes que formam nossa história negada por séculos. É preciso um profundo reconhecimento cultural para descobrirmos quais ventos sopram e que tempestades nos trouxeram até aqui...São apenas 135 anos de distância.(THOMAZ, 2023)

Linda (2018) escreve em seu livro sobre o resgate das histórias do passado, recuperar a linguagem e os fundamentos epistemológicos e reconciliar o passado com o presente; centrar a pesquisa em uma visão de mundo própria dos saberes, perspectivas, preocupações e visão de mundo dos povos indígenas; serem eles os autores e críticos de sua realidade, protagonistas da sua história... "determinar prioridades, trazer ao centro as questões de nossa própria escolha e discutí-las entre nós mesmos." (SMITH, 2018, p 54-55)

Ventos que ventam futuros, sopram esperanças, fluxo circular que flui palavras no vento, crianças escutam os ventos! Os ventos estão no mundo!

E cheguei assim pelas redes, que também ventam saberes, a um projeto que se chama filmes que voam, eles tem uma página no Instagram - @filmes que voam⁷² - dia 13 de julho colocaram uma postagem que confirma muito o que tenho tentado escrever por aqui, nesta roda que denominei Encontro e como que por encanto chego a eles através de um grupo de estudo do qual faço parte, entre muitos mil outros, e vejo que depois de ser educadora infantil o que mais me faz brilhar os

⁷¹ Pensei norteadora ou suleadora no nosso caso de quem quer o Sul como direção, mas aí me surgiu este termo caminhante, as perguntas que nos fazem seguir adiante, não inventei eu, mas Galeano ao falar sobre utopia, leiam a palavra como algo que faça sentido para você, que seja relevante.

⁷²Disponível em <https://www.instagram.com/filmesquevoam/> acesso em 19 de julho de 2023.

olhos é pesquisar, coisas que parecem por vezes nada conectadas, mas que em algum momento se ligam.. Escreveram eles:

filmesquevoam Embora muitos idiomas tenham desaparecido do cotidiano das populações ao longo dos séculos, as línguas indígenas estão em todas as partes do Brasil. E aos poucos reconquistam espaços, de diferentes formas, nas artes e na cultura do país. A importância desse movimento que enriquece muito as criações artísticas brasileiras é o tema de uma conversa com tradutores, professores, profissionais da indústria do entretenimento em Boa Vista (RR), a partir das versões em quatro idiomas indígenas e em português do livro infantil *As Aventuras de Macunaíma* para crianças, que pode ser baixado gratuitamente no site.⁷³

Compartilhe com os amigos esta obra que traz histórias ancestrais da Amazônia.

Também tem um texto para adultos interessados em conhecer esse riquíssimo universo da cultura e da sociedade do Brasil.

Silvia Machado (2017) escreve bem no início de sua pesquisa sobre “palavras poéticas cantadas para adormecer que veiculam heranças e tradições e, porque vinculam as crianças não apenas ao adulto que delas cuida como também a língua que se entoa, são fundamentos de uma nação.” (p.28) Fazendo a canção de ninar parte do contexto familiar, do nascer (mesmo radical de nação-em latim natio-nascor-natus) é ponte entre a macro e a micro história; participando da vida da criança em sua família, povo, estado-nação. Traz a autora no capítulo IV e VI de seu livro *Aproximações, Canção de Ninar Brasileira*, referência e análise de uma passagem onde é invocado um acalanto para Macunaíma que abaixo transcrevo:

Dessa forma, o leitor-ouvinte é conduzido pelas trilhas da literatura oral e da música popular, campos amplos, em que os acalantos surgem, propagam-se, transformam-se, desaparecem e ressurgem de geração em geração.

A passagem do capítulo IV, na qual o acalanto está inserido, narra que Macunaíma, triste e “padecendo saudades de Ci” (p.39), cantava “cânticos de longa duração”(p.39). Depois de apresentar esse cântico, a narrativa continua:

Assim. Então descia e chorava encostado no ombro de Maanape. Jigüê soluçando de pena animava o fogo da caieira pra que o herói não sentisse frio.

Maanape engolia as lágrimas, invocando o Acutipuru o Murucututu o Ducucu, todos esses donos do sono em acalantos assim:

“Acutipuru,

Empresta vosso sono

Pra Macunaíma

Que é muito manhoso!...”

Catava os carrapatos do herói e o acalmava balanceando o corpo.

⁷³ Disponível em <https://www.filmesquevoam.com.br/makunaima/> acesso em 19 de julho de 2023.

*O herói acalmava acalmava e adormecia bem*⁷⁴.(p.39-40) (MACHADO,2017, p.197)

Assim Sílvia vai com este pequeno trecho desenredando o acalanto, trazendo ao escrever ela a importância deste nada singelo fazer, a canção para adormecer, e referendando o muito do que ao pesquisar vou encontrando e por aqui já fui relatando.

Fala especialmente no capítulo VI sobre estas figuras míticas, pássaros, que são os donos do sono, e que nos povos originários não são até a colonização entes que trazem o medo a criança, mas sim emprestam a quem acalanta o sono de fazer dormir a quem embalam. Isto encontrei em outros escritos ao pesquisar para uma disciplina sobre cinema⁷⁵ que cursei em tempos onde a vida se fez virtual, para ela escrevi um pequeno artigo do qual trago recortes, pois fala de infância, de povos originários, de outros modos de ser e estar, habitar, e claro, de canções de ninar.

Múltiplas Infâncias, múltiplos saberes - MIMUS - é um festival online⁷⁶ que aconteceu de 06 a 10 de julho de 2021, transmitido pelo canal Usina da Imaginação no You Tube, a proposta foi promover debates através de filmes, documentários de curta-metragem, realizado pelos cineastas Rita da Silva e Kurt Shaw com a temática sobre a infância e desenvolvimento de crianças pequenas pertencentes a povos indígenas, quilombolas, a grupos de matriz africana, comunidades rurais e espaços periféricos. Tendo por meta para além da apresentação criar um espaço de reflexão e diálogo sobre as práticas de cuidado e a construção de políticas públicas necessárias para manutenção dos modos de ser e estar desses povos diversos de conhecimento milenar.

⁷⁴ Aqui coloquei em itálico para destacar o que no texto de Sílvia Machado é uma citação de Mário de Andrade, *Macunaíma, o Herói sem Nenhum Caráter*, 2008, do qual retira as citações e apresenta na p.193 de seu livro na nota de rodapé 2.

⁷⁵ DISCIPLINA: HDL5027 – Do Cinema ao videoclipe: um debate sobre a estética da imagem nas perspectivas benjaminiana, da teoria feminista e do debate decolonial. Docentes: Diego dos Santos Reis; Giselle Gubernikoff; Mônica Guimarães Teixeira do Amaral. DIVERSITAS-USP

⁷⁶ Disponível em MIMUS - 06 DE JULHO <https://www.youtube.com/watch?v=pQwDdkf8t0U&t=6762s> acesso em 02 de nov. de 2021.

Para a escrita assisti o episódio do dia 8 de julho⁷⁷ que trazia ao final de suas mais de três (3) horas de duração uma linda canção de ninar, foram elas as canções para adormecer que impulsionaram em 2015 Kurt e Rita a realizarem no Alto Rio Negro a série de documentários.

Assim “Canto e Linguagem” no instante 3:06:51 traz a canção na voz de sua mais velha, esta foi anteriormente explicada junto a um mito sobre a preguiça, o bicho, no qual uma mãe deita sua criança na barriga da preguiça e sai deixando aldeia e o filho aos cuidados da preguiça, ao retornar não encontra mais ninguém do seu povo e espia se sua criança ainda está ali na barriga da preguiça que dorme ...o canto que é uma canção de ninar fala sobre um costume que ao ser contado se liga a um outro mito de criação, este sobre a Anaconda, que dará origem a todo povo do Alto Rio Negro, que é diferente entre si não só no seu falar, mas também no seu fazer; a canção retrata a troca realizada entre os diversos povos do rio, um faz canoas, outro cestos, outro bancos, um a caça e pesca, outros colhem frutas e é no subir e descer do rio que vão trocando seus fazeres. Canta a preguiça, cantam e contam Florinda Emília, Jacinta Sampaio, Luzia Inácio. Cantarão os filhos de seus filhos?

Ahãho, Ahãho

Cata o sono e traga prá ele

Ahãho, Ahãho

Se você for rio acima vai ser troca de canoa

Ahãho, Ahãho

Se você for rio abaixo vai ser troca de panelas

Ahãho, Ahãho

⁷⁷ USINA da IMAGINAÇÃO: MIMUS - 8 de Julho- mostra de filmes do Canal Canoa, com os curtas "Proteção" e "Canto e linguagem" da série Primeira Infância Indígena e debate sobre primeira infância, cuidados e universo simbólico e religioso. Rita de Silva, da Usina da Imaginação, irá mediar a conversa com Maria Janielly, candomblecista e Juremeira; Izoneia Araújo, liderança indígena Tariana; e com a militante antirracista Christiane Falcão. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QwHgc2NgbRg> acesso em 02 de novembro de 2021.

“A gente vai lembrando o que esqueceu. A gente vai pensando até lembrar tudo. Reaviva a memória.”, conta o benzedor Raimundo Tenório.

Ahãho...ahãho... a canção vai permeando imagens, relatos, danças, brincadeiras, histórias desse povo originário de múltiplas línguas, falam no mínimo quatro, a de seu pai, a de sua mãe, a língua geral nheengatu e o português. Porém as mais velhas preocupam-se, não sabem se os filhos de seus filhos vão ainda contar e cantar seus saberes, em seu tempo não tinha a televisão.

A diversidade de práticas de cuidados para o desenvolvimento da primeira infância respeitam um conhecimento milenar que deve ser visto como patrimônio cultural. Não podemos mais ignorar que esses povos têm muito a nos ensinar”, diz Rita que relata para roda (virtual) um momento onde se confrontam os modos de ser de quem está atrás da câmera e dos pequenos em seu natural crescer, um enquadramento.

O pequeno, de 3 ou 4 anos em cima do açazeiro⁷⁸ com um facão na mão, traz a quem filma a cena, angústia; por ser criado em outra realidade Kurt age com o corpo instintivamente e levanta as mãos como que para segurar a criança, sem no entanto intervir; sua ação causa riso nas demais crianças que questionam se ele vai apanhar um coco; acostumadas desde muito cedo a usar os instrumentos de trabalho, ralam a mandioca, cortam os galhos, observando os mais velhos aprendem, múltiplas são as infâncias.

Dando ênfase a um olhar aberto, com o objetivo de captar a cena local, ampla, que nos leva para dentro de cada aldeia, que nos faz mergulhar com as crianças no rio, dançar junto na roda tocando os instrumentos, sentar para fazer a cestaria, raspar mandioca, caminhar na mata; mas ao mesmo tempo trazem as singularidades, o único de cada ser, a história que contada por Maria Pedrosa com uma criança ao colo, fazendo os sons que são próprios do seu contar; os cantares de Luzia Inácia, Luiz, Florinda, Clonice, que vão em português traduzindo as canções de fazer adormecer. Um posicionamento, o cotidiano apresentado, um

⁷⁸ Ao reler o texto escrito por mim me dei conta no agora que é também em um açazeiro que sobe Macunaíma, descrita a cena por Sílvia Machado (2017) no que denominou -A Brevidade da Canção de Ninar- (p.201): ...diante da perda de Ci, sua companheira amorosa, sobe “num açazeiro de frutas roxas como a alma dele” (p.39) e pede aos deuses bons para reencontrá-la. Depois, desce para junto dos irmãos, encosta-se no ombro de Maanape e escuta o acalanto por ele entoado. *Serendipidades*.

espaço formador destes que serão representados nos seus saberes e fazeres. É mais que uma paisagem fílmica, documental, é o retrato de um povo protagonista de sua existência, tem significado estético, cultural, político, de relação, cuidado e valorização do entorno, da comunidade, inserida, engajada, de cada um e do todo; a luz, o contraste, os momentos, os detalhes, as escolhas feitas na “montagem” trazem essa dimensão de um pensar coletivo que respeita a natureza e seus seres, de qualquer natureza e o ser de cada um.

Aqui abro um parênteses, pois o singular se torna ao mesmo tempo plural, o que dizem algumas de suas cantigas ali apresentadas é o mesmo que trazem muitas das nossas conhecidas canções de ninar, falam para que a criança durma, que a mãe está a trabalhar, o pai já vai chegar, a mãe já vai chegar, vai trazer abacaxi e todo tipo de frutas, dorme, não chore, papai está na roça, mamãe logo vem; e embalam no colo, na rede, cantando com o ritmo que é próprio, lento, suave, cadenciado, murmurado. Tão único, tão múltiplo.

Colo, carinho, resistência, tratar sobre crianças, infâncias, é falar sobre continuidade. Qual infância? Qual continuidade?

Afinal, como se pode ser civilizado se não se aceita conviver com a diferença? (MOURA, Angela e ROSADO, Rosa, 2013, p.202)

E sigo com Silvia Machado (2017) em um relato sobre o poder da vogal u e a invenção de Mário da palavra Ducucu, que lembra Cururu, Jururu, cantiga que se faz de ninar muito conhecida em diferentes versões e recolhida por ele nas mais diferentes regiões do Brasil em suas pesquisas folclóricas, desejoso de fazer de Macunaíma um livro “...bem tendenciosamente brasileiro.” como traz a carta que escreve a Luís Câmara Cascudo em 1927 (p.193-194), uma verdadeira mistura de palavras, plantas, animais, lendas, canções de norte no sul e de sul no norte, ventania. Venta-mania!

Nostalgia? Lamento? Perda de tempo? Passado?

Kaká Werá Jecupé (2020) escreve em um livro de 1998, A Terra dos Mil Povos sobre essa memória cultural a quem chamam os estudiosos de “mitos”, por serem elas histórias diferentes das suas e as colocam neste tempo, mítico, “uma voz distante no tempo” (p.62) e afirma ele:

Tal memória tem sido abalada nos últimos quinhentos anos não tanto pela influência que pode ter recebido de fora, mas principalmente pelo fato de ter sido negada e pelo fato de os antigos terem passado um longo período de guerras, mortes, fugas, escravização.(2020, p.62-63)

O mesmo Kaká que na contra capa da segunda edição deste livro (2020) escrito próximo a comemoração dos quinhentos anos (1998) do “DESCOBRIMENTO” e agora reeditado em tempo de VÍRUS Corona é referenciado por Janice Thiél com as palavras abaixo e traz ela também algumas destas perguntas que denominei caminhantes:

Apreendi com Kaká Werá Jecupé que as palavras traduzem o espírito, que o espírito é música e que o corpo expressa essa música. Portanto, as palavras devem ser proferidas en-cantando e entoando a porção de luz que mora no coração. Com Werá Jecupé aprendi que existem vozes que entoam os saberes dos povos indígenas brasileiros..., em 1998, também deu origem a uma tradição estética e literária indígena escrita. ... relembra esses valores...a forma de pensar e de agir, de amar a natureza e de ter fé do índio.

Por que teimamos em conservar o mesmo ponto de vista que os portugueses tinham sobre a cultura indígena quando aportaram no litoral brasileiro?

Juntam(os) pedaços, conectam(os) histórias, criam(os) corpo-identidade, vínculos; em um despertar de sentidos que acordam a existência, o ser resistência, reexistência, ocupam o fazer histórico um dia silenciado, sopros, sussurros, quase um acalanto?

Como já foi dito, para as crianças se narram além de histórias, o mundo; pergunto outra vez: Que mundo? Que histórias? E como aqui falamos de acalantos...Quais acalantos se fazem presentes em um contexto dos povos originários que poderiam ser apresentados, quais você lembra?

Aqui trouxe diferentes recortes, poucos dentro de um universo de pesquisas que crescem a cada dia e trazem da oralidade para escrita, para pesquisa a acadêmica, outra forma de se ver, escutar, sentir, perceber e narrar o mundo, este que habitamos e ao qual algum de nós consideram como mãe. E como diz Nego Bispo, um destes filhos da Terra: Nós nascemos no ventre das mulheres para viver no colo da Terra.

E nós nascemos no ventre da Terra para viver no colo da ancestralidade.⁷⁹ Ou Ailton Krenak ao ser descrito por Kaká (2020, p.111) “Quando nós falamos da terra, nós não falamos de um sítio, de uma fazenda ou de um latifúndio, nós falamos do planeta, como um organismo vivo. Nós somos filhos desse organismo vivo.”

E assim como a eles poderia trazer tantas outras mil e uma citações, ditos, falas, destes que consideram ao planeta Terra e todo seu habitat natural como parte de um todo único e indivisível, afinal: Somos Terra!

Trago o acalanto como algo que vem da alma, do coração de quem canta e transmite não palavras, mas sentimentos, assim como faz a mãe primeira, a Terra, que nos adormece com sons da chuva, dos ventos, do crepitar do fogo, do pisar leve nas folhas e tantos outros murmúrios que aquecem por dentro, assim como a música sueña hacer e faz. Escuto a voz de minha mãe Maria a cantar, me ninar...

Se essa rua, se essa rua fosse minha
Eu mandava, eu mandava ladrilhar
Com pedrinha, com pedrinhas de brilhante
para o meu, para o meu
amor... passar

Vou caminhando e pensando, sentindo, escutando, já disse, os ventos falam, e eu comigo mesmo invento ligações que talvez só para mim, ou nem para mim, façam algum sentido, mas que mesmo assim solto, escrevo, não leiam, desconsiderem, muito é apenas isso, vento, passa, voa, busca outros ares, pensares. São Imagem-ação.

Alteridade. Integração. Este olhar para o outro que pode ser humano ou não humano mas que nos faz inteiro;penso: se Winnicott afirma em seus estudos sobre esse se fazer completude ao se dar conta que somos um outro desmembrado da mãe que nos deu vida, outro corpo; o momento em que o bebê se dá conta que a mãe é um não-eu; se esta passagem, consciência de corpo, separado da mãe, é feita através de vínculos de afeto, cuidado, holding...

Será que é um caso de des-afeto este não ver, ter, a terra mãe como desmembramento deste outro que faz parte de nós, ao não mais vermos a natureza

⁷⁹ Disponível em <https://www.culturgest.pt/pt/media/difícil-arte-da-confluencia/#nos-terra> acesso em 27 de julho de 2023.

como mãe e desconectarmos totalmente o pensamento-corpo desta que ao ser outra, não é como eu, é este outro diferente, o nada-eu; será isso que faz com que aceitemos a sociedade da mercadoria como Deus, e que pouca importância seja dada a destruição, devastação, perfuração, exploração desta a quem (penso) deveríamos prezar como fazemos como a mãe biológica? Por desconsiderar a origem como sendo através de Gaia, não sentimos sua dor, deixamos de sentir o vínculo, abandonamos esse pensamento essência e racionalmente passamos a “mamar” a Terra até a última gota. Deixamos de escutar o bater e o pulsar de suas entranhas e sua natureza como um todo passa a ser parte apenas da categoria outro-estranho, o não corpo, o ser diferente que não tem vida, nem vontade própria, o que pertence a categoria selvagem, possível e próprio para exploração. Feita a desvinculação, sem afeto, não sentimos mais as dores da Terra-mãe e buscamos por completude no vazio de uma sociedade que se apresenta na atualidade longe deste vínculo primário, cortamos ou por nós cortaram o que aos poucos vamos, vou, aprendendo a re-ligar:

Nestes tempos ando a pisar suavemente a Terra, estou a envelhecer aprendendo sobre-viver.

Tento apagar em mim as palavras doentes, de pobre estética, sem sua real potência humanizadora, palavra enfraquecida que não mais embalam, mas que sim se fizeram embalagens, mercadorias, comércio de palavras que vendem ideias superficiais, que se arrastam sem o vigor das palavras alma, palavras nascidas na boca do que foi cantado e soprado, das palavras mestras, palavras sagradas trocadas por palavras plástico. Mutiladas. Ao emudecer o embalo cantado, o cuidado, se silencia uma memória. Façamos o que diz ela Silvia; “...um recordar - ‘colocar de novo no coração’ - e organizar em palavras o que foi vivido durante este período de nascimento da e na nova família. (MACHADO, 2017, p.25) Estou a renascer neste tempo em que passo a estar próxima de me tornar outra vez semente, no ciclo que não se finda em linha, mas circula.

HARMONIZAÇÃO

E então começamos o descer a curva da vivência, devagarinho vamos acalmar o corpo, desacelerar o movimento respeitando os ciclos do corpo, os tores, giros, caminhadas, são usados neste momento e o tom de voz vai acompanhando este voltar a calma, que vai harmonizando o espaço interno e externo, a voz em ritmo mais lento vai dando o tom convidando para a entrega, sinergia e conexão com o centro das memórias do afeto.

E batendo o pé direito firme no chão, girando o corpo para cada direção da rosa dos ventos, de olhos fechados se faz o movimento enfunado o facilitador vai cantando e seguindo o que determina o grupo, acalmando a quem roda.

Na minha aldeia gira o sol
também gira a lua
Ai que tempo
É esse
Meu Deus

Este canto aprendi com Lillian, que aprendeu com Márcio, que aprendeu com Carica do grupo Nzinga de capoeira de Angola, que aprendeu com Janja que aprendeu com Tata Mutá Imé. Agora você aprendeu aqui.

A roda seguinte é: GIRA - VIRA - VOLTA

RODA - GIRA - VIRA - VOLTA

Em 2014 escutei um chamado da Terra que pedia um Acalanto, essas vozes internas as quais não damos muita atenção, pensamos ser meio sonhos, muita loucura, nada racional para este mundo dito normal; porém o nada normal chegou com a pandemia que se alastra desde 2020. Intensificando essas vozes e saberes ancestrais pelos quais agora transito.

Já havia realizado como disse um artigo em 2014, com escrita intuitiva baseada em leituras acadêmicas, virou projeto e então multiplicado por outras leituras a escrita do trabalho de conclusão de curso. Mas seguia o incômodo e fui pelos ventos levada a pedagogia griô, lá encontrei minha alma perdida, descobertas que foram colando as partes separadas por anos no ensino formal realizado nas escolas, e mesmo que por tantos e tantos anos fosse buscando e experimentando alternativas diferentes, foram a UNILA com suas leituras decoloniais e agora a pedagogia Griô com sua prática comunitária que juntaram a Isa com a Bel e proporcionaram dizer com alto e bom som: Eu Sou Isabel.

Atravessei a linha abissal (Boaventura) e me fiz nas grietas (Walsh)
Muitos dizem que o que se procura na vida é a outra “metade da laranja”, para completar o ser; porém acredito que já nascemos completos; nos separam ao eleger uma sexualidade, um Deus único, uma forma de saber que é dita culta, uma monocultura de ser e estar no mundo a qual direciona a vida partida; não diversa.

Diz Julieta Paredes “las mujeres somos la mitad de todo” não somos um tema a tratar, um problema, um setor, uma minoria que sempre pode esperar que as coisas maiores e mais importantes se resolvam primeiro, somos sim parte do todo, mas não um complementar cortada a laranja na horizontal (homem na parte superior e mulher abaixo) mas sim, homem e mulher lado a lado, duas metades que se unem cortados por uma linha verticalizada; de cima para abaixo, que irá construir uma complementaridade não hierarquizada. Harmônica.

Contam as culturas afro-ameríndias, afro-pindorâmicas, que os deuses são muitos, e que tudo na natureza é regido por um deles. Para isto penso se inventaram os santos, para dar conta dos deuses da água, da mata, das montanhas, do céu e da terra e tudo mais que existe neste universo.

E a cultura que agora aflora diversa, cheia de saberes nada únicos, é tanta e de tantos saberes que fluem, que transbordam, que preenchem muitos buracos deixados pelo contar da história única, da música única, da literatura única; da cultura das instituições únicas que até então se diziam e mantinham o poder em suas mãos, sábias e cultas; não que não sejam.

Porém temos duas mãos, que juntas fazem muito mais que só uma, dois olhos, ouvidos, pernas, braços; um corpo e muitos pensares desejosos por escutar outras histórias, contadas por outras bocas, músicas que te levem conhecer universos diversos de sons, instrumentos, batidas, silêncios, fazeres, saberes, andar por caminhos “tortos”, sentir sensações “proibidas”, dançar ao som de tambores, atabaques, flautas, liras, chocalhos, encontrar corpos diversos e dar as mãos; fazer a roda da diversidade, completar-se como ser.

Já disse, sou louca, sonhadora, mas ando vendo e escutando cada vez mais alto o som deste povo invisível chegar, se aproximar, ocupar o lugar que é também seu; cabe a nós que vivemos no campo do privilégio, esse da vantagem da cor de pele, da categoria social, de gênero, abrir as portas da “casa grande”, receber com simpatia, alegria, sem atravessamentos estes que vêm de longe, muito longe, lutando para aqui estar, quantos milhões foram deixados nesta caminhada; é hora de mudar esta história, aceitar a diversidade que nos atravessa, acolher nossa identidade, ancestralidade, deste povo uno (Dussel)

Corpo são os membros, corporalidade é a cultura que te pertence, da qual se é constituído como povo; “pacto de amarração” (HALL)

* Escrevi esta roda em 2020, tempo da pandemia, onde consegui ir assistindo virtualmente a fala de quilombolas, capoeiristas, povos de terreiro, povos das aldeias, mulheres negras, indígenas, ativistas, participar de seminários em instituições do Ceará, Recife, Pernambuco, Piauí, Amazonas, Portugal, Colômbia, Argentina... até então pouco acesso tinha eu a este imenso universo, tantas vozes a buscar um novo tempo.

É 2023, ao reler sigo cada vez mais escutando este clamor, clamar; hoje se faz uma cerimônia de Abertura dos Diálogos Amazônicos⁸⁰, escuto a voz de Raoni, o que há décadas falou... *você tem de ouvir índio...* será que iremos escutar antes que o mundo como conhecemos se acabe?

⁸⁰ Disponível em https://www.youtube.com/live/oD1ZmG_G_d0?feature=share acesso em 04 de agosto de 2023.

ENTRE-LAÇOS

Por um tempo de des-informação
e mais transformação⁸¹

Por um tempo de “empréstimo” dos
saberes ancestrais assim como
pedem emprestado o sono aos seres das florestas
os povos originários

Por um tempo onde se conheça
quem sua comida plantou,
seu alimento colheu, seu vestir costurou,
sem atravessamentos;

Por um tempo de segura travessia
nesta que emprestada
das crianças tomamos⁸²
a Terra que aqui habitamos.

Por um tempo onde o cantar seja
de acordar a criança que um dia
adormecida sentou em bancos escolares e para ela
contaram histórias de um povo único, de um saber único
e lhe fazendo dormir; escureceram seus horizontes e hoje sem
chão, barro, árvores, quintais, adormecem mentes e imaginação.

Que seja um tempo de acordar os olhos do coração
e enxergar famintos, miseráveis, sem teto, sem terra, sem vestes;
essa fome; de afeto, de cuidado, de carinho, de dignidade, de solidariedade.

Empatia? cheios de hinos de louvor a um Deus que se faz universal
e vive em templos majestosos, de ganância, sede de poder, rios de dinheiro,
montanhas de ouro, minérios, carvão, florestas de pinus, campos de soja, milho,

⁸¹ Aqui leiam como se em uma rede estivessem, balancem, as palavras cansaram-se de seguir a firme regra das linhas.

⁸² Escutei de Krenak, de Irene Rizzini, mas também li no livro A canção das sete cores de Carlos Rodrigues Brandão, 2005, p.33 que um indígena norte-americano proferiu estas palavras “nós não herdamos a Terra dos nossos antepassados. Nós apenas a tomamos emprestada aos nossos filhos.”

algodão...

Que tempo é esse meu Deus?

Por um tempo de (h)or(a)ção.

Um toré, harmonização E nesse embalo do tempo,

que se faz presente, passado, futuro

podemos baixinho cantar

para acordar em cada um de nós,

todas, todes, todos um tempo de afeto, de afetar-nos

pois, sem isso, seguiremos assim muitos de nós: totalmente hipnotizados

as dores que sofrem os que vivem a muito, muitos e milhares de anos a cantar,

segurando o céu, semeando sementes, fazendo curas, mantendo em pé as

florestas, limpando as águas, “ninando” a mãe, verdadeiros cuidadores de Gaia,

por ela velam com canções de cuidado e cura, a adormecem lentamente

para que não sofra com os males destes que teimam em não A-COR-DAR.

Estamos vencendo a batalha travada nesta ocidentalização do humano, porém alguns dão-se conta, alertam, que é ela, a domesticação, a conquista e dominação da Natureza que está prestes a ser vencida; não é percebido, por esta imensa maioria, adormecida, que estaremos no lado dos perdedores, humanidade perdida. Isto falam os que a Terra e a natureza escutam, escutei deles.

Game Over, no mundo real!

Gandhi “ a Terra proporciona o bastante para satisfazer a necessidade de cada homem mas não a voracidade de todos os homens” (SCHUMACHER, 1973, p.32)

Um homem de negócios não consideraria que uma firma resolveu seus problemas de produção e se tornou viável se a visse rapidamente consumindo seu capital.

Como, pois, poderia ele menosprezar esse fato vital quando se trata dessa firma imensa, a economia da Nave Espacial Terra, e, em particular, a economia de seus ricos passageiros? (SCHUMACHER, 1973, p.12-13)

E.F.Schumacher (1973) escreve um pequeno grande livro, que foi traduzido como: O negócio é ser pequeno e que poderia ser interpretado como a boniteza de ser pequeno; um estudo de economia que leva em conta as pessoas, argumenta sobre o quanto é insustentável a forma como tratamos os bens não renováveis da

terra, causando um esgotamento da natureza; seu estudo partiu da observação da vida em aldeias e escreve sobre uma economia sustentável; ele observa do outro lado dos mares, no considerado primeiro mundo; porém deste lado de cá já há muito tempo não apenas falam, mas com sua prática de vida tentam os povos da floresta alertar ao mundo sobre o que este massacre, esta forma de “comer a terra”, vai ocasionar para a humanidade; e por estes dias deste novo século XXI escrevem, vão para as redes, fazem teias, e seguem cantando e dançando para segurar os céus.

Ou tem planeta para todo mundo ou não tem! Escuto Lea Tiriba⁸³ a falar o que vivi, o que penso, o que acho que é saber meu, só que não; é um saber comunitário, este que se faz ação, dos que são considerados pequenas alternativas, escolas, quintais, terreiros, pessoas atravessadas pelo querer um mundo mais justo, igualitário, solidário, natural.

A vida é orgânica, diz ela e concordo eu, não se trata de apenas colocar areia, água, galhos e folhas do outono na sala de aula, mas sim levar a criança para natureza, a interagir com ela. Krenak (2020) em uma live realizada na Escola Parque do Rio de Janeiro em 17 de junho de 2020, durante a Semana do Bem Viver, mediada por Bruno Maia e Nina Arouca, inicia com a proposta abaixo:

Nós estamos vivendo um momento no nosso Planeta que suspende a todos nós do nosso estado cotidiano. E não podemos operar no automático. Cada um de nós acordou nesta manhã com a experiência de um repouso e uma recepção de um dia novo que nos aparece. Nós não podemos viver no automático.

Eu convido vocês a experimentarem alguma mudança nesse contato e pegarem algum elemento da natureza, como folhas, pedras, terra, um pouco de água, ou outros. A ideia é que vocês tenham alguma experiência daquilo que chamo de fricção com a vida, para não vivermos em câmera lenta. Para vivermos em conexão. Isso permite fazermos uma experiência sensorial, que é exatamente a de transpor essa distância.

Então, mediados por esses materiais, podemos ficar nessa ligação com o que é mineral, com o que é vegetal, com esses elementos da natureza,

⁸³ Em um seminário "Decolonialidade e conexão das crianças com a natureza". Lea Tiriba fala a respeito do artigo "Desemparedar *infâncias: contracolonialidades para reencontrar a vida*" o qual escreve na 56ª edição da revista O Social em Questão, publicação do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio, CIESPI/PUC-Rio. Disponível em https://www.youtube.com/live/8_FXpqCQfYo?feature=share acesso em 03 de agosto de 2023.

porque eles estão no nosso corpo também. Então a gente pode fazer uma conexão por meio deles. Podemos fazer uma experiência de uma conexão que não é só virtual. (KRENAK, 2020, p.4)

O maior epistemicídio é esse de esquecer que nós somos os povos das florestas, os povos originários, nós somos e nossas crianças são as herdeiras destes que aqui viviam antes da invasão, colonização.

Para ter planeta é preciso garantir essa luta contra a lógica que avança e invade tudo e onde cada vez mais colocam as crianças de mente sentada, emparedados, nossos corpos são herdeiros de um povo dançante, cantante.

As crianças para quem cantamos e ninamos choram esta colonização que as desconecta da mãe primeira; estão como na incompletude, em uma espécie de vazio existencial, estas que se diz serem os filhos dos que muito tem, dos que "tiram pedaços" da Terra, dos que endeusam o rei mercadoria e matam a cada instante, a cada nascer a possibilidade de vida na Terra.

Sofrem as crianças suas e as crianças dos que em outra natureza e modos de habitar o mundo acreditam.

Dessa forma desconectar do ser Natureza é o maior epistemicídio cometido pelo colonialismo, matam a séculos silenciosamente nossas crianças em prol de "estar à educar", a fazer desenvolvimento, que como já citei Nego Bispo diz ser o tirar do envolvimento comunitário e da forma de ser dos povos que acreditam em cosmologias outras. Criam o educar das escolas, estas sem chão de terra, sem barro, sem gramas, sem janelas, sem recreios, sem brincar, em contato com tudo o que é moderno; naturalmente educadas; sentadas, nutridas de imagens e sons vindos de máquinas e gentes muitas das vezes sem a necessária construção de afetos, pois afetar é envolver-se e somos o povo do des-envolvimento.

Ficou mais fácil assim, criando a "ante-sala das fábricas", como diz Lea Tiriba, educarmos um povo sem resistência, sem imaginação; vida que segue...

Saudades dos tempos de minha infância, mas estou naquele tempo onde a idade sofre com um preconceito também velado, o etarismo, portanto isso é apenas "coisa de velha" como é "coisa de criança" esse corpo que quer agir, descobrir o mundo, tocar a terra, conversar com os pássaros, abraçar as árvores, modelar barro, brincar com água, observar o andar das nuvens; pergunto outra vez: Que mundo

estamos apresentando a nossas crianças? O tomamos emprestado delas e como o iremos devolver? Estamos a devorar o mundo.

Em uma entrevista nomeada: A Terra pode nos deixar para trás e seguir o seu caminho⁸⁴, Ailton Krenak ao ser perguntado por Anna Ortega relata:

Todas essas atividades predatórias me lembram a imagem que falas sobre o progresso. O progresso como uma flecha. Poderia falar sobre isso?

...Tem um homem nativo das Ilhas do Pacífico Sul que refletiu sobre essa humanidade que vive caixinhas. Um livro dele se chama *O Papalagi*. É a história desses humanos que esqueceram que podem andar na terra, mexer na terra, viver na terra e que, então, decidiram viver em caixinhas. A caixinha é a moradia, o meio de transporte. Você se transporta em uma caixinha que é o carro, que é o avião, que é o metrô. Como esse autor sempre viveu em uma Ilha do Pacífico Sul e sempre viveu no sentido do corpo em liberdade, com o vento, com o mar, ele achou muito escandaloso quando o missionário o levou à Holanda na década de 1960.

Ele achou um escândalo. Saiu de uma aldeia, de um lugar que permitia observar que estávamos indo para um caminho errado. Ele observou isso cerca de sessenta anos atrás. Na mesma época em que o poeta Drummond escrevia o poema “O homem e as suas viagens”. É um poema muito bonito do Drummond⁸⁵ e que mostra esse descolamento do corpo da Mãe Terra, como se fosse uma propulsão para ele voar daqui para outro lugar. E esse humano realizou isso, mandando as primeiras missões à Lua. Finalmente fincando a bandeira na lua. E o poema fala sobre isso.

Ele mostra o descolamento do humano do organismo da Terra quando o humano começa a cogitar colonizar outros planetas fora daqui. Mesmo uma criança já inclui no seu universo de realização a possibilidade de ir colonizar outros mundos. E isso pode ser pior do que o covid-19, do ponto de vista da distopia, pois instala no nosso ser, no nosso coração, o desejo de não estar aqui.

Conexão mente e coração, forma de pensar, *espiritado*. A natureza tem de estar dentro da alma-espírito. Kaká Werá Jecupé (2020, p. 64) pensa e escreve: “Contudo, a maior contribuição que os povos da floresta podem deixar ao homem branco é a prática de ser uno com a natureza interna de si.” E escreve sobre os sonhos “... Povos da Amazônia sonhavam com a dor da Terra”... os xavantes sonhavam com a respiração do branco ansiosa de conquistas, explorações. (WERÁ, 2020, p.63)

Sonhos são empréstimos dos seres da natureza que fazem adormecer as

⁸⁴ Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/ailton-krenak-a-terra-pode-nos-deixar-para-tras-eseguir-o-seu-caminho/> acesso em 13 de agosto de 2023.

⁸⁵ Caso tenha curiosidade, deixo aqui um link para ler o poema *O homem: as viagens*. Carlos Drummond de Andrade na oração inter-religiosa desta semana - Instituto Humanitas Unisinos acesso em 13 de agosto de 2023.

crianças e que falam com estes que mantêm vivo em si a escuta da natureza, das plantas, rios, águas, pedras, estes seres selvagens, não humanos, que contam, que cantam, que narram o mundo e os desejos da terra mãe, sagrados. Míticos.

Mas em uma entrevista a Anna Ortega⁸⁶ Kaká Werá afirma “A sociedade não está conseguindo dormir, quanto mais sonhar” E este não sonhar, esta dificuldade para dormir da sociedade contemporânea gera doenças, é um causador de males, pois o corpo, a casa do espírito, não descansa. E privada do sono, não sonha.

Silvia de Ambrosio Machado (2017) ao tratar sobre cantigas de Makuru e canções de berço faz uma relação entre estes leitos infantis; ambos têm em comum o uso a que se destinam, porém descreve ser makuru um cesto suspenso, pendular e aéreo; e o berço estático, fixo ao solo, térreo. Makuru prevê embalo, movimento. Berço sugere contenção, imobilidade. Ao fazer este comparativo sugere as implicações que estas diferenças trazem para uma educação em que predomine a liberdade ou contenção dos movimentos da criança. “Esse aspecto móvel do adormecer imprime ao sono uma vitalidade e não uma imobilidade diária. Dormir mais que parar de agir e parar de fazer coisas, é dispor-se à ação de outras e tão importantes coisas; abrir-se ao sonho”. (2017, p.134-135) Segue a autora escrevendo sobre a natureza sagrada do repouso com a mobilidade proporcionada pelos sonhos, que religa o corpo a totalidade orgânica, espacial e temporal. Cita uma passagem do livro de Kaká Jacupé:

O sonho é o momento sagrado em que o espírito está livre e em que realiza várias tarefas: purifica o corpo físico, sua morada; viaja até a morada ancestral; muitas vezes, voa pela aldeia; e, algumas vezes, através do Wahutedew’á, o Espírito do Tempo, vai até as margens do futuro, assim como caminha pelas trilhas do passado.(MACHADO, 2017, p.135) Era o sonho que centralizava a aldeia xavante. ⁸⁷(WERÁ, 2020, p.59)

Machado em sua pesquisa apresenta então a relação propiciada pelo movimento, ritmo do embalo do makuru como um impulso gerador da canção de ninar; dando continuidade traz as Cantigas de Makuru recolhidas por Rodrigues,

⁸⁶ Disponível em <https://www.ufrgs.br/jornal/kaka-wera-jecupe-a-sociedade-nao-esta-conseguindo-dormir-quanto-mais-sonhar/> acesso em 13 de agosto de 2023

⁸⁷Aqui acrescento esta frase que encontra-se na versão atualizada que utilizo para escrita da dissertação e que não está na citação que Silvia Machado coloca em seu livro.

cientista botânico que dedicado a preservação da cultura indígena amazonense faz um compilado de dezessete cantigas onde a figura principal são aves e que nas suas traduções trazem a questão de pedir a elas, as aves, o sono emprestado. Silvia Machado (2017) traz em anexo (p.286) fotos do livro de Barbosa Rodrigues escrito em 1890, denominado Poranduba Amazonense, e algumas das canções por ele recolhidas, destacando duas que se referem diretamente ao sono Acutipuru e Yacurutu (p.135-136); uma cotia e uma coruja. É o movimento ritmado que usado como recurso organiza e transforma agitação em disponibilidade para adormecer, e sonhar. Sendo este processo intermediado pela solicitação de empréstimo do sono, combinações sutis entre o embalador e o embalado, que geram um princípio ordenador, fundamentam potencialidades humanizadoras.

E assim, entre escutas, leituras, podcast, vídeos, artigos, conversas, livros, este mundo por onde navego, real, físico, virtual, faço recortes, escrevo em papéis pequenos, nos livros, apontamentos on line, me perco, agora enlaço, tranço, outra vez saio dos caminhos acadêmicos... e lembro de um outro tempo, sonho acordada.

Quando era eu pequena as rodovias eram raras e as estradas poucas feitas em sua maioria de terra batida e cascalho, com pontes quase manuais de tábuas e troncos, construídas e mantidas por pessoas do local. Era um tempo lento, onde ir de lá para cá demandava um girar das horas, dos ponteiros, contadas em um ritmo muito diferente do agora; o dia de 24 horas se fazia em um quase sentir a rotação da Terra, olhando o movimento do Sol, seu nascer e o andar das sombras refletidas no solo.

Perdemos a manivela deste tempo e tudo passou a um rodopiar incessante, onde até o deitar e sonhar foi se tornando escasso, sem redes para balançar o tempo estamos imersos em redes iluminadas de um constante fluxo de imagens, sons, informações; vamos nos formatando a um não mais sentir ou viver o tempo este que gira a Terra; 24 (vinte e quatro) horas se fazem poucas e o ir e vir agora é apenas lento por estarem as vias asfaltadas tomadas por milhões de seres máquinas em suas máquinas, estas potentes fazedoras do não ser. Escuto aqui Nego Bispo dizer em seu fazer oralidade: "São Paulo a cidade do Ter é ignorante no Ser".⁸⁸

⁸⁸ Aquilombar o Antropoceno, Contra-colonizar a Ecologia. Disponível em <https://www.youtube>.

Isto acredito nos tornamos (alguns) neste tempo sem tempo, ignorantes no fazer ser, entulhados de tanto ter, e como diz este mestre quilombola do saber oral com tanto desenvolvimento, perdemos o envolvimento, este princípio fundamental da vida, estar em contato, receber, se envolver. E como diz aquele outro mestre do povo Krenak, sem sonhos. A vida não é útil.

EMBALO

Este é o momento de ir com a consciência acesa iluminar o fazer pedagógico, trazer com leveza e muito cuidado esta conexão profunda com as memórias de cada uma, cada um, é um ritual de confiança e entrega, feito com cantigas essas de ninar, embalar, cuidar, dar colo, olhar, proteger, acariciar, abraçar, afagar, as que parece fazem "cafuné no coração". E assim com práticas de relaxamento podemos nos aconchegar em lugarzinho quente, lembrando o útero da mãe, e nos deixando levar pela melodia calma e atmosfera de cuidado, afeto ir buscando conectar estas memórias no mais íntimo de si; a facilitadora irá conduzindo com música e fala para que não se perca o objetivo da aula, poderá aqui trazer uma história dos povos tradicionais, ou uma de sua vida, um cheiro, um som, é tempo de escuta das emoções e das pausas, dos silêncios, a respiração e o voltar deste lugar de escuta também tem um processo lento e de cuidado. Acho que por isso me senti tão atraída a trazer junto com minha pesquisa a qual ouvi de alguns ser "fofinha", singela, coisa de criança...esta pedagogia forte, cheia de vida, curiosa, de um eterno fazer e saber, destes povos "fofinhos", singelos, crianças...que em seu amor imenso a mãe natureza teimam em permanecer vivos e manter seus saberes e fazeres espalhados assim pelo vento, pela oralidade, pelas sementes crioulas, e que pouco a pouco vão também se apropriando desta escrita branca e hegemônica, ocupando os bancos das academias e reescrevendo as histórias, os contos de fada, os cantares, construindo o que Lillian chama "*continente afetivo*"

E assim escuto a voz de Lillian a nos acariciar, ninar, fazer adormecer para acordar!

Embala eu mamãe, cuida de mim...

Eu vim do ventre da minha mãe Ela me deu semente boa....

UMA RODA SÓ -VÊ (n) ENTRE

Foz do Iguaçu, 7 de maio de 2020.

A distância que estamos sendo obrigados a permanecer nesta quarentena está nos aproximando da natureza a qual havíamos nos distanciando. Muitos de nós agora sonham e olham novamente para o céu à noite buscando a lua e as estrelas, muitos de nós voltaram a se conectar com a natureza e seus seres, a falar e escutar os “gatos” que antes, dizem, só as velhas bruxas o faziam.

Passamos a cuidar das plantas e do jardim, a admirar o tempo e suas passagens, o silêncio, escutar o vento, fixar o olhar na folha que balança e na criança que ao lado inquieta cresce, passamos a ser como ela sem ganas de que o hoje seja apenas mais um dia mas certos que é feito de cada pequeno momento e que o valor está justo no que aprendo neste instante ínfimo que tenho aqui e agora. Finalmente iniciamos o uso da escuta e olhar atento que nos fazem penetrar as entranhas da Terra e dar valor a cada ser que nela habita.

Voltamos a escutar o balançar e envoltos em afeto acalentamos os sonhos que esquecidos na busca de outros mundos permaneceram na primeira hora do aqui chegado, no lar que se chama Terra; a mãe que criou, gerou, deu vida e a qual renegamos e usamos iludidos pelas promessas de progresso e bem estar, de abundância e fartura; de que ao deixar para trás esta “casa Terra mãe” teríamos muitos outros melhores e mais confortáveis mundos para estar-devastar. Um vírus nos mostrou que não, apresentou o erro e nos fez retornar de mãos vazias ao lar; percebemos então o tamanho da ironia; o que antes considerávamos imprescindível se foi tornando com o passar dos dias supérfluo e foi assim que pouco a pouco fomos voltando à casa; a olhar novamente com admiração a Natureza desta que tudo nos deu e calada em seu grito de desespero finalmente se faz agora escutar no silêncio das ruas e praças vazias, dos lugares badalados que já não mais se pode ir, dos milhões de carros parados e aviões estacionados, das milhares de lojas de souvenir e supérfluos.

Escutamos agora grito de agonia dos que nada tem, dos desprovidos de casa, teto, comida, educação. Que lição!

Temos de olhar a devastação das florestas, matas, rios, mares, lugares.

Fugimos agora dos encontros, abraços, beijos, sorrisos, espirros.

Corremos contra o tempo buscando solução, e ela a ciência prepotente de seu saber maior, voltou os olhos atentos a observar e buscar conhecimento no que então pouco valia; chás e rezas, ervas, folhas, mato, natureza; vamos nos unir para solucionar o que ainda não entendemos, deste vírus que pouco sabemos.

Separadxs nada conseguiremos.

Somos um só corpo, um só coração, somos na verdade filhos, filhas, todes de uma só mãe, e sem ter mais para onde outro mundo ir, vamos cuidar e tratar do que temos por aqui - chega de dor.

Chegou a hora de estar juntxs em tratamento, sem mais... escute sua mãe, a Terra. Ela nos acalanta, en-canta!!!

OBS: Escrevi este pequeno texto desabafo no princípio da pandemia mundial em que as ruas foram ocupadas pelos desvalidos e que em suas casas resguardadas estávamos todes que a tinham, a casa. Amedrontadas, amedrontados sem saber o que seria deste mundo fizemos o que é normal nos tempos de medo, de guerra, talvez, nunca vivi uma; bem passamos a olhar para o simples, muitos de nós, a unir forças, muitos de nós, a descobrir outros saberes, histórias não contadas, e passamos a transitar em um mundo novo, virtual, tão irreal. ao fim hoje isso se tornou normal, para muitos de nós e a ciência através da vacina amenizou o medo, acalmou e possibilitou o que se denominou - novo normal. Normal?

Agora é 2021, um ano e alguns meses se passaram e voltamos a ocupar do mesmo jeito a Terra, não aprendemos quase nada, possibilitou que sim muitos dos apagamentos e silenciamentos fossem ganhando espaço nas mídias e assim adeptos as suas causas; mas continuamos consumindo muito mais do que teríamos direito, circulando protegidos pelas ruas que voltamos a tomar como nossas, a não enxergar a imensa diferença social, avassaladora; voltamos a devastar, usar, sujar, não cuidar a que continua gritando aos nossos ouvidos: Parem, cuidem de mim, me acalantem. Ah! Os muito, muito ricos e poderosos já buscam outros planetas para viver, nos deixarão os que a essa classe não pertence, por aqui nesta Terra devastada; porque não estamos mais escutando o chamado dela, a mãe? Porque é tão fácil assim deixar de ouvir, porque me pergunto ...enquanto lá fora cantam os

passarinhos, balançam as árvores ao vento, e o inverno deste lado do planeta se faz frio. (Agosto, 2021)

Foz do Iguaçu, 06 de agosto de 2021

Adormecidas por séculos histórias, cantos, culturas de outras raças, de outros tempos em que a cor de sua pele não estava vinculada ao saber, a classe social, ao conhecimento moderno; nestes tempos palavra era contrato feito, garantia dada, mas isto foi já a tanto, tanto, tanto tempo que ficou lá encastelado nos subterrâneos do palácio da Bela que adormecida espera o príncipe a acordar. Virá ele?

Outros tempos, já não se esperam príncipes, princesas somos todas, todes que lutam e buscam novos parâmetros que desconstruam histórias inventadas, estórias únicas que trazem o masculino salvador, branco, rico, sábio, herói.

Nestes tempos em que a palavra falada anda fraca, em que a escrita é o que vale, que fazer; ativismo epistêmico. Ocupemos a academia-castelo, encastelada, e com nossas palavras poesia, arte, façamos a revolução, o acordar, que o pensamento del amanecer, auroral, traga uma nova luz e ilumine de muitas cores ao pensamento adormecido, que nada vê, nada ouve, nada sente a não ser o que lhe tocar ver, ouvir, sentir; um único padrão tonal - heteropatriarcal, racista, homofóbico; onde cabe um só tipo de família - patriarcal, um gênero dominante - masculino, uma cor - branco, uma história - a do conquistador, um saber - ocidental...Que toquem os tambores e atabaques, cantem os galos do terreiro, pulsem os corações sensíveis, abram-se as bocas e ouvidos atentos para os mil toares; em roda ao redor do fogo vamos escutar a história não contada e sacudindo o corpo, dançando, cantando, reconstruindo a alma, reconectando a nossa natureza própria um dia adormecida, silenciada, mas não apagada; estava aqui sendo passada de uma para outra, estas bruxas, feiticeiras, mães de santo, parteiras, artesãs, mulheres e quem com elas vem junto; que contam, cantam, se unem pelo bem seu e dos seus, elas que não deixam o mundo ser totalmente perverso, encontram resistência no fazer com as mãos, com o corpo e com estes simples e singelos cantares para adormecer.

Acalantos.

Foz do Iguaçu, 26 de agosto de 2021

O manto Invisível um poder desejado quando era criança... agora parece ser uma triste ideia esta de se atravessar multidões e espaços sem ser percebida, notada; passo a perceber o que um manto invisível pode fazer a um povo e a sua cultura; a um indivíduo e a sua vida; aos muitos e muitas que invisíveis passam a fazer parte de uma sociedade que não os vê.

Invisível a que nas ruas anda a esmo, que vive em miséria fome, à margem.

Invisível que abandona sua cultura, língua, saberes e ainda assim não pertence, não é, não existe.

Invisível este manto que apaga histórias, vidas e sonhos...

Tornar-se invisível não deveria ser um poder dado aos personagens de histórias infantis, desenhos, quadrinhos, que traziam este como um grande modo de se fazer o que fosse desejado sem ser visto.

Hum, mas quem sabe é mesmo um poder?

Pois um dia este manto pode vir a cair e os que embaixo dele se mantiveram observando sem serem vistos, saberão exatamente o que fazer...

Passo a desejar que um vento forte, de natureza boa, venha soprar e faça cair o manto, este que torna invisível aos muitos e muitas que com ele foram en-volvidos, en-vol-vidas; este seria o real des-envolvimento. Atenção aos ventos que sopram, eles vem das boas sementes há muito sonhadas, sem que percebam os que não estão por ele encobertos; crescem e se fazem visíveis.

Hoje 26 de agosto os povos originários de diferentes etnias e os que com eles lutam estão em Brasília, invisibilizados pela mídia hegemônica, andam nas ruas da capital federal, em frente ao Congresso Nacional tocando seus maracás, trazendo nas mãos em faixas escritas o seu pedido de #não ao marco temporal, vistos através das mídias alternativas e de seus perfis nas redes sociais, fazem o manto balançar; a mãe Terra os acompanha nessa marcha de busca que é para ela um acalanto, preservar as suas matas, florestas, águas, lugares, riquezas da flora, fauna, minerais e animais; assim se movem em cantos, rituais e danças os que seguem abrindo e preservando caminhos que muitos não querem ver, se apresentam os que "seguram o céu" e levantam o manto com o sopro do vento bom de suas vozes em forma de canto; acalanto.

*O vento⁸⁹**Dorival Caymmi**Vamos chamar o vento**Vamos chamar o vento**Vento que dá na vela**Vela que leva o barco**Barco que leva a gente**Gente que leva o peixe**Peixe que dá dinheiro, Curimã**Curimã ê, Curimã lambaio**Curimã ê, Curimã lambaio**Curimã**Curimã ê, Curimã lambaio**Curimã ê, Curimã lambaio**Curimã**Vamos chamar o vento**Vamos chamar o vento**Vento que dá na vela**Vento que vira o barco**Barco que leva a gente**Gente que leva o peixe**Peixe que dá dinheiro, Curimã**Vamos chamar o vento**Vamos chamar o vento*

⁸⁹ Dorival Caymmi - O Vento- Disponível em <https://youtu.be/RJWPjpFnCZ0> acesso em 20 setembro 2021.

3. RITUAIS DIALÓGICOS

As crianças são uma espécie de elo entre essa dimensão histórica do passado e o presente das comunidades. São não o símbolo de seu futuro, mas a expressão de sua continuidade no presente. Desse modo, diferentemente da criança de Zaratustra, que é um novo começo, a criança para o pensamento tradicional africano é a marca da continuidade, uma expressão da ancestralidade. Ela nem é nova e nem começa. Ela segue. Mas não segue monotonamente. Ela segue em inversões, deslocamentos, fissuras. Inclusive da própria temporalidade.⁹⁰ (FLOR DO NASCIMENTO, wanderson, 2018, p. 592)

⁹⁰ FLOR DO NASCIMENTO, wanderson. temporalidade, memória e ancestralidade: enredamentos africanos entre infância e formação. In: RODRIGUES, Allan de Carvalho; BERLE, Simone e KOHAN, Walter Omar. (orgs.) *Filosofia e educação em errância: inventar escola, infâncias do pensar*. 1 ed – Rio de Janeiro: NEFI, 2018, p.583 - 595. Disponível em [filosofia e educação em errância: inventar escola, infâncias do pensar](#) acesso em 10 de novembro 2023.

RITUAIS DIALÓGICOS

Tempo de elaborar a palavra, sistematizar e potencializar aprendizagens de forma dialógica, problematizar os temas geradores, criar uma consciência crítica e comunitária. Os rituais dialógicos tem como referência a educação dialógica de Paulo Freire e a educação biocêntrica de Rolando Toro Araneda; seus princípios de respeito a todas as formas de vida que conformam o Universo, a Terra, e a construção de vínculos afetivos em relação a diversidade, do homem e da natureza; direcionam a práticas que levem a autonomia, a emancipação, possibilitando a que pessoas, animais e natureza convivam em harmonia, seguindo a ética do viver bem e do cuidado coletivo. É uma troca de saberes e fazeres, é diálogo, conversa em roda. É a *Reivenção da Roda da Vida* nome que dá Lillian Pacheco a seu livro. (PACHECO, Lillian, 2006)

Digo roda mas neste momento podemos, apesar de tratar de conteúdo, palavra que remete a grade curricular, estar presos na cadeira sentados, mesmo que em roda... Aqui esta prática não necessariamente precisa acontecer na sala de aula, pode, mas também acontece embaixo de árvores, em caminhadas de conversa, em saraus literários, feiras de saberes, seminários e painéis dialógicos, dramatizações, rodas da vida e das idades, de contação de histórias, de cantos, de causos, de mitos, mostra de imagens, desenhos, pinturas, grafites, experiências com cheiros, folhas, sabores... Tudo o que desperte o querer saber, a curiosidade, que dê direito a palavra que não é única, de um conhecimento voltado para algo distante do seu lugar, traga este, mas traga também o saber cotidiano, das coisas simples da vida, destes fazeres que constroem mundos, deste universo diverso; e assim puxando o fio da conversa chegaremos a construção da partilha.

Lillian diz: *“Coragem é a força de falar com o coração”*

O coração tá com medo, vergonha, a gente canta, é coragem.

A cantiga é “guiança”, leva a gente”. E assim fui sendo levada...

A roda seguinte denominei Troca na roda, são duas, uma grande e outra pequena, que ao escrever foi grande também se tornando, a palavra puxa pensamento, e cria este ritual dialógico, a princípio converso eu e os livros, as lives, os seminários, tudo virtual... fique a vontade para discordar, trazer outras palavras,

puxar conversa, faça uso do conteúdo se algum por aí encontrar, faça seu próprio diálogo, deixe-se levar. Aqui não tem cantiga de ninar, tem palavreado sobre ela, pensado, puxado, escutado, vivido, solto ao vento para virar semente.

RODA - A TROCA na RODA

A Troca da Roda" (Bertold Brecht)⁹¹

*Estou sentado à beira da estrada,
o condutor muda a roda.
Não me agrada o lugar de onde venho.
Não me agrada o lugar para onde vou.
Por que olho a troca da roda
com impaciência?*

Porque roda parece ser algo popular, aberto a quem nela quer entrar e círculo me lembra algo fechado, para poucos, erudito. Uma é folclore, outro é cultura?

Deixo aqui dois relatos que me movem neste caminhar, um está na plataforma física do livro e o outro na virtual das redes sociais do Instagram, mas usam ambas as palavras escritas e marcadas no papel, no ar, na nuvem, e que ao ler vai construindo o imaginário das cenas relatadas, o encantamento que as palavras trazidas de dentro do pensamento proporcionam, às vezes parecem conversas de roda, quando falam de sentimentos vividos.

A Resistência

...Chegou ao quartel do Segundo Exército para ver a filha de cabeça erguida, passos fortes e ar de líder. Se estava intimidado ou constrangido, ninguém percebeu. À sua passagem todos bateram continência. Levava dois livros, barras de chocolate e desespero em todo o seu ser. Ninguém percebeu. As Armas lhe tinham concedido licença e também a garantia de que sua filha não sofreria nenhuma tortura e que o neto nasceria fora da Oban. Não sabiam onde, mas garantiam a integridade e a liberdade de quem estava por nascer. Dos advogados, filha e genro, isso já era outra história, não podiam ter complacência, os dois conspiraram contra a pátria a defenderem inimigos do regime. Em outro país sua execução seria sumária. Não puderam abraçar-se, pai e filha, apenas tocaram-se as mãos através das grades, ela chorava muito, ele impassível. Não trocaram uma única palavra, mesmo com os militares postados a distância em atitude respeitosa. Palavra alguma podia expressar a dor, o sofrimento, a angústia daquele momento. Quando ela abriu os livros, os dois de poesia, muitos versos estavam grifados em amarelo brilhante e fosforescente de modo a serem legíveis até mesmo no escuro. Falavam de esperança, de recomeço, de nascimento, de liberdade.

Ao sair, face mais vincada do que quando entrou, cabeça erguida, passos fortes e ar de líder, o general ouviu a filha cantando a canção de ninar que ele lhe cantava na infância. À sua voz juntaram-se outras vozes. Ele ouviu

⁹¹ A Troca da Roda. Disponível em <https://www.recantodasletras.com.br/poesias-traditionalistas/3271290> acesso em 13 de setembro 2021.

de longe e o coração apertou, eram muitas vozes, vozes de quem se acreditava lutando pela pátria. Se saíssem vivos dali, nenhum sairia ileso. Mesmo assim ficou mais aliviado, a filha e o genro não estavam sozinhos. Seu neto nasceria em liberdade. Altivo, ergueu os ombros que lhe pareciam carregar o peso do mundo e apertou o passo. No percurso até a guarita todos lhe bateram continência. Soldados não cantam canções de ninar...
(RODRIGUES, 2016, p. 16-18)

Esta narrativa encontra-se no livro A HIDRA escrito pela pedagoga, jornalista e psicóloga Marlene Rodrigues, traz os relatos não fictícios de pessoas que conheceu ou das quais ficou sabendo nos caminhos da Resistência, são histórias de vida de pessoas cujas identidades foram preservadas, que lutaram no período da ditadura militar brasileira, vigente de 1964 a 1985, resgatam com sensibilidade realidades vividas por quem lutava pela liberdade, como conta a autora: "O Brasil inteiro sussurrava..." Penso, assim também adormecemos os pequenos, contamos segredos, fazemos resistência, a dos sussurros, quando nos pensam calar, silenciar.

Josefa Lacárcel, pesquisadora e autora de estudos sobre a psicologia da música e educação musical, nos diz que a música conduz a uma harmonização do estado de ânimo e dos sentimentos, também ocasiona um efeito de retroalimentação, despertado ao escutar; traz a tona a emoção guardada e reafirma sentimentos, afeta o nível psicofisiológico e emocional, estimula o pensamento positivo, modifica as endorfinas e as células C do organismo que fazem parte do sistema imunológico. ...Son de especial relevancia como vemos, los matices emocionales que despiertan en el individuo los componentes de la música en situación de relajación, en estrecha relación con la actividad de las ondas alfa. (LACÁRCEL, 2003, p.223) Assim retroalimentados de um sentimento que a eles pertencia, vínculo construído na relação do embalo, do cantar para relaxar, adormecer, pai e filha se fortalecem. Canções de ninar tem poder!

O relato a seguir encontra-se na plataforma digital Instagram no perfil @preta.velha (https://www.instagram.com/p/CR_bM90rWEg/) e me foi indicado por Luciana Soares da Silva, a quem conheci em uma disciplina, Alterciência, realizada virtualmente neste ano pandêmico de 2021, no Diversitas da USP. No caderno temático⁹² realizado como avaliação final do curso Luciana escreve "... Falo de livros

⁹² *Alterciência - proposições críticas e processos criativos* / Organizadores: Paulo Daniel Farah, Artur Matuck e Rosane Borges. Embu das Artes, SP: Alexa Cultural; Manaus, AM: Edua, 2022. Disponível

e de negros porque trabalho há vinte anos no mercado editorial, mas que negros vi nos livros que ajudei a produzir?"

Luciana é editora da @aziza que publica exclusivamente autores negres. <https://www.instagram.com/azizaeditora/> Nesta troca sobre nossas pesquisas para construir o caderno temático ficamos envolvidas com os temas uma das outras e seguimos assim na partilha ao encontramos algo que pensamos ser talvez aproveitado pelas colegas; foi desta forma que me chegou esta postagem:

O ACALANTO QUE NOS FOI ROUBADO

Há tempos a ciência de estudos de mecanismos do sono tem investigado a arte de dormir bem. Eu que sofro de insônia busco a cada dia me aprofundar nesse assunto já que me é de extremo interesse conseguir descansar a noite.

Numa dessas buscas me deparo com alguns estudos que trazem a seguinte revelação: a população branca colonial brasileira aprendeu a dormir bem com as pretas velhas que serviram como amas de seus bebês. Foram elas que trouxeram das tradições africanas uma incrível tecnologia chamada ACALANTO.

Foram essas mulheres que por séculos não tiveram a chance de ninar seus filhos, aquelas que ensinaram o sentido de carinho, embalo, calor materno, aconchego e amor para as crianças brancas. Foi assim que se popularizou a cantiga de ninar, as histórias de tradição, as línguas africanas ainda hoje tão fortes no imaginário social brasileiro.

Acalantar significa trazer paz, aquietar o corpo e a mente, dar esperanças de uma boa noite repleta de sonhos. Isso nos foi roubado! Nossos corpos foram condenados ao desamparo, à falta de carinho e delicadeza, à inexistência da esperança e ausência do calor materno.

É por isso que hoje, nós mulheres negras, comemoramos tanto o fato de poder cuidar de nossas crias, muitas vezes priorizando o zelo ao bebê em detrimento do trabalho externo ou de dentro de casa. É por isso que hoje nos é tão caro poder amamentar, ninar, cantar para adormecer nossos filhos. É por isso que o resgate dessa tecnologia ancestral nos é tão importante pois sabemos que o privilégio de ter uma mente tranquila, de dormir bem, de sonhar com coisas bonitas e projetar realidades é fundamental para a destruição das bases estruturais da branquitude.

Penso sobre tudo isso enquanto escrevo para a edição de aniversário do @mjournal.online (31 de julho de 2021)-@preta.velha

Em tempos virtuais de tanta tecnologia Nathalia Grilo⁹³ (@preta.velha) traz o

em https://ppghdl.fflch.usp.br/sites/ppghdl.fflch.usp.br/files/inline-files/Alterciencia_Proposicoes_Criticas_e_Processos_Criativos.pdf acesso em 24 de agosto de 2023.

⁹³ Nathalia Grilo Cipriano é pesquisadora das culturas negro-africanas e atua como produtora e educadora desenvolvendo e realizando atividades para adultos e crianças em todo Brasil. Idealizadora dos projetos Ayó Encontro Negro de Tradição Oral, Festival Instrumental Mulambo Jazzagrário, Música&História e Elegbá Ojà, também é sócia na produtora de animação Estúdio Roncó. Lançou recentemente a Revista diCheiro, publicação online que dissemina conhecimentos acerca das culturas tradicionais africanas.

acalanto como uma antiga tecnologia, incrível, apresenta primórdios do que aconteceu com tudo aquilo que era do Outro, que aqui chegou escravizado, o que serve aos "donos da terra" é então incorporado, roubado; assim como os corpos, as palavras, os fazeres, os saberes e tudo sendo assim renomeado, ressignificado, repadronizado, reordenado; é preciso recuperar, fazer ressurgir, resgatar o que foi retirado dos que nunca foram repatriados, nossa África é aqui.

No dia 25 de maio celebra-se o Dia Mundial da África, dia em que foi criada, no ano de 1963, a União Africana, organização política que visava o fortalecimento das lutas de libertação e independência dos países africanos. Evocando o princípio da liberdade e igualdade de direitos para todos os povos é que apresentamos neste dia, no canal do youtube da Sanzala Cultural, o espetáculo Orikiyabás. Entre as paredes da Igreja da Barroquinha, abrigo de alguns dos muitos fundamentos que sustentam a cidade de Salvador, Mateus Aleluia refaz com seus cantos, a história dos africanos que chegaram à Bahia. Através da música, fogo que molda ou modela a alma, saudamos os ares, os mares e o chão, forças femininas que plantaram aqui a semente de futuras nações. Forças em equilíbrio que nos abrigam e nos erguem - templos que somos - um a um, diante da mãe-natureza.

Para afirmar toda a grandeza que nos ultrapassa e através da qual seguimos caminhando, transpondo as maiores distâncias - com a certeza que haverá chão para nossos propósitos - é que louvamos com nosso canto as Iyabás: entidades femininas dos cultos africanos refeitos em terras brasileiras.

OrikiYabás _ Um canto para as Iyabás [por Mateus Aleluia]⁹⁴

Re-ver, Re-sentir, Re-conectar; Re-conhecer, Re-partir; quem acalanta esta Terra, a mãe. Gira o mundo, roda a vida!

⁹⁴Você pode escutar aqui [OrikiYabás _ Um canto para as Iyabás \[por Mateus Aleluia\]](#) recomendo, mas sou suspeitíssima.

RODA PEQUENA - TENTILHÃO é ACALANTO

*Deita, filho
 E constrói teu sono
 O medo já vem
 Fecha os olhos dos ouvidos
 Faz escuro aos ruídos
 Amortece o brilho desse som.
 A angústia gira muda
 No longplay sem sulcos
 Da noite sem insónia
 Dorme filho
 Faz silêncio na Amazónia
 Millôr Fernandes*

acalanto (derivação regressiva de acalantar) s. m.

1. Acto. Ato. Ato ou efeito de acalantar. = ACALENTO
2. Aconchego, carícia, afago.
3. Cantiga para embalar. = ACALENTO, NINA
4. [Ornitologia] O mesmo que tentilhão⁹⁵.

Pesquisar é ir como que "voando" de galho em galho e assim não mais que de repente se avista algo que brilha, que chama a atenção; e foi em um destes instantes voadores que descobri que acalanto é também o nome científico de um pássaro, mais conhecido como tentilhão, pássaro pequeno, de coloração muito viva e de canto agradável. E como curiosidade leva a puxar fios soltos, puxei um e outro, me perguntando, mas que passarinho é este? Vou aqui fazer breve resumo dos passos por onde andei, parece até meio loucura mas passarinhei, e o que encontrei deixarei nas referências para quem este caminho quiser ousar ir, não sei se acadêmicas são, mas fazem essa ligação-relação entre mundos que separados foram por diferentes serem, bichos e homens, os que não pensam nem falam dos que muito pensam e como falam; mas alguns destes que pensam dizem que eles falam; bem os passarinhos cantam.

Descobri que os tentilhões foram objeto, argumento de pesquisa, da teoria da evolução das espécies de Darwin, que observou detalhadamente o habitat,

⁹⁵ Disponível em <https://sentimentoepoesia.wordpress.com/2012/05/06/acalanto/> acesso em 13 de set. 2021.

morfologia e comportamento dos pássaros, que segundo ele derivaram-se de uma espécie primeira vinda da América do Sul para ilha de Galápagos, originando 13 espécies, semelhantes porém com características do bico diversas que se alimentam e vivem em ambientes ecológicos diferentes, dentro da mesma ilha, e usam do canto de acasalamento também diverso, conforme o ambiente; bem este estudo é outra história ... Estes pássaros cantores vivem em bandos numerosos e são encontrados atualmente nas Américas e África, são centenas de espécies, certamente você conhece uma delas, são canários, cardeais, pintassilgo e os famosos pardais.

Quanto a eles, os pardais, estão geograficamente distribuídos em quase todo o mundo e dividem-se em dois grupos principais: os do Velho Mundo e os do Novo Mundo.

E o interessante é que estes do velho mundo, conhecidos como pardal-inglês, são considerados uma peste, agressivos e barulhentos, roubam o ninho dos azulões e outras aves canoras. O que me lembra outros "pardais" que por aqui nas Américas aportaram.

Já os do novo mundo são conhecidos por seus cantares, entre eles estão o cardeal-de-crista-vermelha, pardal-da-savana, pardal-de-árvore-americano.

Pássaros voam...

Voar é um dom que te dá a música e os sonhos; voar como os pássaros, livres, que a noite se aninham em seus ninhos; e ao amanhecer arrulhando, nos acordam a nós dos sonhos, estes de voar.

Cantar é um dom dos pássaros que nos fazem sonhar com a arte de voar, liberdade.

*Passarinho, passarinhozinho,
Leva pro seu ninho um raminho de alecrim
Mostra para mim um bom caminho,
Passarinhozinho do raminho de alecrim
Passarinhozinho⁹⁶*

⁹⁶ Você escuta aqui <https://youtu.be/d31kAnDpZ80> traga sua criança para escutar.

Ouvidos atentos, passarinhos cantam. E se cantam os pássaros cantarão também as formigas? O que cantam as formigas? As que pela terra rastejam, que vivem nos subterrâneos, que trabalham em comunidade, que carregam peso muito maior do que o de seu corpo, trabalhando, trabajando...

Iniciei com passarinhos e agora entre estes fios emaranhados lembro as formigas, formigueiros e imagens dos garimpos me chegam sem querer, pois pensamentos também voam; ontem GretaThunberg⁹⁷ falou que os olhos do mundo estão na Amazônia, " *Se nós perdermos a Amazônia, provavelmente iremos perder todas as possibilidades de alcançar o Acordo de Paris.*" Joseca Yanomami, tem suas obras expostas em Paris, apreciadas agora, em 2021, na China, dando continuidade ao projeto Árvores⁹⁸, da Fundação Cartier, que apresenta mais de 200 obras de quase 30 artistas, latinos, europeus, asiáticos; diferentes manifestações que trazem estampadas o olhar dos que são inspirados pelo mundo natureza. Arte é ciência!⁹⁹

Joseca¹⁰⁰ inspirou outros como Ehuana Yanomami e Kalepi Sanöma que também apresentam ao mundo o conhecimento dos povos da floresta, usam desta arte ferramenta na defesa dos seus direitos territoriais e culturais. Joseca Yanomami desenha os parentes, os animais, as árvores, os passarinhos... Ehuana é professora, artista, artesã , pesquisadora, liderança na comunidade Watoriki, mesma

⁹⁷ Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/09/10/no-senado-greta-thunberg-diz-que-atuacao-de-lideres-do-brasil-no-meio-ambiente-e-vergonhosa.ghtml> acesso em 11 set. 2021.

⁹⁸ Projeto Árvores - Disponível em <https://conexaoplaneta.com.br/blog/artistas-yanomami-expoem-obras-em-mostra-internacional-em-xangai-na-china/> acesso em 11 set. 2021.

⁹⁹ Manual dos remédios tradicionais - Disponível em <https://acervo.socioambiental.org/acervo/publicacoes-isa/manual-dos-remedios-tradicionais-yanomami> acesso em 11 set. 2021.

¹⁰⁰ O artista, nascido na década de 1970 na região do Demini, Terra Indígena Yanomami, localizada entre os estados do Amazonas e Roraima, se tornou o primeiro estudioso de línguas e professor da comunidade Watoriki, no início dos anos 1990. No começo dos anos 2000, Joseca foi o primeiro Yanomami a trabalhar na área da saúde. Nessa época, ele também começou a esculpir animais notáveis em madeira e a desenhar. Em 2020, uma intervenção artística no Congresso Nacional com desenhos de Joseca, marcou o encerramento da campanha #ForaGarimpoForaCovid, com a entrega de uma petição de mais de 400 mil assinaturas a deputados federais e outras autoridades. Obras de artistas Yanomami são exibidas em Xangai, na China: <https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/obras-de-artistas-yanomami-sao-exibidas-em-xangai-na-china>

aldeia de Davi¹⁰¹... Kalepi ilustra de forma fiel a floresta e seus habitantes, preserva na imagem o que atentamente observa, as relações ecológicas da floresta: "Nunca um pássaro estará comendo uma fruta que não costuma comer".

Em 2020, em meio à pandemia, o garimpo ilegal avançou 30% na Terra Yanomami, segundo relatório da Hutukara¹⁰². Somente no rio Uraricoera, concentra-se 52% da área devastada. Nos primeiros meses deste ano já foram contabilizados o desmatamento de cerca de 200 campos de futebol. (Alerta Yanomami, 19 de julho de 2021. Obras de artistas Yanomami são exibidas em Xangai, na China)

Ontem, 10 de setembro, às mulheres indígenas faziam sua II marcha trazendo como tema, lema: "Mulheres originárias: Reflorestando mentes para a cura da Terra"

Assegurando e defendendo territórios e os modos de ser e nele estar, para além de ocupar, de ser recurso, mas local de morada de todos os seres, os que pensam, não falam e os que falam, pensam, cantam, dançam garantindo a vida na Terra. Ancestral.

Quem Acalanta esta Terra?

Fala de bicho, fala de gente escrito pela musicista e pesquisadora Cristina Fargetti com a colaboração de Marlui Miranda, unidas pelo amor a música registram este gênero musical tão pouco estudado: as cantigas de ninar, trazem por desejo dos Yudjá, habitantes do Parque Indígena do Xingu, também conhecidos como povo juruna, os sons deste universo cósmico, traduzidos para partitura, falam desses que chamam bicho-gente, entes misturados.

Resgatam as cantigas de ninar, marcam tempos e corporalidades, trazem através das canções as memórias e para que não mais se deixem de cantar, registram.

Também Magda Pucci e Berenice de Almeida, pesquisadoras e educadoras musicais, vem desde longa data buscando os saberes dos povos indígenas de diferentes etnias; apresentam seu trabalho em livros, oficinas, escolas, ensinando e

¹⁰¹ Biografia de Davi Disponível em <https://www.survivalbrasil.org/davibiografia> acesso em 11 set. 2021.

¹⁰² Cicatrizes na Floresta: Evolução do garimpo ilegal Terra Yanomami em 2020. Disponível em <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/prov0202.pdf> acesso em 11 de set. 2021.

aprendendo, perpetuando, trazendo relevantes informações musicais sobre os Krenak, Kambeba, Guarani, Paiter Suruí, Xavante, Yudjá, Ikolen Gavião, Kaingang e povos do Rio Negro, conduzindo a reflexão sobre o grande desconhecimento da sociedade brasileira em relação aos povos originários.

Para aprender há que se vivenciar, fazer conexão, integralizar, uma vez que a música no universo indígena permeia os fazeres do cotidiano, é de transmissão oral, ritualística, nada formal, desta maneira para se chegar aos que a este viver não pertencem tem de se fazer propostas ricas e interdisciplinares, baseiam-se para isso em três eixos principais, são eles: escuta, prática musical e contextualização.

Magda e Berenice, disponibilizam no site <https://www.cantosdafloresta.com.br/> o repertório, atividades, áudios, partituras, propostas didáticas, jogos, brincadeiras deste universo, para quem por ele se interessar, quiser adentrar a floresta. Trarei aqui um exemplo, o da formiga, ela canta.

Canto da Formiga

Canto da Formiga – Cantos da Floresta

<https://www.cantosdafloresta.com.br/audios/canto-da-formiga/>

PÉNKRIG FI TYNH KÃME (penkri fitancam) (Kaingang)¹⁰³

Baseada na versão de Jagtyg (Zílio Salvador)

¹⁰³ O povo Kaingang vive nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul e tem uma população de 33.064 (Funasa, 2009) vivendo em 30 Terras Indígenas. Eles falam a língua Kaingang, da família Jê, do tronco Macro-jê. Uma das características próprias dos Kaingang é que toda sua vida social, ritual e cotidiana está organizada em duas metades: Kamé e Kairu. A música e suas narrativas também seguem esses princípios. Os animais também são classificados como Kamé e Kairu e seu canto é chamado de Jê. Os Kaingang possuem um ritual importante chamado Kikoi (ou Kiki) e acreditam que, nos tempos antigos, eram os animais que faziam essa festa do Kiki, o Kikikoi. Naquele tempo, cada animal tinha seu canto. Ao redor do fogo, eles tomavam o caxiri kiki e cantavam suas melodias (Nascimento, 2009). Mais informações sobre os Kaingang no livro Cantos da Floresta e no site Portal Kaingang. Disponível em <https://www.cantosdafloresta.com.br/povos/kaingang/propostas-didaticas/ouvindo-e-cantando-cantiga-da-formiga/>

Letra em Kaingang	Ã ne tetĩ nĩ (4x)
Ã ne tetĩ nĩ (4x)	Pronúncia
Isỹ ãn tětã ãg tynyn jã	andê teti ni (4x)
ven kỹ	eixa un tentê, on tendnio betkã
kỹ ta inh mỹ há tĩg nĩ	cata in mã rrê tin
kỹ ta inh mỹ há tĩ	cata in mã rrê tin
Isỹ ãn tětã	eixa un tentê tiia tindimbru co tin
ty jag tynyn mru kon tĩn kỹ	cata in mã rrê tin
kỹ ta inh mỹ há tĩ	andê tetini (4x)

Esse canto Kaingang conta a felicidade da formiga ao ver a moça socando milho, pois poderá comer os farelos que caem do pilão e alimentar seus filhos durante o inverno. A primeira frase é repetida várias vezes, como um refrão que estrutura a cantiga. O cantor se expressa livremente e a melodia segue a métrica do texto, que pode alongar ou encurtar a frase musical. Preste atenção na pronúncia mais aproximada da língua kaingang, é necessário ouvir muitas vezes as gravações, pois há sons nessa língua que não existem no português.

Ouvindo e cantando a cantiga da formiga – Cantos da Floresta
<https://www.cantosdafloresta.com.br/povos/kaingang/propostas-didaticas/ouvindo-e-cantando-cantiga-da-formiga/>

Assim fui aos poucos também eu conhecendo mais sobre os cantos e cantares dos povos que estas terras habitavam bem antes destes do velho mundo aqui chegarem, uma outra roda maior falará sobre estas canções de ninar dos povos da floresta e uma outra grande roda versará sobre educação não formal. E de roda em roda ... termino lembrando uma canção do Chico, não o rio, o Buarque.

Roda Viva

*Tem dias que a gente se sente
 Como quem partiu ou morreu
 A gente estancou de repente
 Ou foi o mundo então que cresceu
 A gente quer ter voz ativa
 No nosso destino mandar
 Mas eis que chega a roda-viva
 E carrega o destino pra lá*

*Roda mundo, roda-gigante
 Rodamoinho, roda pião
 O tempo rodou num instante
 Nas voltas do meu coração*

*A gente vai contra a corrente
 Até não poder resistir
 Na volta do barco é que sente
 O quanto deixou de cumprir
 Faz tempo que a gente cultiva
 A mais linda roseira que há
 Mas eis que chega a roda-viva
 E carrega a roseira pra lá
 Roda mundo, roda-gigante
 Rodamoinho, roda pião
 O tempo rodou num instante
 Nas voltas do meu coração*

*A roda da saia, a mulata
 Não quer mais rodar, não senhor
 Não posso fazer serenata
 A roda de samba acabou
 A gente toma a iniciativa
 Viola na rua, a cantar
 Mas eis que chega a roda-viva
 E carrega a viola pra lá*

*Roda mundo, roda-gigante
 Rodamoinho, roda pião
 O tempo rodou num instante
 Nas voltas do meu coração*

*O samba, a viola, a roseira
 Um dia a fogueira queimou
 Foi tudo ilusão passageira
 Que a brisa primeira levou
 No peito a saudade cativa
 Faz força pro tempo parar
 Mas eis que chega a roda-viva
 E carrega a saudade pra lá*

*Roda mundo, roda-gigante
 Rodamoinho, roda pião
 O tempo rodou num instante
 Nas voltas do meu coração
 (Chico Buarque, 1967)*

Outros tempos, outras vozes... e de música em música vejo que muitas são as que podem ser usadas para adormecer, esta talvez os ânimos, lançada em 1967, tempos de ditadura, cada vez mais repressiva, se avizinhava tempos ainda mais duros, censura, impotência, opressão, desesperança, e a roda a girar, a girar...sufocar. Ar.

Ai que tempo é este meu Deus? E lá vem outra canção que aprendi com Lillian, que aprendeu com Márcio, que aprendeu com Carica do grupo Nzinga, que aprendeu com Janja que aprendeu com Tata Muta Imê, e que assim passando e

reverenciado não vai para o baú comum chamado domínio público, o que parece fazer ser entendido como não ser mais necessário lembrar o nome do autor da obra. Neste caso vale muito colocar na roda quem ensinou a quem, até onde a memória alcançar no tempo.

Na minha terra gira o Sol, Também gira a lua. Ô, que tempo é esse, Meu Deus?

Essa é uma cantiga que louva esse velho ermitão (o tempo, ou Kitembo¹⁰⁴), tão antigo e sábio quanto o universo, apresentando-o também como a grande interrogação filosófica que nos acompanha historicamente. E que, com todas as suas (e nossas) artimanhas, nos faz refletir sobre todas as coisas da vida. Que sem linearidade, nos interroga e busca dar um sentido e entender o passado, o presente e o que desejamos para o futuro de nossas vidas e para o planeta que habitamos...

E com a cantiga nos perguntamos o que precisamos pensar para podermos agir. Como nos relacionamos com a natureza? Como organizamos o espaço social em suas várias dimensões: tempo histórico, tempo político, tempo de bonança, tempo de madurez, tempo de intempéries, tempo de crises, tempo de saber escutar, tempo de buscar fontes confiáveis, tempo de afeto? O tempo nos constitui, como também, dialeticamente, o constituímos. E como todas as suas dimensões interferem em nossa vida e na vida do planeta Terra, e porque não dizer, no universo em si, o tempo pode nos trazer também a sabedoria necessária para uma intervenção consistente. (CORDEIRO ANTUNES, 2021)

E lá vem outro fio... de tempo; de identidade; de ir aquietando a mente; de fechar ideias e inconcluir pensamentos; de espera; de retorno.

Que tempo é esse, Meu Deus? Seguimos... Ando como sempre, com mais perguntas que respostas, e quanto mais fios eu puxo, mais emaranhada me acho, ou não, talvez esteja só tecendo ideias, fazendo redes, desfazendo nós, quando pequena adorava o mito do Minotauro e a astúcia daquela que para achar o caminho da saída do labirinto usou o fio; uso um fio chamado acalanto, que na verdade prefiro chamar pelo seu nome popular, cantiga de ninar; e busco me desenrolar dos fios culturais eruditos e clássicos e me enrolar nestes coloridos trançares, teares que venho encontrando, me seguro na ponta procurando os monstros, estes Outros que assim me disseram quando pequena eram os que deveria manter afastados. Sou

¹⁰⁴ *Kitembo ou Tempo é um Nkise (um dos Deuses), na matriz congo angola. Kitembo é junção do ambiente natural (elementos e fenômenos da natureza) e espaço social (relação social dos homens com a natureza e com outros homens). Desta forma é que podemos pensar na complexidade que há entre Kitembo-Seres Humanos, em uma determinada cosmogonia ou modo de conceber pensar fazer sentir os modos de vida ou os modos de existir.*

filha da casa grande, nasci no privilégio, de corpo; mas minha alma escuta outras vozes, outros soares, levo dentro de mim este dito monstro Minotauro, ando em meu próprio labirinto; não tem saída, não tem resposta, tem caminhos muitos e este acreditar criança, estou no tempo infância, amoroso e revolucionário, dizia Paulo Freire, o mestre, tempo da revolução menina.

Ou talvez no tempo de Vadiar que o mestre da capoeira Gil Amâncio¹⁰⁵ habitante do “Ciberterreiro” nos fala no curso promovido pelo Bejiró¹⁰⁶ segundo ele é através da cosmovisão, do sentir o mundo e suas forças que os povos conversam, para ele a monovisão aprisiona todos os sentidos, deixando livre só a audição; como o corpo aprendente necessita da experiência poli vai ser no tempo largo; no tempo de “fazer nada”, no vazio, no entre, que se desperta o mistério. Tempo de Vadiar, que é o tempo da Cultura da Infância. Vadiar é o brincar da cultura afro-diaspórica. E o brincar é o vadiar da cultura da infância.

Diz ele: “A fala de Mangala é a manifestação destas forças, quando Mangala fala você ouve, vê, toca; todos os nossos sentidos percebem a fala de Mangala.” Ao entoar seu canto mangala desperta as potências criadoras do universo. Oralidade não é um falando com o outro, é perceber estas forças da natureza.

O tempo do vento, tempo das chuvas, tempo das flores... Ah, esses mestres !

" A minha vida não tem idade, tem tempo e por isso ainda é pequenina."

Vitorino Nemésio, poeta dos Açores, da Ilha Terceira.¹⁰⁷

O bisavô Simões de minha mãe veio de lá da Ilha Terceira, descobri há pouquíssimo tempo, puxando então outros fios, conversando com meus tios, para escrever a história de vida para esta roda da vida que é a pedagogia Griô,

¹⁰⁵Gil Amancio é um artista que habita as encruzilhadas. Daqui prá lá, de lá pra cá, sua atuação no Atlântico Negro, como artista e educador ganharam o reconhecimento da crítica nacional e internacional e vários prêmios. Desde 1976 quando entra na cena artística e cultural de Belo Horizonte suas criações são atravessadas pelas artes do som, da palavra, do movimento e da imagem. Ao longo de sua carreira criou projetos como FAN - Festival Arte Negra, Cia SeráQuê?, Sociedade Lira Eletrônica Black Maria, Coletivo Black Horizonte e o Coletivo de Cinema Coisa de Preto. Foi produtor musical do disco "Tá Caindo Fulô" das Meninas de Sinhá e da trilha sonora do filme "Uma Onda no Ar". Atualmente habita o "Ciberterreiro". Disponível em <https://musicahistorica.diamantina.com.br/gil-amancio> acesso em 27 de agosto de 2023.

¹⁰⁶ II Ciclo de Formação Erê Camará: Aula 4 - Gil Amâncio. Disponível em <https://youtu.be/vBvJrdVSYPo?si=03Zldgk-UBkv-Z-> acesso em 27 de agosto de 2023.

¹⁰⁷ Disponível em <https://folhadepoesia.blogspot.com/2014/04/vitorino-nemesio-1901-1978.html> acesso em 18 de set. 2021.

agradecida a quem a reinventou, Lillian Pacheco, sigo assim guiada por mestres e mestras da academia e dos saberes populares; entre acalantos e cantigas de ninar; sigo o embalo, navego nas ondas sonoras, atravesso tempestades, percorro águas nunca antes navegadas, aquieto a criança curiosa que teima em não me deixar dormir.

4. PRODUÇÃO PARTILHADA

Depois de traçar um panorama sobre o caos de devastação que vive o planeta hoje, tendo o ser humano como seu principal “meteoro”, Leonardo Boff apresenta duas atitudes diante desta situação: “podemos considerar uma grande tragédia previsível, ou podemos identificar que estamos diante de uma grande crise de civilização e temos que mudar. Ou mudamos ou morremos. Então, temos que mudar, pois não queremos morrer. Estamos dentro de uma grande crise, chegamos ao coração dela. Podemos aprender pela dor ou pelo amor. E precisamos aprender pelos dois caminhos ... a partir da busca de equilíbrio entre todos os seres humanos. Eis uma utopia necessária. Temos que nos unir e formar uma governança global.”¹⁰⁸ (BOFF, Leonardo, 2021)

¹⁰⁸ BOFF, Leonardo. *O doloroso parto da Mãe Terra: uma sociedade de fraternidade sem fronteiras e de amizade social*. Petrópolis: Vozes, 2021, 328 p. ISBN 9786557130131.

PRODUÇÃO PARTILHADA

É onde se traz para roda, para a comunidade, formal-escolar ou informal-conjunto de pessoas do lugar; o que foi construído, arquitetado, imaginado, idealizado, durante esta aula vivencial; é o produto cultural - científico - artístico - imagético - popular... São escritas, poesias, filmes, livros, cordéis, aula espetáculo, teatro, performance, dança, jogos cooperativos, de trilha, rádio web, Tivi Griô, feira, passeata.

São temas geradores que partem da espiral que gira em torno do modelo de ação pedagógica que busca por um projeto de comunidade, de bem comum, do todo envolvido, onde o cada um, uma, faz parte da construção da solução dos problemas que afligem a sua realidade próxima e questões mais amplas como direitos humanos, direitos da natureza, questões de cidadania; unindo o longe e o perto, fortalecendo-se como comum, fazendo parte do processo de *escrita* de sua vida e celebrando a vida bem vivida.

Como partilha, trarei aqui um breve relato dos trabalhos escritos para a academia, são vários, mas vou relatar um pouquinho sobre o de Gabriela Nobre Bins que escreve sobre o modelo de ação pedagógica como experiência de prática, também de Sor Vander e Márcio Caires.

E quanto aos Acalantos também um breve trilhar, em grupos como o Makuru que faz teatro com acalantos, Nélio Spréa e Isadora Canto.

Não é partilha como a feita junto, porém é partilha acadêmica; deixando referências para quem desejar seguir em frente e pesquisar, puxar estes que chamo fios, pois assim me disse ela Lillian, quando lhe disse: não conheço minha história de vida; me disse ela: puxe um primeiro fio que desenrola; mas esta é uma outra história, um dia faço esta partilha, parti...

*Adeus, adeus
que já vou m'embora
quem fica, fica com Deus
Que eu vou
Com Nossa Senhora*

*Você vai levar saudades
Pro lugar onde você mora*

PASSOS PARA (In)CONCLUSÃO

Aqui minha escrita é do nós, corpos em diálogo.

Pensamos, falamos, cantamos e contamos mitos e histórias, na oralidade mantivemos nossas forças e saberes, sábia-mente, sabidamente. Porém deixamos que nossos corpos adormecidos se tornassem territórios marcados por violências, machismos, racismos, sexismo, xenofobia, patriarcados, esta larga memória de destruição corporal, marcas de opressão fundadas desde a conquista deste continente América, Abya Yala. BASTA!!!

É hora de acordar o corpo e sair em busca de “desmarcar” nossos corpos; iniciando pelo corpo Mãe Terra, é hora de desadormecer, dar as mãos aos povos de todas as cores, em caravana andar ou a colorida bandeira levantar: Wiphala¹⁰⁹.

Que os ventos destes “moinhos de gastar gente”¹¹⁰ (Darcy Ribeiro) pare de soprar e comece a brisa suave que leve essa gente colorida a atravessar a linha abissal¹¹¹ (Souza Santos), nos levem a alçar vôos que nos façam ver nossa força.

Nos descobrir como este povo nada específico, nada homogêneo, essa gente que em suas particularidades, diversidades, possa encontrar outros processos que construam a história nossa, a diversa e coloridíssima, Pindorama, Abya Yala... nada comum; mas até então adormecida. Vamos cantar forte para acordar este povo, esta *povaria* toda. Vem pra roda vem!!!

Samba da Utopia

Jonathan Silva

<https://youtu.be/KDXX7m3iBzc>

Se o mundo ficar pesado

¹⁰⁹ Disponível em [Bolívia: o que é e o que representa a bandeira Wiphala | Jornalistas Livres](#) a bandeira ou pode ser também uma caravana que desde 1996, realiza viagens de intercâmbio cultural e educação ambiental pelas estradas da América Latina. “*Venha quem vier, de onde vier, mas que venha em paz. Planetas habitáveis são difíceis de encontrar*” Frase escrita na porta de Wiphala, o ônibus da Caravana Arco-íris no Brasil. [Caravana Arco-íris](#)

¹¹⁰ Na sua obra “O Povo Brasileiro” Darcy Ribeiro criou o clichê “moinho de gastar gente” Ver Ribeiro, D. (1995) O Povo Brasileiro – a formação e o sentido do Brasil. Cia das Letras. 2ª Edição São Paulo.

¹¹¹ Disponível em [“Há uma linha abissal”: reflexões sobre as epistemologias do Sul e a audácia de as cantar](#) acesso em 31 de agosto de 2023.

Eu vou pedir emprestado

A palavra **POESIA**

Se o mundo emburrecer

Eu vou rezar pra chover

Palavra **SABEDORIA**

Se o mundo andar pra trás

Vou escrever num cartaz

A palavra **REBELDIA**

Se a gente desanimar

Eu vou colher no pomar

A palavra **TEIMOSIA**

Se acontecer afinal

De entrar em nosso quintal

A palavra tirania

Pegue o tambor e o ganzá

Vamos pra rua gritar/*lutar*

A palavra **UTOPIA.**

O ritmo é o do coração, aquele que se escuta no ventre que nos nutre de vida.

Se o mundo ficar pesado/ Eu vou pedir emprestado
A palavra **POESIA**
Primeiro passo

Ontem, dia 16 de junho, fui assistir um coral que vinha de Buenos Aires, um projeto para crianças e jovens, a camerata Laudibus¹¹² traziam canções em espanhol, em língua dos povos originários e uma encenação, só vozes e um piano ao centro, se apresentaram na Igreja católica, matriz fundada em 1924, uns anos depois de constituída a cidade onde vivo, Foz do Iguaçu. Era uma noite fria.

Fui por curiosidade, porque gosto de música, e me surpreendi ao escutar uma das canções, foram se delineando imagens que não estavam na canção, cuja letra não conhecia e pouco também entendia; mas via os montes, as florestas, cavernas; o som que ia se transformando em cenas que possivelmente só eu via ou assim sentia. Talvez também o ambiente e a atmosfera criada com as luzes das finas velas que cada participante e ouvinte segurava; cuja cera não derretia pingando nos dedos, o que achei meio mágico, levou-me ao encantamento imaginativo de um tempo no aqui que remetia a um passado que não vivi mas que presente se fazia na imagem cantada.

Para mim hoje seria esta a síntese de um espaço poético que segundo a filosofia da imaginação vista na leitura de Bachelard desperta imagens que nos levam à imensidão do universo, onde a multiplicidade do que sei com aquela do que nada sei se misturam para trazer à tona o novo. Aquele momento que é único seu, cuja "faísca" determinante veio de algo que habita o seu ser racional mas que despertou o seu ser adormecido, o espaço do intocado que se apresenta como fruição - novidade essencial.

Este não saber ecoa, reverbera, é sutil, a imagem poética que habitou o momento, inesperada, chega de surpresa, arrebatada, é inexplicável; simplesmente se dá a ver quando se está com os ouvidos do olhar e o tato sonoro abertos, aparece como um "olor" no ar, abre o prazer do degustar e torna-se parte de nós.

A poesia assim como a música tem essa capacidade de nos envolver, levar

¹¹² Disponível em <https://www.h2foz.com.br/geral/matriz-sao-joao-batista-recebe-concerto-internacional-nesta-quinta-16/> acesso em 17 de junho de 2022


para o mundo da oralidade através do soar das palavras rimadas, ritmadas que nos embalam até o centro do mundo interior, realizando uma conexão existencial entre ser e estar, encontro nada racional, puro sentimento.

Disso trata também as cantigas de ninar, de embalo, que através dessa fruição, do contato da pele, tato e odores, do olhar de quem acalanta, da palavra cantada, vai apresentando o mundo a criança; que com todos seus sentidos aguçados sente-se amparada e segura, deixando-se assim levar inebriada ao sono, adormece e sonha; vai criando mundos, entendendo-se como um outro, diferente do ser uno com a mãe, percebe-se ao longo dos meses como ser pertencente a este mundo, em um ir e vir transcendental, entre o visível e o invisível, permeado pela relação de cuidado e afeto entregue neste embalar, cantar, ninar que também embala e acalanta a quem canta.

Na canção de ninar seria o sentimento: Presença/Segurança

<https://youtu.be/MN1IarWKQDo?si=BXB98OK6ZQxwR Ph>

De Dorival Caymmi Com participação de Alice Caymmi

 **Acalanto - Adriana Calcanhotto**

Se o mundo emburrecer/ Eu vou rezar pra chover

Palavra **SABEDORIA**

Segundo passo

Hoje li no livro Aprendizagem Transformadora de O' Sullivan uma citação de Marilyn Frye (2004, p.238) que resume, desenha em palavras, o que tento expressar desde que iniciei a pesquisa; a questão de raça, gênero, classe; os mil e um privilégios, raciais, sociais, educacionais, religiosos, políticos e todas as formas de opressão por eles gerado são e estão conectadas, vistas assim separadas, fragmentadas, não permitem alcançar o tamanho desta força, da violência que atinge e paralisa, retrai e faz pensar em estratégias de luta e enfrentamento de cada uma, mas não do todo. Assim lutamos como o que vê apenas um dos fios aramados da gaiola que prende o pássaro e não entende porque ele, o pássaro, não

escapa por outro dos lados deste fio que o prende; somente ao afastar-se do problema único percebe-se os demais fios que compõem esta gaiola e o motivo do passarinho estar preso e não conseguir sua liberdade; os fios ao seu redor estão conectados.

“Se você examinar muito cuidadosamente um único arame da gaiola, não vai conseguir ver os outros” (FRYE, 1983, p.4-5 apud O’SULLIVAN, 2004, p.238)¹¹³

A - COR - DAR seria este movimento de olhar os fios e o todo que em conexão te prende a um passado-presente, seria a força vinda do comunitário, da união, do pensamento conjunto; esta pesquisa tem um fio (a canção de ninar) que não se pretende uno, ligado a mil outros fios e outras linhas acredita poder ir “alinhando” ideias, trazendo pensamentos passados há muito escritos, ou presentes, recentes, descobertas novíssimas que chamam ao futuro, ir assim ligando os fios desta gaiola, que então em um repente rompe-se, desgastada pela força antes embotada pelo pensamento único, universal, hegemônico; se faz em mil e uma e muitas outras e se vê finalmente diversa, a gaiola abre-se; em um a-cor-dar com e para o múltiplo não mais fragmentado mas ali possível de se ver no complexo todo que por tanto tempo manteve adormecida as forças do pássaro na gaiola que apenas fazia sonhar, a-dor-mexido, acorda para um novo a-cor-de; pluriverso.

Não canso de falar, escrever, que não é científico o que trato, é das singularidades da vida essa que está ao redor, na oralidade, na escrita, na pesquisa científica e nos mitos, nesse todo que nos rodeia e nos liberta para a-cor-dados sonhar juntos, o mundo é um fazer comunitário, mesmo que a pesquisa seja solitária ela só existe graças aos muitos que antes por estes mesmos caminhos trilharam, abriram veredas e irrigam a terra de conhecimentos passados pelos ventos ou solidificados na escrita.

...criançar é o verbo que se veste, o cardápio é feito de brinquedos, toda comida tem sons, todo sonho pode ser tomado na vigília ou no sonho. Na ZEI a imaginação é habitada por crianças e criancistas, gente jovem, adulta e idosa que valoriza a infância e saberes das crianças. Zei¹¹⁴ é um lugar de

¹¹³ O’SULLIVAN, Edmund. *Aprendizagem transformadora: uma visão educacional para o século XXI*; tradução de Dinah A. de Azevedo. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2004.

¹¹⁴ ZEI - Zonas de Emergência de Infância - Renato Nogueira e Luciana Pires.

brincar e narrar. (NOGUERA, 2020, p.17 apud ALVES; MEDEIROS, 2022, p.19)¹¹⁵

Por um criança que nos faça revolucionar, transformar, ocupar estes nossos corpos-espíritos que teimam em seguir acordando esta criança viva, que alimenta em seu nascer constante, a esperança de um novo habitar desta Terra, mãe que sustenta e acalanta os que nela acreditam.

E para ser mais precisa e prática trago aqui esta citação de Maurice Merleau-Ponty escrita por Litiara Kohl Dors, em um estudo comparativo entre o pensamento de Ponty e o de Winnicott, filósofo e psicólogo em um entrecruzamento de ideias sobre a vida.

Merleau-Ponty...“alargamento da razão”...É preciso superar certa racionalidade estreita dominante no Ocidente em que há sempre uma sobreposição do “civilizado” frente ao “primitivo”, do “normal” diante do “louco”, do “homem” perante o “animal” e, por fim, do “adulto” em relação à “criança”.¹¹⁶(DORS, 2019,p.21-22)

Para que se tenha uma forma diferente de habitar o mundo se faz necessário escutar outras vozes, saberes, tradições, culturas, pensamentos; sem dualidades, sem visões ou sentidos únicos e universalizantes, se faz primordial abrir-se para diversidade, sair das “gaiolas”, desfazer as grades que prendem as ideias destes seres considerados primitivas, selvagens, loucas, crianças e destes não seres, sem racionalidade, sem direito a vida, seres natureza. Por aí andam também as cantigas estas, que criam vínculos e que ao serem entoadas na língua materna constroem identidades, passam através da oralidade os saberes e tradições da cultura a qual pertencem, mantêm mundos e seguram os céus, onde voam e ventam rios e ideias.

Na canção de ninar seria o sentimento: Identidade.


NOGUERA, Renato; ALVES, Luciana Pires. *Exu, a infância e o tempo: Zonas de Emergência de Infância (ZEI)*. Revista Educação e Cultura Contemporânea, 17 (48), P. 533-554, 2020.

¹¹⁵ ALVES, Miriam Cristiane; MEDEIROS, Rita (Org). *Culturas infantis de terreiro: agenciando memórias, histórias e narrativas*. 1 ed. Porto Alegre: RS: Editora Rede Unida, 2022. Disponível em <https://editora.redeunida.org.br/wp-content/uploads/2023/01/Livro-Culturas-Infantis-de-Terreiro-agenciando-memórias-histórias-e-narrativas.pdf> acesso em 26 de janeiro de 2023,

¹¹⁶ DORS, Litiara Kohl. *Merleau-Ponty e Winnicott: intersubjetividade e psicanálise infantil* [recurso eletrônico] / Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019. Disponível em: <http://www.editorafi.org> acesso em 05 de setembro de 2023.

https://youtu.be/V6P6RzjaghQ?si=0_0TOdThQLq01Yg

Canción de Cuna o Cuna de Barro"... Canción de Cuna Qom, Integra el cancionero popular de la Música Litoraleña; originado en la Provincia del Chaco - República Argentina

 Canción de Cuna Qom - Carlos Negrini

Se o mundo andar pra trás/ Vou escrever num cartaz

A palavra **REBELDIA**

Terceiro passo

“ *O mesmo fluxo de vida que corre por minhas veias noite e dia corre pelo mundo*”

Rabindranath Tagore

Ailton Krenak fala do tempo do agora, afirma que devemos atravessar o deserto quando ele se encontrar a nossa frente; Joanna Macy que escreveu um livro denominado *Esperança Ativa* nos diz sobre escolher as respostas para os desafios esmagadores deste nosso tempo capitaloceno (antropoceno) em que nos encontramos.

Ambos falam do desafio de atravessar esta Era em que estamos como diz Ailton, “*devorando o planeta*”.

Ambos falam de um sonhar um mundo, um esperar como o de Paulo Freire, esperar que escrevi ao terminar a tese de conclusão do curso (TCC) sobre canção de ninar em 2019¹¹⁷; este fazer acontecer das pequenas ações e da solidariedade.

Hoje (08 de maio de 2023) assisti um vídeo, neste tempo de muitas janelas virtuais, não lembro onde, mostrava o vídeo que ao final do Holocausto se apresentou as pessoas que viviam ao redor de um campo de concentração o que de verdade ali acontecia, os horrores das pesquisas com peles do corpo, cabeças; um banho de cruel realidade. Talvez seja um tantão disso que estejamos precisando, que esta inteligência artificial que cria o que desejamos, imaginamos, crie esta realidade futura de onde poderemos, como (des)humanidade, alcançar, se continuarmos dessa maneira a devastar a mãe Terra.

¹¹⁷ Acalantar: uma prática para aquietar? Ação de adormecer ou a- que - ser a alma, acalma. Disponível em <https://dspace.unila.edu.br/bitstream/handle/123456789/5643/Acalanto%20-TCC-%20ISABEL%20%2813%29%20-%20fim.pdf?sequence=1&isAllowed=y> acesso em 1 de setembro de 2023.

Uma realidade que seria apenas virtual, mas que talvez ao se confrontar no agora, nos faça enxergar a este futuro tão próximo que nos aguarda ali, na encruzilhada. Um embate entre o progresso sem limites, o capital e os mil povos, pobres, negros, mulheres, idosos, crianças, originários, quilombolas, ciganos, que vêm em massa pelo caminho da solidaria resistência de cuidado com a natureza e seus seres.

Confronto e choque de espirais que podem gerar o nascimento de um mundo de esperança ativa ou a destruição total deste presente; sem futuro.

Curar ou exterminar?

Penso em Esperança Ativa como uma força que temos e é “ligada” quando necessária, senti isso recentemente quando precisei enfrentar o câncer de minha mãe, a força para fazer e agir veio de um lugar que denomino da esperança ativa; e que deve ser o mesmo que muitos e muitas de nós acionamos e que há mil anos chamamos RESISTÊNCIA!!!

K. Kia Bunseki Fu Ki.Au e A.M. Lukondo-Wamba escreveram sobre Kindezi, a arte Kongo de cuidar de crianças¹¹⁸; no relato explicando a tradutora da obra que havia ficado chocada porque ele colocará “a arte da babá” como subtítulo, pois achava ela uma escolha pobre; o autor responde paciente e tranquilamente que na cultura europeia, cuidar de crianças é tomado como uma atividade insignificante – um trabalho para as pessoas menos importantes da comunidade. Porém Kindezi em África é uma grande honraria, poder cuidar de crianças é uma arte que conecta gerações, sendo realizada pelos anciãos e pelos mais jovens, os que podem demandar de seu tempo para estar atentos aos pequenos, permanecendo com eles enquanto suas mães trabalham, e os mantendo entretidos; este cuidar dos pequenos possibilita aos mais velhos o sentimento de serem úteis e ativos e aos mais jovens de receber a força espiritual, mental e cultural de seus mais velhos. Mo Maiê¹¹⁹ (2017) traduz as palavras de Fu-Kiao:

¹¹⁸ Kindezi:the kongo art of babysitting (1988), escrito por K. Kia Bunseki Fu Ki. Au e A.M. Lukondo-Wamba, traduzido para o português por uma integrante da Rede Africanidades, Mo Maiê, como Kindezi: a arte kongo de cuidar das crianças. Disponível em <https://pt.scribd.com/document/463948335/FU-KIAU-Kindezi-A-Arte-Kongo-de-Cuidar-de-Crianca-docx#> acesso em 05 de setembro de 2023.

¹¹⁹ FU-KIAU; WAMBA,A.M. *KINDEZI: A Arte Kongo de Cuidar de Crianças*. Com introdução de Marimba Ani. Tradução por Mo Maiê, 2017 Disponível em <http://terreirodegriots.blogspot.com>

Fu Ki-Au está nos trazendo à tona o ponto de vista de que, numa maneira claramente crítica, enquanto a infância é tão desvalorizada na sociedade europeia, a civilização Africana é centrada na criança. Isso torna-se claro ao passo que compreendemos a vida humana no contexto espiritual da comunidade: um processo infinito de nascimento, desenvolvimento, transformação e responsabilidade. O bem-estar da comunidade depende da saúde e integração da totalidade, do amadurecimento das pessoas que lhe constituem como membros. (2017)

Dr. Fu-Kiau e sua co-autora, a psicóloga Lukondo-Wamba trazem à tona esta sabedoria antiga, ancestral, Kindezi, arte de cuidar de crianças mas também de seus mais jovens, de seus mais velhos. É intergeracional. É comunitário. É proteção. É cuidado. É político.

O que é um acalanto que não um tempo de cuidado?

Walèmbwa leia kalèndi bakula ntoko za môyo ngâtu za buta mu zola ko.

“Quem jamais cuidar de um bebê” – diz um provérbio Kôngo, “nunca entenderá a beleza da vida nem a de educar com amor” (FU-KIAU, 2017)

Encontramos esta forma na seguinte canção de ninar muito popular entre os angolanos que estavam fugindo do sistema colonial lusitano em Angola para abraçar o sistema colonial paternalista do reino belga no império colonial belga no Congo:

E mu Leyo (tukwènda)
E yâya mu Leyo
E mu Leyo
E yâya mu Leyo
(Kadi) E Salazale
Wakitudi yo kwândi (nsi)
Se nsânsi ya gôndila9 an'êto
E mu Leyo (tukwènda)
E yâya mu Leyo
E mu Leyo (tuwila)
Yâya mu Leyo
E mu Leyo . .

Ei! Para Leyo (vamos)
Agora, então!
Ei! Mãe para Leyo
Ei! Para Leyo
Ei! (porque) Bem, Salazale
Transformou-o (o país)
Num instrumento de ninar
Agora, então, para Leyo (devemos ir)
Ei mãe, para Leyo (deve ir)

*Mãe, para Leyo agora, então!
Para Leyo (deve ir)*

A canção do Zômbô é uma canção política típica usada para transmitir uma mensagem política na arte de cuidar das crianças: o povo angolano teve que deixar seu país e cantou a música para se preparar para uma Guerra anti-colonial, porque o seu rico país, Angola, tinha se transformado num simples brinquedo para agradar crianças superinduzidas, os colonialistas.


Finalizo com essa cantiga de ninar que se encontra na tradução de Mo Maiê (2017).

Dilema: cuidar ou exaurir os bens que recebemos da terra; reverter ou recrudescer, reflorestar ou voltar a sangrar a terra. O que será de nossas crianças?

Na canção de ninar seria o sentimento: Cuidado/Afeto

<https://youtu.be/2VHbc-eKHPc?si=6M5LLoBICtgsRbn>

Dorme, minha pequena Não vale a pena despertar

 Acalanto - Chico Buarque (Português)

Se a gente desanimar/ Eu vou colher no pomar
A palavra **TEIMOSIA**
Quarto passo

08 de agosto de 2021.

Nestes tempos sair para perto da Natureza é um alento, pedalar na Estrada Parque próximo às Cataratas, aos fim de semana e feriados, se tornou uma prática; assim que neste dia dos pais , um domingo de agosto foi o programa.

A esta altura da leitura já me conhecem um bocadinho portanto o relato abaixo é muito da essência do que sou, como já disse, um dia cresço.

O parque é um local silencioso pela manhã, se escutam as vozes das brisas, do germinar das plantas, dos pássaros que cantam, e conforme vou indo e observando também peço licença para por ali passar; foi quando escutei a árvore Torta que disse: Sou uma árvore torta...

Já fui uma velha torta.

Uma moça torta.

Uma menina torta.

Uma semente torta, na terra lançada um dia, para não deixar que morram as ideias e pensamentos “tortos”.

Torto é um pensamento que diz que todos nascemos iguais e morreremos e a terra voltaremos, em pó iremos nos transformar.

Torta é uma ideia de que a vida vale pelo que se é e não pelo que se tem, apesar de que ter possui muitas conotações, é variável, conforme o ser.

Que era o ter para os que a Terra madura - Abya Yala, habitavam?

Que era o ter para os que aqui chegaram e a terra conquistaram?

Que é o ter para o que dizem tudo tem? Que é o ter para o que pensam nada tem? Torto é o pensamento que na cor distingue o que somos, pensamos, fazemos.

De que cor é o céu, que cores tem as flores, as árvores, os campos, os matos, os pássaros, e todos os demais seres que esta terra habitam?

A rosa amarela é mais bela que a vermelha?

O urubu é mais feio que a pomba?

Quando a cor de alguém ou alguma coisa passou a determinar suas qualidades? O colorido é a diversidade, é o que encanta os olhos e cria matizes, traz a criação para juntinho do coração.

Torta é a ideia que um gênero é superior ao outro, um forte e um fraco? Não é forte a que pari a criança? Não é fraco quem sujeita ou bate por justamente mais forte se sentir? Que diminui com palavras ou gestos os que assim considera, fracos?

Desentortar o mundo assim pensado dá trabalho. Mas seguir os tortos caminhos é uma alternativa, se não dá para desentortar uma velha árvore torta, que pensa ideias tortas, a solução não é cortar; ela irá nascer novamente, dela muitas sementes virão, fortalecidas.

Melhor seria colocar em prática as ideias desentortadas, questionadas e colorir o mundo, aceitar as diferenças e constituir-se razão e sentimento, cérebro e coração que pulsam em um movimento ritmado em busca de novos trilhares, atalhos, onde as velhas árvores tortas sejam vistas, escutadas, pensadas e que novas histórias surjam a partir destas encruzilhadas, caminhos tortos onde vivem árvores tortas que seguem germinando ideias e sementes ...tortas. Outras formas de ver e estar no mundo, perspectivas do sentir, ver, tocar, escutar, ser.

Mais adiante no tempo, pois os anos se foram rapidamente, encontrei um

texto de Julieta Paredes, uma entrevista realizada por Tereza Spyer ¹²⁰e o grupo DALE do PPGICAL da UNILA publicada na Revista Epistemologias do Sul onde a entrevistada traz algo próximo ao que escrevi; ideias viajam pelos ventos e pelas raízes do subterrâneo, a natureza conversa através de suas manifestações, escuta quem estiver atento aos saberes emanados, quem acredita, quem com as árvores trava conversas...

A raça é uma invenção, por isso é importante também o conceito que nós temos resgatado. Para nós, feministas comunitárias, o branco, a branca não é o homem ou a mulher com a pele clara. Uma coisa é ser branco e outra coisa é ter a pele clara, porque eu tenho a pele escura. Com pele clara é como pintou a Pachamama algumas irmãs e irmãos. Com pele escura foi como pintou Pachamama algumas irmãs e irmãos, assim como as flores, os animaizinhos também. Ou seja, entre as flores, a margarida não diz para a violeta: “você é feia porque é escura”. Não, elas não brigam, são diversas, diversas cores... Quem é a branca? Quem é o branco? A branca e o branco são as pessoas que fazem da claridade da sua pele, do seu sobrenome, da sua formação profissional, do dinheiro que tem, um privilégio para oprimir outros seres humanos, assim como a mãe e irmã natureza. Ser branca é uma decisão política, que nasce da claridade da sua pele, do seu sobrenome, da sua formação profissional ou acadêmica. Seus atos se respaldam no poder e privilégios. (p.30-31)

Escolhas? No livro *A canção das sete cores: educando para a paz*, Carlos Rodrigues Brandão (2005)¹²¹ quase ao final traz no nono preceito de práticas em nome da paz sobre a capacidade de diferenciar violências, há aquela dos que perderam seus direitos e lutam por sobrevivência e uma outra dos que se apropriaram e transformaram os direitos universais em exclusivos privilégios, a legitimaram e pelo poder que exercem e uso dos meios culturais gestionam vidas e destinos.

Desumbilicar, parar de olhar para seu próprio umbigo, ou se achar o umbigo do mundo; não é tarefa fácil, narramos e cantamos para nossos pequenos histórias onde um nós se contrapõe a um outro; histórias e cantos de glória que para nós

¹²⁰ Tereza Spyer, Mariana Malheiros, María Camila Ortiz. Entrevista: *Julieta Paredes: mulheres indígenas, descolonização do feminismo e políticas de nomear*. Epistemologias do Sul, v. 3, n. 2, p. 22-42, 2019. Disponível em <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/2465> acesso em 4 de setembro de 2023.


¹²¹ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A canção das sete cores: educando para a paz*. São Paulo:Contexto, 2005.

contaram, cantaram e que seguimos perpetuando sem atentar para a história não narrada, a do outro, sem escutar as canções que provém de outros “umbigos” que também fazem mundo, vivem e criam a cada tempo, a cada dia, este mundo, diverso e tão povoado de mitos, contos, cantos que o habitam e aos quais não queremos ou não sabemos apreciar, ver, escutar; umbilical com outros cordões que liguem ao ventre mãe, terra, pachamama. Pulsar sentimentos de tolerância, respeito, aceitação, convergência e confluência para com o diferente de mim, o que não é eu.

Coragem, pois só quem não teme o outro é capaz de por ele pulsar amor.

Na canção de ninar seria o sentimento: Pulsar/ Aceitação

<https://youtu.be/MMUspkOFTDI?si=BE3ttGC-IXXbpKwt>

 Drume Negrita

Bola de Nieve

Se acontecer afinal/ De entrar em nosso quintal
A palavra *tirania*
quinto passo

O PODER DA INFÂNCIA: espiritualidade e política em afroperspectiva¹²²
Primeiras palavras: cosmosentidos afro-pindorâmicos

Numa galáxia distante existiam mundos diferentes, diversas moradas. Todos os seres viviam sob a força da Infância. Fossem bichos humanos, flores, vegetais, bichos onças ou de outros tipos; todos os seres nasciam, cresciam e morriam assumindo o mistério da vida, experimentando conflitos e disputas, choros e sorrisos. Todos se divertiam diversamente sem conversão e sem pensar igual. Das disputas não surgiam gente derrotada. Mas, somente pessoas que aprendiam a brincar de muitos modos. Não existia paraíso, tampouco inferno. O governo era feito de brincadeiras, todas as pessoas podiam cirandar em todas as posições da roda. Brincar era tanto ordem quanto mandamento, brincar era a regra e brincar era a maneira de exercer a desobediência, o brincar era a norma vivente da Infância. Viver era sinônimo de infância e brincadeira.

Numa manhã chuvosa e fria na maior parte do planeta, um meteoro fez estragos e trouxe uma irradiação perigosa que fazia as pessoas perderem a força da Infância. Ora, a força da Infância permitia brincar, fazia com que

¹²² NOGUERA, R. O poder da infância: espiritualidade e política em afroperspectiva. Momento - Diálogos em Educação, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 127–142, 2019. DOI: 10.14295/momento.v28i1.8806. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/8806> acesso em: 4 set. 2023.

gente humana pudesse conversar com outros bichos e plantas. A força da Infância impedia a existência de prisões e manicômios, os crimes inexistiam. A brincadeira era sagrada e inalienável. Mas, o meteoro trouxe a radiação da adultez e, num prazo que ninguém sabe ao certo: o adultescimento tomou todo o planeta. Desde então, fizeram acordos sociais criando um Estado. As religiões se multiplicaram e no início duas mais equipadas de armas começaram a brigar por fiéis. Na política os partidos passaram a brigar. As disputas agora não podiam terminar empatadas, a derrota humilhante produzia um grupo que se sentia orgulhosamente vitorioso. Desde então, o remédio miraculoso para os desafios da vida tem sido a recuperação e manutenção da Infância, uma força humana esquecida e desacreditada pelo brutal adultescimento e colonização da vida. (NOGUEIRA, 2019)

Renato Nogueira (2019) escreve este artigo onde procura através do poder encantatório das fábulas apresentar o modo de olhar a infância pela perspectiva afro e indígena, na qual a criança é vista como parte integrante da comunidade, elo de ligação entre o espiritual e o material. Apresenta o poder extraordinário da infância.

É orgânica, como a música onde tudo anda junto, o ritmo, a melodia, o tempo, a harmonia; também assim acontece na perspectiva afro-pindorâmica, comunitária.

Nesta mesma linha das encantarias da palavra assisti hoje¹²³, dia 5 de setembro, dia da Amazônia; na III Jornada nacional do grupo de estudos e pesquisas em literatura infantil e juvenil (GEPLIJ) a mesa: A Amazônia como universo de estudo: literaturas, artes e suas interfaces encantatórias. Adriana Marques (53:41 min) apresenta um frame do estudo de Angélica Gomes de Araújo Batista nomeado: *Distâncias Doídas: a travessia das personagens na espacialidade da obra*.

Nele a foto de uma menina desenhada em rabiscos de linhas em tom grafite em tamanho ampliado que segura junto ao corpo uma bola que é a Terra; estão os dizeres da obra do autor por ela estudado, Daniel da Rocha Leite¹²⁴:

Em algum lugar do mundo dentro das águas de um rio, nas incertezas de uma cidade, em uma estrela que ainda insiste em acender submersa, vindo de dentro de um silêncio, renascendo de um silêncio, sendo as águas e o

¹²³ Disponível em <https://www.youtube.com/live/lrugC-jND6Y?si=aCi2A0NxKq4AhuLk> acesso em 05 de setembro de 2023.

¹²⁴ LEITE, Daniel da Rocha. *Já estavam no ventre da Terra*. Ilustrado por Maciste Costa. Belém(PA): Editora Amo, 2021. ISBN 6589561028, 978658956102

sangue essencial de um silêncio, uma mãe, uma terra com todo seu corpo
sussurra uma canção de ninar.

Recebi como um presente, vindo deste poder das infâncias, mergulhei nas falas trazidas por várias pesquisadoras amazônicas ou que a este bioma estudam, a imensa gama de literatura infanto juvenil escrita por indígenas e não indígenas os quais desconhecia totalmente, um mundo novo que por essas ondas virtuais se abria, um banho nas águas deste imenso rio de sabedorias. E encantada fiquei ao escutar a forma poética como escreve o autor acima citado e que lá do outro canto quintal deste imenso território pindorama parece também andou escutando os sussurros da mãe terra.

Ah! Penso que as singelas canções de ninar andam a espantar as tiranias¹²⁵, não deixando que cheguem para fazer morada nos quintais de nossas infâncias.

Infância. Crianças. Assim como partícipes dos diferentes povos que constituem este habitar a Terra, são múltiplos e trazem em seu pensar, fazer, falar, as formas e modos de sua aldeia, terreiro, condomínio, vila, cidade, sítio, povoado; seu lugar de pertencimento, são constelações, mas cada qual é singular, plurais em sua diversidade porém únicas em sua essência de ser; por isso diferentes devem ser as maneiras de olhar, cuidar, educar, orientar, cada um destes seres criança. Infâncias.

Tão múltiplas, tão únicas.

Na canção de ninar seria o sentimento: Encantar/ Palavrear/ Escutar

<https://youtu.be/eHUOC78EIkM?si=5PNcx2qUqleGYN97>

Atrévete a flotar

 Canción Pequeña (Juana Aguirre) - Perotá Chingó (Aguas 2017)

Pegue o tambor e o ganza/ Vamos pra rua gritar//utar
 A palavra **UTOPIA**.
Sexto passo

¹²⁵ Tirania era uma forma de governo usada em situações excepcionais na Grécia em alternativa à democracia. Nela, o chefe governava com poder ilimitado, embora sem perder de vista que deveria representar a vontade do povo. Hoje, entre sociedades democráticas ocidentais, o termo tirania tem conotação negativa. Wikipédia

Espero que ao ler estas palavras aqui escritas, colocadas a rodar, você saia com mais perguntas do que respostas, este é o maior dos objetivos desta pesquisa sobre acalantos e canções de ninar, é cutucar subjetividades, trazer a tona lembranças suas, minhas, colocar em dúvida “o *universal*”, instigar, acordar palavras “deitadas”, adormecidas nos cantos escuros da história única, dos saberes não marginalizados, das crenças que se fazem crer verdades estabelecidas, da educação que se baseia em toda essa universalidade cultural, na hegemonia hetero patriarcal, homem branco cristão, que se plantou no topo da pirâmide e mantém-se dessa forma “*cuidando*”, fazendo adormecer, os que dormem e sonham com um mundo onde os privilégios, de educação, saúde, bem viver sejam para todas, todas, todes, e o canto se faça em mil toadas, acordando e levantando os que desejam escutar outras vozes fazedoras de mundos aos quais se possa acessar trazendo para na grande roda girar os saberes das contadoras, cantadoras, os cantos e cantares dos povos do terreiro, dos povos originários, dos povos quilombolas, os povos ciganos, o povo pobre, os desvalidos, sem terra, os que da terra vivem, os que a terra amam, os povos coloridos com seus toares, de tambores, berimbaus, flautas, maracás, apitos, trombetas, reco-reco, pandeiro, caxixi, atabaque, cuíca, agogô, chocalho e pés que pisam com muito cuidado esta Terra que chamam, mãe.

Início por elas, as singelas e presentes nas mais variadas culturas, povos, territórios sem fronteiras, as cantigas, sussurros, murmúrios, que cantam para os bêbes, quem a eles acalanta, embala, faz adormecer para criar mundos a cada dia que ousar pisar na mãe maior, a que nos sustenta, pés na Terra.

Somos Nós¹²⁶

Sérgio Vaz: Quem grita somos nós

Vocês dizem que não entendem
Que barulho é esse que vem das ruas
Que não sabem que voz é essa

¹²⁶ Disponível em <https://www.geledes.org.br/sergio-vaz-quem-grita-somos-nos/> acesso em 27 de agosto de 2023.

que caminha com pedras nas mãos
em busca de justiça, porque não dizer, vingança.

Dentro do castelo às custas da miséria humana
Alega não entender a fúria que nasce dos sem causas,
dos sem comidas e dos sem casas.
O capitão do mato dispara com seu chicote
A pólvora indigna dos tiranos
Que se escondem por trás da cortina do lacrimogêneo,
O CHICOTE ESTRALA, MAS ESSE POVO NÃO SE CALA..

Quem grita somos nós,
Os sem educação, os sem hospitais e sem segurança.
Somos nós, órfãos de pátria
Os filhos bastardos da nação.

Somos nós, os pretos, os pobres,
Os brancos indignados e os índios
Cansados do cachimbo da paz.
Essa voz que brada que atordoa seu sono
Vem dos calos da mãos, que vão cerrando os punhos
Até que a noite venha
E as canções de ninar vão se tornando hinos
Na boca suja dos revoltados.

Tenham medo sim,
Somos nós, os famintos,
Os que dormem na calçadas frias,
Os escravos dos ônibus negreiros,
Os assalariados esmagados no trem,
Os que na tua opinião,
Não deviam ter nascido.

Teu medo faz sentido,
Em tua direção
Vai as mães dos filhos mortos
O pai dos filhos tortos
Te devolverem todos os crimes
Causados pelo descaso da sua consciência.

Quem marcha em tua direção?

Somos nós,
os brasileiros
Que nunca dormiram

E os que estão acordando agora.

Antes tarde do que nunca.
E para aqueles que acharam que era nunca,
agora é tarde.


Estes são os passos que dei rumo a uma (in)conclusão e o que consegui captar, talvez e certamente em outras leituras futuras e aprofundamentos sobre o tema acharei um terrível erro tudo ou a maior parte do que aqui escrevo; ou não.

Acredito que o erro nos faz ir em frente, adiante, como aquele medo que nos move; que é diferente do medo que paralisa. O erro sem culpa ou por não se saber estar em situação de erro nos põe a andar em um percurso onde muitas são as rotas e onde nem todas levarão ao destino certo; há que se testar, errar é também uma maneira de aprender, sem medos paralisantes, movida pela intuição, isso seria ontologia direta?¹²⁷ E ...¹²⁸

Na canção de ninar seria o sentimento: Embalar...

ACALANTOS - Vários que fui encontrando

https://youtube.com/playlist?list=PLN1gZldMtvIJjSF_EOKZp8jOuSu_z1XY4&si=yooMchI7DbhUkG_P

 Se esta rua, um acalanto para Marina

Seguimos...

E nesta união entre saberes da academia - UNILA - e das tradições orais - PEDAGOGIA GRIÔ - faço o encontro da ISA com a BEL.

Eu sou Isabel, professora jardineira.

Se esta rua, se esta rua fosse minha, eu mandava, eu mandava ladrilhar, com pedrinhas, com pedrinhas de ...

JUSTIÇA, LIBERDADE, EQUIDADE.... Só para o meu amor passar!

¹²⁷A ontologia indireta da literatura e a ontologia direta da filosofia. Disponível em <https://www.jhuonline.unisinos.br/artigo/4177-luiz-rohden-4> acesso em 04 de setembro de 2023.

¹²⁸ Reticências: As reticências são os três primeiros passos do pensamento que continua por conta própria o seu caminho...(Mário Quintana. Sapo amarelo. São Paulo: Global, 2006.) Disponível em https://escrevendoofuturo.org.br/caderno_docente/coletanea_poema/definicoes-poeticas-mario-quintana/ acesso em 02 de setembro de 2023.

REFERÊNCIAS

ACALANTOS EM RODA CHEGANÇA

PACHECO, Lillian. *Pedagogia Griô: A Reinvenção da Roda da Vida*. Lençóis, Grãos de Luz e Griô, 2006.

RODA 1

ABERTURA

A ORIGEM DA MÚSICA - MITOS OU VERDADES

CAVALCANTE, Ruth. *Educação Biocêntrica*. Um portal de acesso à Inteligência Afetiva. In: Revista Pensamento Biocêntrico, n.6. Pelotas/RS - julho / dezembro 2006. p.9-30. Disponível em: http://www.pensamentobiocentrico.com.br/content/edicoes/pensamento_biocentrico_06.pdf acesso em 03 de ago. 2021.

FARGETTI, Cristina Martins; Participação de Marlui Miranda. *Fala de bicho, fala de gente: Cantigas de ninar do Povo Juruna*. São Paulo: Sesc São Paulo, 2017. 304 p. p. ISBN 978-85-9493-031-6.

INSTITUTO ROLANDO TORO. *Biodanza: Conhece a vida de Rolando Toro como criador da Biodanza*. Disponível em: <https://www.biodanzarolandotoro.com/pt-pt/rolando-toro/> acesso em 18 de agosto de 2021.

JORDANIA, Joseph. *Por que as pessoas cantam? A Música na Evolução Humana*. Editora Logos, 2011.

JORGE, Ana Lúcia Cavani. *O Acalanto e o Horror*. São Paulo: Ed.Escuta, 1988. ISBN 85-7137-011-7.

MACHADO, Silvia de A. Pinheiro. *Canções de ninar brasileira: Aproximações*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo - Edusp, 2017

POBLETE, Martín. *El origen de la música fue...¿una canción de cuna?* Disponível em: <https://eldefinido.cl/actualidad/mundo/8220/El-origen-de-la-musica-fue-una-cancion-de-cuna> acesso em 06 de julho de 2021.

PONCELA, Anna M. Fernández. *Canción Infantil: Discurso y mensajes*. Rubí(Barcelona): Anthropos Editorial, 2005

PONCELA, Anna M. Fernández. *Canción de Cuna: Arrullo o Desvelo*. In: Anales de Antropología, Ciudad Universitaria, 04510, México, D.F., Vol. 39-II, p. 189-213, 2005. ISSN: 0185-1225. Disponível em: <https://studylib.es/doc/5215130/canci%C3%B3n-de-cuna--arrullo-o-desvelo> acesso em 28 de julho de 2021.

TORO, Rolando. *Rolando Toro Araneda*. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Rolando_Toro_Araneda acesso em 18 de agosto de 2021.

ACALANTOS E O HORROR - O SILÊNCIO E O MEDO

Para ler

BISPO DOS SANTOS, Antônio. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023. 112p.

JORGE, Ana Lúcia Cavani. *O Acalanto e o Horror*. São Paulo: Ed. Escuta, 1988. ISBN 85-7137-011-7.

MAGALHÃES, Thiago Ramil. *A hora de dormir : o acalanto com crianças em acolhimento institucional*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Instituto de Psicologia. Curso de Psicologia. Trabalho de Conclusão de Curso, 2013. Disponível em <http://hdl.handle.net/10183/95467> acesso em 10 de junho de 2022.

PADILHA, Paulo Roberto. *Educar em Todos os Cantos: Reflexões e Canções por uma Educação Intertranscultural*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2007.

PONCELA, Anna M. Fernández. *Canción Infantil: Discurso y mensajes*. Rubí (Barcelona): Anthropos Editorial, 2005

SANTOS, A. B. *Colonização, quilombos: modos e significados*. Brasília: INCT/UnB, 2015.

SCHAFER, Murray. *O ouvido pensante*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1991.

SILVA, C. S. *Em que terra estão pelados os meninos quando o herói está desnudo?!*. Letrônica, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 187–199, 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letrônica/article/view/4272>. acesso em: 22 jun. 2023.

Para Escutar

Acalantos do Mundo no Apple Podcasts Um podcast com canções afetivas de pessoas migrantes ou em situação de refúgio. A cada episódio, um novo convidado

fala sobre a sua experiência de trânsito migratório e canta sua canção de acalanto preferida. Produzido pelo Sesc Rio Preto e pelo Sesc Santo Amaro.

CANÇÕES PARA AFASTAR O MEDO, cantigas de ninar latino-americanas. Disponível em <https://youtu.be/ddOFRtANj0A>. Acesso em 12 de janeiro de 2023.

Ramurani - Canção de Acalanto de Moçambique, por Fausta Joaquim Faustino <https://fb.watch/i0rb-voRnZ/> In: Acalantos do Mundo.:Sesc Ruio Preto,SP.

Tula,Tula-Canção de Acalanto da África do Sul, por Nduduzo Siba https://fb.watch/i0qZve_STP/ In: Acalantos do Mundo:Sesc Rio Preto,SP.

RODA 2 INTEGRAÇÃO

DIVERSITAS

CRIADO, Arturo Martín. *Montruos que guardan la casa*. In: Revista de Folklore Fundación Joaquín Díaz /n. 447, p.4-19, Mayo 2019.

MATO, Daniel. *El Caso George Floyd y el racismo en los sistemas e instituciones de educación superior*. UNESCO, 24 de junho de 2020. Disponível em <http://www.iesalc.unesco.org/2020/06/24/el-caso-george-floyd-y-el-racismo-en-los-sistemas-e-instituciones-de-educacion-superior/> acesso em 04 de junho de 2021.

BOI: QUAL É A TUA COR?

Fontes de consulta - águas de beber- por aqui naveguei

ALESSI, Gil. *O discurso de medo na sessão do Senado que aprovou a abolição*.In; Espanha: El País, 20 nov 2019. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/15/politica/1573824412_841710.html acesso em 20 de março de 2023.

ALONSO, Angela. *Flores, votos e balas : o movimento abolicionista brasileiro*. 1a ed. São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

BENTO, Cida. *O Pacto da Branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BRITO. Maria da Conceição Evaristo. *Literatura Negra, uma poética de nossa afro-brasilidade*. Dissertação de Mestrado, PUC/RJ, 1995. Disponível em <http://www.letras.ufmg.br/literafro/%E2%80%A6/188-conceicao-evaristo>

CUNHA JR, Henrique. *Os negros não se deixam escravizar: Temas para as aulas de história dos Afrodescendentes*. Revista Eletrônica Espaço Acadêmico, v.69, p.1-10, 2007.

FEIJÓ, Ivan Luiz Chaves. *Boi da Cara Preta: Transfiguração do Escravo, Humanização do Boi*. Humanidades em diálogo, [S.l.], v.4, n.1, p.135-148, 2011. DOI: 10.11606/issn.1982-7547.hd.2011.106194 Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/humanidades/article/view/106194> acesso em: 18 fev. 2022.

FERNÁNDEZ PONCELA, A. *Canción infantil: discurso y mensajes*. Barcelona: Anthropos Editorial, 2005.

FERNÁNDEZ PONCELA, Anna M. *Género y canción infantil*. Polít. cult., México, n.26, p. 35-68, 2006. Disponível em <https://www.scielo.org.mx/pdf/polcul/n26/n26a3.pdf>

GONZALES, Lélia. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. Revista Ciências Sociais Hoje, São Paulo: Anpocs, p. 223-244, 1984. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6608168/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%2C%A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf acesso em 29 de março de 2023.

hooks, bell. *Olhares negros: raça e representação*. Tradução de Stephanie. Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

JORGE, Ana Lúcia Cavani. *O Acalanto e o Horror*. São Paulo: Ed. Escuta, 1988. ISBN 85-7137-011-7.

MACHADO, Silvia de A. Pinheiro. *Canções de ninar brasileira: Aproximações*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo - Edusp, 2017

MILANEZ, Felipe; SANTOS, Fabrício Lyrio. *Guerras da conquista: da invasão dos portugueses até os dias de hoje*. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2021. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6833860/mod_resource/content/2/Milanez%20e%20Santos%2C%202020.%20Guerras%20da%20Conquista.pdf acesso em 28 de março de 2023.

PAMPLONA, Pablo. *Martín-Baró, mártir da psicologia da libertação latino-americana*. In: Esquerda.net, 20 nov. 2021. Disponível em <https://www.esquerda.net/artigo/martin-baro-martir-da-psicologia-da-libertacao-latino-americana/78015> acesso em março de 2023.

PEÑA, L. M. T. *Canciones e interacciones en educación inicial*. Orfeu, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 091-113, 2017. DOI: 10.5965/2525530402022017091. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/1059652525530402022017091>. acesso em 23 de março de 2023.

REZENDE, Marcos. *Morre o professor Jorge Conceição, Militante histórico do Movimento Negro*. In: Portal Geledés, 22 de setembro de 2017. Disponível em <https://www.geledes.org.br/morre-o-professor-jorge-conceicao-militante-historico-do-movimento-negro/> acesso em 21 de fevereiro de 2023.

SODRÉ, Muniz. *O fascismo da cor: uma radiografia do racismo nacional*. Petrópolis, RJ : Vozes, 2023.

WESTIN, Ricardo. *Temendo rebelião de escravos, fazendeiros tentaram barrar a Lei do Ventre Livre*. In: Espanha: El País, 28 set.2021. Disponível em <https://brasil.elpais.com/cultura/2021-09-28/temendo-rebeliao-de-escravos-fazendeiros-tentaram-barrar-a-lei-do-ventre-livre.html> acesso em 20 de março de 2023.

Jorge Conceição, um educador de mil cores! In: Fundação Pedro Calmon (FPC). Disponível em <http://www.fpc.ba.gov.br/2017/09/20/jorge-conceicao-um-educador-de-mil-cores/> acesso em 21 de fevereiro de 2023.

Não me deixe dormir o profundo sono. In: Revista Piauí, 167, ano 14, ago. 2020. (Conto). Disponível em <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/nao-me-deixe-dormir-o-profundo-do-sono/> acesso em 15 de março de 2023.

Ponto de Cultura Boiada Multicor. *Quem somos nós*. In: UNIRAAM. Disponível em <https://uniraam.blogspot.com/p/universidade-ecologica-corporal-e.html?view=flipcard&m=1> acesso em 18 de março de 2023

Ponto de Cultura Boiada Multicor. UNIRAAM. Disponível em: https://uniraam.blogspot.com/?fbclid=IwAR1eS1QzYfB-CJuMGlpZRO5Y6gip1Z5bPXvATgg3THOaD_kj8x1L_-EE0cl acesso em 15 de março de 2023.

Ep1 O Mito da Democracia Racial | Coleção Antirracista. Instituto Unibanco. Entrevistados: Cida Bento, Lia Schucman, Salloma Salomão e Sueli Carneiro. In: https://youtu.be/tvBIG_XG2Lw acesso em 13 de março de 2023.

RODA 3 ATIVACÃO

MÃOS QUE EMBALAM - Mecen

LEVITIN, Daniel J. *A música no seu cérebro: a ciência de uma obsessão humana*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2 ed., 2010.

PONCELA, Anna M. Fernández. *Canción de Cuna: Arrullo o Desvelo*. In: Anales de Antropología, Ciudad Universitaria, 04510, México, D.F., Vol. 39-II, p. 189-213, 2005. ISSN: 0185-1225 Disponível em <https://studylib.es/doc/5215130/canci%C3%B3n-de-cuna--arrullo-o-desvelo> acesso em 28 de julho de 2021.

SCHMIDT, Isabel Mattos. *Acalantar: uma prática para aquietar? Ação de adormecer ou a-que-ser a alma, acalma*. Tese (Graduação em Letras, Artes e Mediação Cultural) - Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História (ILAACH), Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Foz do Iguaçu - PR, 2019.

SPRÉA, Nélio Eduardo; GUARIENTE, Liane Cristina. *Acalantos*. Curitiba, PR: Parabolé, 2019.

QUERO COLO: MI(a) MAR, SO (m) AR

CAMACHO, Vivian. *Recuperando el Espacio Sagrado del Parto*. Exposición en las Jornadas Internacionales “Nacer sonriendo” San Martín de los Andes, Patagonia rebelde, mayo 2012.

BARALDI, Sandro Adrián. *As origens do Patriarcado segundo Humberto Maturana*. Revista Cactácea, IFSP:Câmpus Registro, V.02, N.04, p.98-107, março, 2022. Disponível em <https://rgt.ifsp.edu.br/ojs/index.php/revistacactacea/article/view/42/41> acesso em 13 de julho de 2023.

GARCÍA-TALAVERA, Francisco. *El arorro, una canción de cuna bereber que traspasó fronteras*. Canal Patrimonio, Fundación Santa María la Real del Patrimonio Histórico.08 de abril de 2015.Disponível em <https://www.canalpatrimonio.com/el-arorro-una-cancion-de-cuna-bereber-traspaso-fronteras/> acesso em 13 de julho de 2023.

MACHADO, Silvia de A. Pinheiro. *Canções de ninar brasileira: Aproximações*.São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo - Edusp, 2017.

MARQUES FILHO, Bruno Pompeu. *A gente faz o que o coração dita: análise semiótica das capas de discos de Dorival Caymmi*. 2009. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-10112010-112004/pt-br.php> acesso em 26 de maio de 2023.

MACY, Joanna, JOHNSTONE, Chris. *Esperança Ativa: como encarar o caos em que vivemos sem enlouquecer*. 1 ed. Rio de Janeiro:Bambual Editora, 2020.

MATURANA, Humberto R. *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano*. Tradução: Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 6a edição, 2021.

MELO, Ana Maria Arango. *Cocorobé: cantos y arrullos del Pacífico colombiano*. Bogotá:Instituto Distrital de las Artes – Idarte, outubro 2013.

JORGE, Ana Lúcia Cavani. *O Acalanto e o Horror*. São Paulo: Ed.Escuta,1988. ISBN 85-7137-011-7.

RAPOSO, Mônica M. *As canções de embalar nos cancioneiros populares portugueses. Sugestões para aplicação didática no ensino pré-escolar*. Dissertação (mestrado em estudos da criança) - Universidade do Minho. Braga, 2009. Disponível em <https://docplayer.com.br/16731965-Monica-mendes-raposo-as-cancoes-de-embalar-nos-cancioneiros-populares-portugueses-sua-aplicacao-didactica-no-ensino-pre-escolar.html> acesso em 26 de maio de 2023.

REICHERT, Evânia. *Infância a Idade Sagrada: Anos sensíveis em que nascem as virtudes e os vícios humanos*. 5 ed. Porto Alegre: Vale do Ser, 2016.

SILVA, Francilene Brito da. *Orálimagens como Práticas Educativas em Arte*. p.95-107 In: FERNANDES, R. S.; GOUVEIA NETO, J. C.; POSCA, L. M. ARTE E EDUCAÇÃO: encontros investigativos na contemporaneidade. Parnaíba: Acadêmica Editorial, 2021

SODRÉ, Muniz. *O fascismo da cor: uma radiografia do racismo nacional*. Petrópolis, RJ : Vozes, 2023.

VENÂNCIO, Adriana Gomes. *Acalantos, embalos que encantam: as primeiras práticas de educação da criança*. 2014. viii, 235 f., il. Tese (Doutorado em Educação) Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/36885?mode=full> acesso em 20 de maio de 2023.

RODA 4 IDENTIDADE

ALTER-NATIVAS

ALMEIDA, M. Berenice de; PUCCI, Magda Dourado. *Outras Terras, Outros Sons*. São Paulo: Callis, 2002.

ALVES, Rubem. “*Do Universo à Jabuticaba*”. (crônicas). São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010. In: Viver ao ritmo de alegrias e tristezas é ser sábio. Revista Prosa e Verso. Disponível em: <https://www.revistaprosaversoarte.com/viver-ao-ritmo-de-alegrias-e-tristezas-e-ser-sabio-rubem-alves/> acesso em: 03 de ago. 2021.

CAVALCANTE, Ruth. *Educação Biocêntrica. Um portal de acesso à Inteligência Afetiva*. In: Revista Pensamento Biocêntrico, n.6. Pelotas/RS - julho / dezembro 2006. p.9-30. Disponível em: http://www.pensamentobiocentrico.com.br/content/edicoes/pensamento_biocentrico_06.pdf acesso em 03 de ago. 2021.

DUTRA, Henrique Leonardo. *Educação e cultura de tradição oral: um encontro com a pedagogia griô*. 2015.1 recurso online (145 p.). Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/253971> acesso

em: 03 ago. 2021.

FERREIRA, Pedro Peixoto. *Transe maquínico: quando som e movimento se encontram na música eletrônica de pista*. Horiz. antropol., Porto Alegre, v. 14, n. 29, p.189-215, June 2008. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832008000100008 acesso em 03 de ago. 2021.

GUEDES PACHECO, Eduardo. *POR UMA (DES)EDUCAÇÃO MUSICAL*. Tese Doutorado.Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2011.Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/72124> acesso em: 28 de julho de 2021.

PONCELA, Anna M. Fernández. *Canción Infantil: discurso y mensajes*. Rubí (Barcelona): Anthropos Editorial, 2005.

SCHAFER, Raymond M. *A afinação do mundo*. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

SANTOS, Antônio Bispo. *Colonização, Quilombos. Modos e Significados*. Brasília: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa - INCTI Universidade de Brasília - UnB, 2015.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. *Educación para otro mundo posible*. 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO ; Medellín : CEDALC, 2019. Disponível em:https://ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/1909_Educacio%26%23769%3Bn%20para%20otro%20mundo%20posible%20-%20Boaventura-1.pdf acesso em: 27 de julho de 2021.

EN-CANTO

FARGETTI, Cristina Martins;Participação de Marlui Miranda. *Fala de bicho, fala de gente: Cantigas de ninar do Povo Juruna*. São Paulo: Sesc São Paulo, 2017. 304 p. p. ISBN 978-85-9493-031-6.

GALEANO, Eduardo. *Os filhos dos dias* (Um calendário histórico sobre a humanidade), 2ª Edição, L&PM Editores, 2012, páginas 324.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O cru e o cozido*. Mitológicas.1. São Paulo, CosacNaify, 2004. 442 páginas.

MACHADO, Silvia de A. Pinheiro. *Canções de ninar brasileira: Aproximações*.São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo - Edusp, 2017.

MACHADO, Vanda. *Irê Ayó: uma epistemologia afro-brasileira*. Salvador: EDUFBA, 2019.

MOURA, Angela; ROSADO, Rosa. *“Peripécias Reunidas” na Aldeia Polidoro: a r-existência charrua e a educação*. In: Presença indígena na cidade: reflexões, ações e políticas. Organização ROSADO, Rosa Maris; FAGUNDES, Luiz Fernando Calda; realização Núcleo de Políticas Públicas para Povos Indígenas. Porto Alegre: Gráfica Hartmann, 2013. p.202-221.

SMITH, Linda Tuhiwai; Tradução Roberto G. Barbosa. *Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas*. Curitiba: Ed. UFPR, 2018.

THOMAZ, Fernanda. *As páginas arrancadas da Abolição*. In: Outras Mídias, Piauí, 12 de maio de 2023. Disponível em <https://outraspalavras.net/outrasmidias/as-paginasarrancadas-da-abolicao/> acesso em 18 de maio de 2023.

WERÁ, Kaká Jecupé. *O trovão e o vento: um caminho de evolução pelo xamanismo tupi-guarani*. São Paulo: Polar Editorial, Instituto Arapoty, 2016.

WERÁ, Kaká Jecupé. *A Terra dos Mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio*.-2.ed.-São Paulo: Peirópolis, 2020.

WINNICOTT, D.W. *Desenvolvimento emocional primitivo*.(1945) In: Da Pediatria à Psicanálise cap.XXII, pag. 218-232 Disponível em <https://spms.com.br/wp-content/uploads/2022/01/WINNICOTT-D.-W.-Desenvolvimento-Emocional-Primitivo.-In.-Da-Pediatria-a-Psicanalise.-Cap.-XII-pag.-218-232.pdf> acesso em 15 de julho de 2023.

CURIOSIDADES

E para quem a curiosidade atiçou, deixo aqui o que Silvia de Ambrosis Pinheiro Machado disponibilizou: São 24 (vinte e quatro) canções de ninar que colheu ao longo de sua pesquisa.

[CD do livro Canção de ninar brasileira: aproximações | Primeiro Movimento](#)

E uma outra curiosidade que tive eu, o livro de exemplar único:

REFLEXÃO: o conhecimento e registro da história de determinado espaço de educação infantil, história própria do lugar, contextualiza o adulto-educador e redimensiona, para as crianças o sentido de estar ali. Conhecer o lugar é compartilhar e fazer história, criar a própria referência espacial: exemplar único. Nesta oficina será confeccionado um livro infantil, a ser utilizado pelos educadores junto com as crianças, sobre a história deste berçário, desta creche, desta escola

Disponível em <http://www.primeiromovimento.com/?cat=25> acesso em 02 de agosto de 2023.

RODA 5
HARMONIZAÇÃO

GIRA - VIRA - VOLTA

DUSSEL, Enrique. *1492 - O Encobrimento do Outro - a origem do mito da Modernidade*. Conferências de Frankfurt / tradução Jaime A. Clasen. Petrópolis,RJ: Vozes, 1993.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva,Guaracira Lopes Louro -11. ed. - Rio de Janeiro:DP & A, 2006.

PAREDES, Julieta. *Hilando fino desde el Feminismo Comunitario*. Comunidad Mujeres Creando Comunidad y CEDEC. La Paz, Bolivia, 2008. Disponível em:<https://mujeresdelmundobabel.org/files/2013/11/Julieta-Paredes-Hilando-Fino-de-sde-el-Fem-Comunitario.pdf> acesso em 08 de ago.2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes*. Novos estudos-CEBRAP. n. 79. São Paulo, nov. 2007. Disponível em:<https://www.scielo.br/j/nec/a/ytPjkXXYbTRxnJ7THFDBrgc/?lang=pt#back2> acesso em: 07 ago.2021.

WALSH, Catherine. *Gritos, grietas y siembras de vida - Entretejeres de lo pedagógico y lo decolonial*. In: Pedagogías decoloniales: Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. TOMO II. Quito-Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2017. p.17-45.

ENTRE-LAÇOS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A canção das sete cores: educando para a paz*. São Paulo: Contexto, 2005.

KRENAK, Ailton. *Caminhos para a cultura do bem viver*. Organização Bruno Maia. São Paulo:Cultura do Bem Viver, 2020.

KRENAK, Ailton. *A Terra pode nos deixar para trás e seguir o seu caminho*. Entrevista concedida a Anna Ortega. Jornal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, p. 1-11, nov, 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/ailton-krenak-a-terra-pode-nos-deixar-para-tras-e-seguir-o-seu-caminho/> acesso em 13 de agosto de 2023.

MACHADO, Silvia de A. Pinheiro. *Canções de ninar brasileira: Aproximações*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo - Edusp, 2017

SCHUMACHER, E.F. *O Negócio é ser pequeno* (Small is Beautiful). Tradução: Octávio Alves Filho - 4 edição - Rio de Janeiro: Zahar editores, 1973. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4606603/mod_resource/content/1/e_f_schumacher_-_o_negocio_e_ser_pequeno.pdf acesso em 08 de agosto de 2023.

WERÁ, Kaká Jecupé. *A Terra dos Mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio*. -2.ed.-São Paulo: Peirópolis, 2020.

WERÁ, Kaká Jecupé: “A sociedade não está conseguindo dormir, quanto mais sonhar”. Entrevista concedida a Anna Ortega. *Jornal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. 12 de novembro de 2020. Disponível em <https://www.ufrgs.br/jornal/kaka-wera-jecupe-a-sociedade-nao-esta-conseguindo-dormir-quanto-mais-sonhar/> acesso em 13 de agosto de 2023

RODA 6
EMBALO

UMA RODA SÓ - VÊ (n) TRE
CARTAS

RITUAIS DIALÓGICOS

A TROCA na RODA

RODRIGUES, Marlene. *A Hidra – Contos de Exílio, Clandestinidade e Resistência*. São Paulo: Geração Editorial, 2016, 198 p.

LACÁRCEL MORENO, J. *Psicología de la música y emoción musical*. *Educatio Siglo XXI*, n.º 20-21, Diciembre 2003, p. 213-226. Disponível em <https://revistas.um.es/educatio/article/view/138/122> acesso em 13 set. 2021.

RODA PEQUENA - Tentilhão é Acalanto

ALMEIDA, Berenice de; PUCCI, Magda. *Cantos da Floresta: Iniciação ao universo musical Indígena*. São Paulo: Peirópolis, 2017. Disponível em <https://www.cantosdafloresta.com.br/> acesso em 11 de set. 2021.

ALMEIDA, Berenice de; PUCCI, Magda. *Cantos da Floresta: Iniciação ao universo musical Indígena. Canto da Formiga*. Disponível em <https://www.cantosdafloresta.com.br/audios/canto-da-formiga/> acesso em 11 de set. 2021.

ALMEIDA, Berenice de; PUCCI, Magda. *Cantos da Floresta: Iniciação ao universo musical Indígena. Ouvindo e Cantando a Cantiga da Formiga*. https://www.cantosdafloresta.com.br/wp-content/uploads/2018/01/20-KAINGANG_OUVINDO-E-CANTANDO-A-CANTIGA-DA-FORMIGA.pdf acesso em 11 de set. 2021.

BUARQUE, Chico. *Roda Viva*. Disponível em <https://www.letras.mus.br/chico-buarque/45167/> acesso em 11 de set. 2021.

BUARQUE, Chico. *Roda Viva: Análise da Letra*. Disponível em <https://www.letras.mus.br/blog/analise-roda-vida-chico-buarque/> acesso em 11 de set. 2021.

CORDEIRO Antunes, J. L. ; PAULO RODRIGUES, M. C. ; TIRIBA, L. *NA MINHA TERRA GIRA O SOL, TAMBÉM GIRA A LUA: Ô, QUE TEMPO É ESSE, MEU DEUS? Revista Trabalho Necessário*, v. 19, n. 39, p. 1-5, 27 maio 2021.

Pardal. In: *Britannica Escola*. Disponível em <https://escola.britannica.com.br/artigo/pardal/482554> acesso em 09 de set. 2021.

PELIZZONI, Gisela; BAPTISTA, Luciano. *Passarinho, passarinhozinho*. Canção de autoria do grupo Leves Cantos. Disponível em <https://youtu.be/Q9TSRdIWpb0> acesso em 11 de set. 2021.

Tentilhão. In: *Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/busca?palavra=tentilh%C3%A3o&r=0&f=0&t=0> acesso em 09 de set. 2021.

Tentilhão. In: *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2021. Disponível em <https://dicionario.priberam.org/tentilh%C3%A3o> acesso em 09 de set. 2021.

Tentilhão. In: *Ache tudo e região*. Disponível em <https://www.achetudoeregiao.com.br/animais/tentilhao.htm> acesso em 09 de set. 2021.

Tentilhão. In: *Britannica Escola*. Disponível em <https://escola.britannica.com.br/artigo/tentilh%C3%A3o/481281> acesso em 09 de set. 2021.

Tentilhões de Darwin. Disponível em <http://labs.icb.ufmg.br/lbem/aulas/grad/evol/darwin/tentilhoes.html> acesso em 09 de set. 2021.

PRODUÇÃO PARTILHADA
ACALANTOS - PLAY LIST

https://youtube.com/playlist?list=PLN1gZldMtvIJjSF_EOKZp8jOuSu_z1XY4&si=yooMchI7DbhUkG_P